

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL

NATÁLIA AVILLA ANDRADE

O estudo lexical no artigo de opinião: uma reflexão sobre as atividades propostas no
Caderno da Cidade

Versão corrigida

SÃO PAULO
2024

NATÁLIA AVILLA ANDRADE

O estudo lexical no artigo de opinião: uma reflexão sobre as atividades propostas no
Caderno da Cidade

Versão corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Mariângela de Araújo

SÃO PAULO
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A553e ANDRADE, NATÁLIA AVILLA
O estudo lexical no artigo de opinião: uma reflexão sobre as atividades propostas no Caderno da Cidade / NATÁLIA AVILLA ANDRADE; orientadora MARIÂNGELA DE ARAÚJO - São Paulo, 2024.
187 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

1. LÉXICO. 2. MATERIAL DIDÁTICO. 3. COMPREENSÃO TEXTUAL. 4. DICIONÁRIO. 5. ARTIGO DE OPINIÃO. I. ARAÚJO, MARIÂNGELA DE, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): NATÁLIA AVILLA ANDRADE

Data da defesa: 25/03/2024

Nome do Prof. (a) orientador (a): MARIÂNGELA DE ARAÚJO

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 24/05/2024

Documento assinado digitalmente
MARIANGELA DE ARAUJO
Data: 23/05/2024 19:49:34-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

(Assinatura do (a) orientador (a))

ANDRADE, Natália Avilla. O estudo lexical no artigo de opinião: uma reflexão sobre as atividades propostas no *Caderno da Cidade*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Letras.

Aprovada em: 25 de março de 2024.

Banca examinadora

Profa. Dra. Mariângela de Araújo
(FFLCH-USP – orientadora)

Assinatura: _____

Prof. Dr. Márcio Sales Santiago
(FELCS - UFRN)

()

Assinatura: _____

Prof. Dr. Luís Henrique Serra
(Universidade Federal do Maranhão)

Assinatura: _____

*À Rozangela, minha tia, que sempre contribui, pelo exemplo, pela palavra e pela
ação, para meu crescimento científico e intelectual.
Ao Francisco, meu marido, e ao Ravi, meu filho, companheiros de jornada diária.*

AGRADECIMENTOS

À professora orientadora, Mariângela de Araújo, que com competência, respeito, delicadeza e generosidade me fez despertar para a área do léxico.

À professora Beatriz Daruj Gil e ao professor Luis Henrique Serra pelas orientações e valiosas contribuições durante a qualificação.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, pela oportunidade de estar na universidade discutindo teorias embasadas na prática e ampliando conhecimento.

Aos professores do Profletras que contribuíram para minimizar o hiato que existe entre as teorias e práticas educacionais e que me propiciaram ter outros olhares à minha prática docente.

Aos colegas do Profletras e, em especial, à Thatiana Galante de Sá, que mesmo distante se manteve próxima e teve a empatia de entender a minha situação durante o mestrado.

Ao meu marido, Francisco, que soube compreender alguns momentos de isolamento e afastamento familiar e que sempre me apoia na busca pelo aprimoramento intelectual e profissional.

À minha tia, Rozangela, que me apoiou e tornou possível que eu assistisse às aulas com um filho recém-nascido.

À minha mãe, Rosana, que acreditou que o título de mestre era possível e que enfrentou a travessia da cidade comigo e com o Ravi algumas vezes.

Ao meu pequeno e amado filho, Ravi, que me faz entender que amar é o sentido da vida.

“As palavras têm corpo e alma, mas são diferentes das pessoas em vários pontos. As palavras dizem o que querem, está dito, e ponto. As palavras são sinceras, as segundas intenções são sempre das pessoas”.

(FALCÃO, Adriana. **Pequeno dicionário de palavras ao vento**. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2013)

RESUMO

ANDRADE, N. A. **O estudo lexical no artigo de opinião**: uma reflexão sobre as atividades propostas no *Caderno da Cidade*. 2024. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

O estudo lexical desempenha um papel fundamental na educação básica, especialmente quando se refere ao uso das palavras e suas combinações (BIDERMAN, 2005; LEFFA, 2000; ANTUNES, 2012). Uma maneira de refletir sobre o ensino do léxico nas aulas de língua portuguesa é analisar os materiais didáticos (BEZERRA; DIONÍSIO, 2003; CRUZ, 2016) disponíveis e utilizados no contexto escolar como ferramenta que impulsiona o enriquecimento vocabular do indivíduo. Pensando nisso, este estudo se propõe a analisar as atividades propostas no *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* do 8.º e do 9.º ano, considerando o estudo lexical (BIDERMAN, 1998) como fundamental para a compreensão de textos (MARCUSCHI, 2011; KOCH; ELIAS, 2011). A análise empreendida averiguou as atividades referentes a um dos gêneros textuais da ordem do argumentar: o artigo de opinião. É por meio do texto que os estudantes podem desenvolver suas habilidades de leitura crítica, interpretação de texto e argumentação, por isso buscou-se verificar o papel da inferência do significado lexical no material em análise, refletindo sobre a importância desse processo cognitivo na compreensão textual (KOCH, 1993; MARCUSCHI, 1999; FERREIRA; DIAS, 2004; LISKA, 2012). Visou, ainda, a verificar se a consulta a dicionários é incentivada por atividades do material didático e como são as indicações de uso. Além da análise, é sugerida a ampliação e/ou substituição das atividades propostas no material em questão, com ênfase no estudo lexical como facilitador da compreensão de texto (KLEIMAN, 1987; GIL, 2016). A análise do material didático e as sugestões de atividades demonstraram como a ênfase no estudo das escolhas lexicais e o uso habitual do dicionário no contexto escolar podem promover a ampliação do repertório lexical dos estudantes, contribuindo para a aquisição de vocabulário e para o desenvolvimento de uma leitura mais crítica, fluente e autônoma por parte dos estudantes.

Palavras-chave: léxico, material didático, compreensão textual, dicionário, artigo de opinião.

ABSTRACT

ANDRADE, N. A. **The lexical study in the opinion article**: a reflection on the activities proposed in the *Caderno da Cidade*. 2024. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Lexical study plays a fundamental role in basic education, especially when it refers to the use of words and their combinations (BIDERMAN, 2005; LEFFA, 2000; ANTUNES, 2012). One way to reflect on lexicon teaching in Portuguese language classes is to analyze the educational materials (BEZERRA; DIONÍSIO, 2003; CRUZ, 2016) available and utilized in the school as a tool to enhance the individual vocabulary enrichment. Bearing this in mind, this study proposes to analyze the activities suggested in the *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* for the 8th and 9th grades, considering lexical study (BIDERMAN, 1998) as crucial for text comprehension (MARCUSCHI, 2011; KOCH; ELIAS 2011). The analysis undertaken investigated the activities related to one of the textual genres of argument order: (FIORIN, 2022): the opinion article. It is through text that students can develop their critical reading, text interpretation and argumentation skills, therefore, we sought to verify the role of inferring lexical meaning in the material under analysis, reflecting on the importance of this cognitive process in textual understanding (KOCH, 1993, MARCUSCHI, 1999; FERREIRA; DIAS, 2004; LISKA, 2012). It also aims to verify whether consultation of dictionaries is encouraged by educational material activities and how these are directed. In addition to the analysis, it is suggested to expand and/or replace the activities proposed in the material in question, with an emphasis on lexical study as a facilitator of text understanding (KLEIMAN, 1987; GIL, 2016). The analysis of the educational materials and the suggestions for activities brought about, such as the emphasis on the study of lexical choices and the habitual use of the dictionary in the school context, can promote the expansion of students' lexical repertoire, contributing to the acquisition of vocabulary and the development of a more critical, fluent and autonomous reading by students.

Keywords: lexicon, educational materials, text comprehension, dictionary, opinion article.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 119
- Figura 2 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 120
- Figura 3 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 121
- Figura 4 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 122
- Figura 5 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 123
- Figura 6 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 124
- Figura 7 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, pp. 124-125
- Figura 8 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, pp. 127.
- Figura 9 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 132
- Figura 10 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 133
- Figura 11 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 134
- Figura 12 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 136
- Figura 13 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 137
- Figura 14 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 138)
- Figura 15 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 139
- Figura 16 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 140

Figura 17 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 141

Figura 18 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 142

Figura 19 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 178

Figura 20 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 179

Figura 21 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 180

Figura 22 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 180

Figura 23 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 182

Figura 24 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 187

Figura 25 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, pp. 182-183

Figura 26 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 183

Figura 27 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, pp. 185-186

Figura 28 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 192

Figura 29 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 195

Figura 30 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 196

Figura 31 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 196

Figura 32 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 197

Figura 33 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 198

Figura 34 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 199

Figura 35 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 205

Figura 36 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 206

Figura 37 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 207

Figura 38 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 207

Figura 39 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 207

Figura 40 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 121

Figura 41 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 122

Figura 42 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 123

Figura 43 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 124

Figura 44 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 125

Figura 45 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 133

Figura 46 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 134

Figura 47 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 135

Figura 48 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 136

Figura 49 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 137

Figura 50 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 138

Figura 51 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 138

Figura 52 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 139

Figura 53 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 140

Figura 54 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 178

Figura 55 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 179

Figura 56 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 180

Figura 57 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 205

Figura 58 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 206

Figura 59 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 207

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

MEC - Ministério da Educação

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantificação das atividades analisadas - *Caderno da Cidade* do 8.º ano

Tabela 2 - Quantificação das atividades analisadas - *Caderno da Cidade* do 9.º ano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I - O trabalho de leitura e compreensão de textos em sala de aula.....	26
1.1 Ler e compreender textos na escola.....	26
1.2 O gênero textual em sala de aula.....	29
1.3 O texto argumentativo no contexto escolar.....	31
1.4 O artigo de opinião.....	33
CAPÍTULO II - O estudo do léxico e o material didático no contexto escolar.....	35
2.1 Definição de léxico e vocabulário.....	36
2.2 O ensino do léxico na escola.....	36
2.3 A leitura e as inferências do significado lexical.....	38
2.4 O uso do dicionário na escola.....	40
2.5 O papel do material didático dentro da escola.....	43
2.6 O estudo do léxico nos livros/materiais didáticos.....	45
CAPÍTULO III - Procedimentos metodológicos e análise do material didático.....	46
3.1 Procedimentos metodológicos.....	47
3.2. Apresentação da coleção Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa.....	47
3.3 Descrição e análise das atividades propostas no capítulo 3 do Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens - 8.º ano.....	49
3.4 Descrição e análise das atividades propostas na Unidade 4 do Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano.....	70
CAPÍTULO IV - Proposta didática: ampliação e substituição de atividades do Caderno da Cidade com ênfase na compreensão leitora e nos estudos lexicais.....	94
4.1 Estudo lexical e compreensão leitora de artigos de opinião.....	94
4.2 Ampliação ou substituição das atividades propostas no capítulo 3 do Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens - 8.º ano.....	94
5.3 Ampliação ou substituição das atividades propostas no capítulo 4 do Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS.....	131
ANEXOS.....	139
Anexo A - Artigo de opinião Imigração no Brasil: o medo infundado do outro e compilado das atividades (Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens de língua portuguesa do 8.º ano - pp. 119 a 131).....	139
Anexo B - Artigo de opinião A aurora da fronteira e compilado das atividades (Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens de língua portuguesa do 8.º ano - pp. 132 a 138).....	152
Anexo C - Artigo de opinião Não a criminalização do outro e compilado das atividades (Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens de língua portuguesa do 8.º ano - pp. 138 a 143).....	159
Anexo D - Artigo de opinião A ilusão das redes sociais e compilado das atividades (Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens de língua portuguesa do 9.º ano - pp. 176 a 192).....	165
Anexo E - Artigo de opinião Redes sociais sempre existiram e compilado das atividades (Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens de língua	

portuguesa do 9.º ano - pp. 195 a 199).....	182
Anexo F - Artigo de opinião Quem aguenta tanta opinião (e intolerância) nas redes sociais? e compilado das atividades (Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens de língua portuguesa do 9.º ano - pp. 205 a 207).....	186

INTRODUÇÃO

O estudo lexical desempenha um papel fundamental na educação básica, especialmente quando se refere ao uso das palavras e suas combinações. Ao aprender sobre o léxico, os estudantes são capazes de expandir seu vocabulário, aprimorar sua capacidade de compreensão e expressão oral e escrita. É por meio do estudo lexical que os estudantes podem desenvolver suas habilidades de leitura crítica, interpretação de texto e argumentação.

Os materiais didáticos utilizados nas escolas podem ter papel crucial no estímulo ao estudo lexical, uma vez que podem contribuir para a ampliação e o enriquecimento gradativo do vocabulário, com exercícios práticos, jogos de palavras, leituras contextualizadas e atividades de escrita, que são projetadas para melhorar o conhecimento vocabular do estudante.

Por isso, refletir sobre os materiais didáticos disponíveis e utilizados no contexto escolar para o ensino de língua portuguesa como língua materna e sobre as sequências de atividades neles propostas é relevante quando se busca por bons resultados de aprendizagem.

Os materiais didáticos devem oferecer conteúdos relevantes e atualizados, estruturados de forma organizada, com sequências de atividades coerentes e progressivas, de modo a facilitar o aprendizado dos estudantes. Também devem apresentar uma linguagem clara e acessível, com explicações concisas e exemplos práticos que ajudem na compreensão dos objetivos de aprendizagem.

Devem, ainda, estar a serviço da prática pedagógica docente, estimulando os estudantes para a aquisição do conhecimento, com propostas adaptáveis e personalizáveis de acordo com as necessidades e interesses dos estudantes, de forma a garantir uma aprendizagem mais significativa e engajadora.

Sobre o livro didático, Lajolo (1996, p. 4) afirma que sua escolha e utilização “precisam ser fundamentadas na competência dos professores que, junto com os alunos, vão fazer dele [livro] instrumento de aprendizagem”. Pietri (2009, p. 34) se refere aos materiais didáticos como mediadores “entre o que é estabelecido oficialmente como conteúdo programático para determinada disciplina, e as atividades a serem realizadas em sala de aula”.

A coleção *Cadernos da Cidade: saberes e aprendizagens* de língua portuguesa é um material que foi desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo e está articulado com o *Currículo da Cidade (2017)* e com as *Orientações Didáticas do Currículo da Cidade (2019)*, que, por sua vez, estão em consonância com a *Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017)*.

Trata-se de um material que deve ser utilizado durante as aulas de língua portuguesa, nas escolas municipais da cidade de São Paulo, com vistas a potencializar as possibilidades de implementação do currículo; por outro lado, não tem a pretensão de ser um material limitador do professor, que pode articulá-lo com materiais complementares. Na introdução da coleção, o então Secretário Municipal da Educação, Alexandre Schneider, ressalta que o *Caderno da Cidade*, dentre outros materiais da Rede, abre espaço para que o professor não perca seu lugar de professor-autor

[...] pois as sequências de atividades não ocuparão todas as aulas. Elas podem ser trabalhadas em, no mínimo 3 (três) aulas, das 5 (cinco) disponíveis para o componente curricular de Língua Portuguesa, por exemplo. Dessa forma, o que apresentamos nesta coleção não são receitas, mas caminhos possíveis para um trabalho articulado com o Currículo da Cidade e demais documentos da Rede (SÃO PAULO, 2019, p. 3).

O objetivo geral da presente pesquisa é a análise das atividades que requerem, por parte do estudante, a leitura de um artigo de opinião proposta na coleção dos *Cadernos da Cidade: saberes e aprendizagens* de língua portuguesa, do 8.º e do 9.º ano, para verificar o tratamento dado ao léxico nesse material didático. A motivação para este trabalho surge da observação, pela professora-pesquisadora, da dificuldade que os estudantes encontram para compreenderem os artigos de opinião constantes do *Caderno da Cidade* - material didático usado nas aulas -, oriunda da incompreensão de vocábulos presentes nos textos.

Estudos anteriores apontam

[...] que o ensino do léxico ocupa um lugar marginal no interior de alguns programas escolares além de, quando tratado como objeto de ensino, não atinge a dimensão da textualidade, ou seja, não é visto como componente fundamental da construção textual dos sentidos. (ANTUNES, 2012, p. 24)

A gramática foi, por muito tempo, priorizada nas aulas de língua portuguesa com o pretexto de que saber gramática é saber falar bem. No entanto, os estudos que dão destaque à morfologia, por exemplo, o fazem de forma pouco contextualizada, com a utilização de listas e tabelas de palavras sem embasamento em textos (SOUZA, 2021, p. 532). Adotar um ensino de gramática que prioriza a forma da língua, em uma perspectiva prescritiva, é ignorar que “a gramática deve estar a serviço do sentido, da construção do sentido, da interpretação e da produção de textos” (OLIVEIRA, 2021, p. 75).

O contato com a gramática é importante, mas, para além da gramática, “[...] toda língua possui [...] um léxico variado, que também precisa ser amplamente conhecido, o que significa dizer que a gramática sozinha nunca foi suficiente para alguém conseguir ampliar e aperfeiçoar seu desempenho comunicativo” (ANTUNES, 2003, p. 88).

Um dos principais objetivos da escola, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de língua materna, é ensinar os estudantes a ler, compreender e elaborar textos que participem dos gêneros em que eles ainda não têm muita proficiência. Para tanto, além de conhecer as especificidades do gênero textual a ser trabalhado, é preciso dominar um conjunto de regras gramaticais que especificam o funcionamento de uma língua e ter um repertório vocabular amplo e diversificado: “[...] a ampliação do repertório lexical do aluno deve ser um dos objetivos prioritários do ensino de línguas” (ANTUNES, 2010, p. 178), conforme ressaltam Ferreira e Vieira (2013, p. 31)

[...] o léxico, entendido como o conjunto de palavras por meio do qual se cumprem os propósitos comunicativos dos seres humanos, deve ocupar um papel de destaque no estudo da língua, pois é por meio dele que se pode integrar linguagem e sociedade, bem como compreender dados ligados à história e à visão de mundo de um determinado grupo de pessoas.

Nos materiais didáticos, as atividades que promovem o estudo do léxico aparecem de forma tímida (ANTUNES, 2012), mesmo sabendo que a dificuldade com vocabulário compromete a fluência em leitura, compreensão e produção textual. Krieger (2012, p.13) considera que “um bom domínio do léxico não é o único fator, mas é condição indispensável para alcançar um resultado positivo nas competências visadas pelos ensinamentos de língua materna.”

Em geral, as atividades que exploram itens lexicais são voltadas para o significado das palavras supostamente desconhecidas, exploram sinônimos e antônimos, privilegiam o sentido literal das palavras, concentram-se na substituição de palavras ou frases de significados idênticos ou opostos e não levam em consideração o estudo do léxico contextualizado dentro de um texto (ANTUNES, 2010, p. 135).

Nesta pesquisa, busca-se também verificar o papel da inferência do significado lexical no material em análise, refletindo sobre a importância desse processo cognitivo na compreensão textual. Especificamente, sobre inferência do significado lexical, Liska (2012, p. 3) assevera que ela “[...] está intimamente ligada ao conhecimento preexistente, a nível linguístico e enciclopédico, dos itens lexicais que rodeiam determinada palavra e/ou da composição morfológica e possibilidades sintáticas e semânticas de uso desta”.

Segundo Koch (1993, p. 400),

[...] as inferências podem ser vistas como processos cognitivos através dos quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação textual explicitamente veiculada e levando em conta o contexto, constrói novas representações semânticas.

Marcuschi (2000, p. 23) afirma que “[...] inferir é realizar um raciocínio em que com base em alguns conhecimentos (pessoais, textuais, contextuais, enciclopédicos etc.) relacionados se chega a outros conhecimentos (não necessariamente novos)”.

Por conseguinte, é a partir do conhecimento linguístico e de mundo que o leitor consegue estabelecer relações de sentido, definindo significados plausíveis e permitidos pelo texto “embora o texto carregue um sentido pretendido pelo autor, ele é polissêmico e, como tal, oferece possibilidades de ser reconstruído a partir do universo de sentidos do receptor, que lhe atribui coerência através de uma negociação de significados” (FERREIRA; DIAS, 2004, p. 440). Em vista disso, quanto maior o conhecimento linguístico, sociocognitivo e interacional do leitor, melhor ele desempenha esse processo cognitivo, que apreende e interpreta a intenção do autor de um texto.

Além dos conhecimentos supramencionados, vale reiterar a relevância de se pensar no emprego das palavras e nas relações de sentido que estabelecem em contextos diferentes, considerando a polissemia e a parassinonímia de um item lexical, posto que o indivíduo que emprega bem o léxico é aquele que “conhece mais

contextos de usos de determinada unidade lexical, o que faria dele possuidor de um léxico mais *enriquecido*” (GIL, 2019, p. 46).

As ações de linguagem são construídas com as palavras, portanto para se estudar os textos é preciso explorar as questões de vocabulário: “[...] o objetivo do ensino do léxico é fazer com que o aluno possa utilizar-se adequadamente dos vários sentidos das palavras e perceber os melhores efeitos de uso dos vocábulos em textos [...]” (COSTA, 2016, p. 112).

O vocabulário utilizado é escolhido considerando o gênero do texto em que ele está inserido, pois cada gênero possui características específicas, como objetivo comunicativo, estilo, estrutura, público-alvo e, conseqüentemente, requer um uso particular das palavras e expressões.

Sabendo que a escolha das palavras é fundamental para a qualidade da comunicação e conhecer o significado das palavras é importante para a compreensão do sentido global do texto, a presente pesquisa visa, ainda, a verificar se a consulta a dicionários é incentivada por atividades do material didático e como são as indicações de uso. Segundo Krieger (2011, p. 141)

[...] o aproveitamento do dicionário é muito incipiente nos próprios livros didáticos aprovados pelo PNLD. São muito poucos os exercícios que propõem, ao modo de uma complementaridade, o uso do dicionário para que o aluno entenda bem, por exemplo, a concretização textual dos processos de polissemia, de compreensão mesmo do papel dos contextos para o domínio dos sentidos.

Nesse sentido, também se pretende demonstrar como o uso habitual do dicionário no contexto escolar pode promover a ampliação do repertório lexical dos estudantes, contribuindo para a aquisição de vocabulário e promovendo sua autonomia na leitura e na produção de textos. Carvalho (2013, p. 32) assegura que

Atividades de consulta ao acervo [de dicionários] certamente levam o aluno a aprender palavras novas, com suas respectivas características semânticas e morfossintáticas, e novos significados de palavras que já conhece, expandindo, de fato, seu vocabulário.

Assim como o ensino do léxico ocupa um lugar secundário nos programas escolares e, conseqüentemente, nos materiais didáticos, o interesse pelo uso do dicionário é incipiente, como afirma Antunes (2012, p. 138)

[...] ainda não podemos registrar um grande interesse da escola pelos estudos em torno do dicionário (quer dizer, pela lexicografia) nem pela análise sistemática e fundamentada dos diferentes tipos de dicionário (quer dizer, pela metalexicografia), sobretudo nessa perspectiva de descobrir em suas linhas traços da memória cultural de um povo.

O uso do dicionário em sala de aula atualmente costuma ser pouco incentivado - talvez por interpretações equivocadas das inovações em ensino de língua e por usos inapropriados realizados no passado -, e os estudantes terminam a educação básica sem desenvolver a proficiência de busca, processamento e compreensão das informações lexicográficas que constam neste “[...] instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita [...]” (RANGEL; BAGNO, 2009, p. 27).

Vale lembrar a necessidade de que o professor de língua portuguesa tenha “um sólido conhecimento sobre a composição e organização do léxico [...]” (COSTA, 2015, p. 110) para que possa promover o uso proficiente do dicionário em sala de aula, orientando os estudantes “para a ajuda que o texto lexicográfico é capaz de proporcionar-lhe como complemento didático” (ALVES, 2019, p. 59), já que “os dicionários são as únicas descrições globais dos léxicos das línguas” (BIDERMAN, 1996, p. 33).

A presente dissertação é composta por seis partes, sendo a primeira delas esta introdução, em que são apresentados os objetivos e a motivação que suscitaram o desenvolvimento da investigação. Sequencialmente, nos dois primeiros capítulos, é apresentada uma parte teórica, que busca sustentar teoricamente as análises realizadas acerca da descrição elaborada.

No capítulo I, aborda-se a questão do trabalho de leitura e compreensão de textos em sala de aula e como se dá o estudo do texto argumentativo no contexto escolar, com enfoque no artigo de opinião. Para isso, utilizam-se como aporte teórico os estudos de Antunes (2010), Fiorin (2022), Kleiman (2002), Koch e Elias (2011; 2016), Marcuschi (2008; 2010), dentre outros. No capítulo II, discorre-se sobre o estudo do léxico na escola, o papel das inferências do significado lexical, o uso do dicionário no contexto escolar, o papel do material didático dentro da escola e o estudo do léxico nesse material. Para tanto, utilizam-se os trabalhos de Antunes (2012), Marcuschi (1999), Koch (1993; 1996), Rangel (2011), Fleury (1961), para citar alguns autores.

No capítulo III, estão os procedimentos metodológicos e a análise do material didático. Descreve-se criticamente as atividades propostas no *Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens* de língua portuguesa, do 8.º e do 9.º ano, buscando explicitar como o referido material apresenta as questões lexicais e suas abordagens, identificando a presença ou ausência de atividades que desenvolvam a competência lexical e que envolvam o estudo da palavra para facilitar a leitura e compreensão de textos. Busca-se, assim, investigar se o estudo da palavra é uma habilidade a ser desenvolvida com a realização das atividades propostas no material didático, bem como se estas envolvem o reconhecimento, a identificação e a inferência do sentido das palavras e expressões.

No capítulo IV, apresenta-se um conjunto de atividades que possam ampliar ou substituir as atividades descritas, tendo em vista o que foi encontrado na análise e o quanto as atividades descritas favorecem o ensino sistematizado do léxico. Destacam-se, na proposta, aquelas que fazem uso do dicionário como ferramenta que amplia a competência lexical dos estudantes, aprofunda o funcionamento social da escrita e favorece a autonomia dos estudantes em leituras e produções posteriores. Buscam-se referências bibliográficas que corroborem as considerações feitas e que amparem as atividades propostas, como sugestão de um trabalho que preconiza a aquisição do léxico e o enriquecimento vocabular. Todas as atividades podem servir como modelo ou referência para um plano de trabalho docente.

A última parte são as considerações finais, na qual é feito um apanhado dos assuntos discutidos no decorrer da dissertação e as conclusões a que se chegou durante a pesquisa. Além da introdução, dos quatro capítulos e das considerações finais, esta dissertação conta com os anexos, compostos pelas páginas, na íntegra, do *Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens* do 8.º e 9.º ano que foram analisadas na presente pesquisa.

CAPÍTULO I - O trabalho de leitura e compreensão de textos em sala de aula

1.1 Ler e compreender textos na escola

A leitura e a compreensão de textos são habilidades fundamentais para o aprendizado e a aquisição do conhecimento. É por meio da leitura e compreensão de textos que o ser humano tem acesso a uma grande variedade de informações, ideias e culturas, o que o ajuda a expandir seus horizontes e construir um conhecimento sólido.

A leitura e a compreensão de textos permitem que o leitor aprenda sobre o mundo, aproxime-se de outras realidades e amplie suas perspectivas, visto que a compreensão de um texto lido é “[...] um processo criador, ativo e construtivo que vai além da informação estritamente textual.” (MARCUSCHI, 2008, p. 269)

Segundo Lerner (2002, p.17), a escola tem o grande desafio de incorporar todos os estudantes à cultura da escrita

Participar na cultura escrita supõe apropriar-se de uma tradição de leitura e escrita, supõe assumir uma herança cultural que envolve o exercício de diversas operações com os textos e a colocação em ação de conhecimentos sobre as relações entre os textos; entre eles e seus autores; entre os próprios autores; entre os autores, os textos e seu contexto...

Na instituição escolar a leitura é objeto de ensino e para que se torne objeto de aprendizagem os estudantes precisam encontrar sentido naquilo que leem. Isso significa que os estudantes precisam reconhecer a leitura como ação para a realização de um propósito que eles conhecem e valorizam.

A leitura, portanto, não pode se afastar de seu propósito social. A mesma autora afirma que a escola precisa ser uma comunidade de leitores que busca os textos para encontrar respostas para os problemas que precisam resolver.

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando respostas para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentar para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para rebater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver

outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos [...]. (LERNER, 2002, p. 17-18)

Acentua-se que a leitura não é uma prática escolar, mas uma prática social escolarizada, uma vez que uma pessoa pode aprender a ler sem ter ido para a escola ou, tendo aprendido a ler na escola, pode desenvolver habilidades de leitura diferentes daquelas que a escola lhe apresentou.

Contudo, a escola, para muitos, representa a única agência de letramento sendo “a única possibilidade para determinadas comunidades de terem acesso aos bens sociais e culturais mais valorizados socialmente numa sociedade letrada [...]” (PIETRI, 2009, p. 11). Por isso, a escola precisa ir além do ensino de decodificação das palavras, ainda que as habilidades necessárias para a decodificação sejam primordiais para a leitura de um texto.

Ler é compreender o significado das palavras e percebê-las globalmente, inferir informações implícitas com base no conhecimento prévio e nas próprias hipóteses de leitura, identificar a intenção do autor e fazer conexões entre diferentes ideias, pois é “[...] no uso efetivo da língua e de modo especial no texto em sua relação com seu leitor ou ouvinte que o sentido se constitui.” (MARCUSCHI, 2008, p. 234).

Ler é, ainda, “uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar” (CAGLIARI, 2009, p. 148).

Vale frisar que as práticas de leitura na escola representam a diminuição da desigualdade social na medida em que

Pensar no ensino da leitura na escola, significa pensar na distribuição social do escrito, isto é, considerar que os materiais escritos circulam na sociedade de modo desigual, [...] apenas uma minoria tem acesso aos produtos escritos mais valorizados socialmente. (PIETRI, 2009, p. 12)

Como afirmado, não basta falar de decodificação do texto escrito na escola. É preciso ressaltar a importância da capacidade de entender e interpretar o significado do que está sendo lido, portanto é preciso falar sobre a compreensão textual: “compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma

forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.” (MARCUSCHI, 2008, p. 230).

A compreensão de texto é um processo cognitivo, uma vez que “[...] faculdades mentais acham-se em ação” (MARCUSCHI, 2008, p. 239). É nesse processo de compreensão que desenvolvemos atividades inferenciais:

[...] compreender é partir de conhecimentos (informações) trazidos pelo texto e dos conhecimentos pessoais (chamados de conhecimentos enciclopédicos) para produzir (inferir) um sentido como produto de nossa leitura. Compreender um texto é realizar inferências a partir das informações dadas no texto e situadas em contextos mais amplos.” (MARCUSCHI, 2008, p. 239)

Isso posto, percebe-se que os conhecimentos prévios exercem grande influência para a compreensão de um texto. Segundo Marcuschi (2008, p. 239), fazem parte dos conhecimentos prévios os conhecimentos linguísticos, factuais (enciclopédicos), específicos (pessoais), de normas (institucionais, culturais, sociais) e lógicos (processos). São esses conhecimentos, mobilizados no momento da leitura, que influenciam na construção do sentido de um texto.

Segundo Kleiman (2002, p. 43-44), há ainda duas atividades, de natureza metacognitiva, que são relevantes para a compreensão do texto escrito: “o estabelecimento de objetivos e a formulação de hipóteses”. A autora afirma que “[...] são atividades que pressupõem reflexão e controle consciente sobre o próprio conhecimento, sobre o próprio fazer, sobre a própria capacidade”.

O conhecimento metacognitivo é desenvolvido ao longo dos anos de uma pessoa e “as crianças pequenas mostram maiores dificuldades para avaliar o próprio conhecimento [...], isto é, para controlar o conhecimento ou para refletir sobre ele” (KLEIMAN, 2002, p. 35).

Percebe-se, portanto, que a compreensão textual é uma atividade extremamente complexa que depende de vários fatores como o conhecimento dos elementos linguísticos, esquemas cognitivos, bagagem cultural, circunstâncias em que o texto foi produzido (KOCH; ELIAS, 2011, p. 24). A compreensão de textos é uma tarefa que exige maturidade.

A compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais. Para se compreender bem um texto,

tem-se que sair dele, pois o texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio e esse é um aspecto notável quanto à produção de sentido. (MARCUSCHI, 2008, p. 233)

As inferências lidam com as relações entre fenômenos linguísticos, antropológicos, psicológicos e factuais e “são provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência” (MARCUSCHI, 2008, p. 249). Ou seja, o leitor considera a informação textual e seu respectivo contexto para construir nova representação semântica.

Segundo Marcuschi (2008, p. 252), “as inferências são produzidas com o aporte de elementos sociossemânticos, cognitivos situacionais, históricos, linguísticos, de vários tipos que operam integradamente”.

Como a compreensão é “uma atividade de relacionar conhecimentos, experiências e ações num movimento interativo e negociado” (MARCUSCHI, 2008, p. 252) é necessário selecionar, criteriosamente, os textos que serão lidos na escola, levando em consideração que o autor mobiliza um conjunto de conhecimentos para a produção do texto e espera, por parte do leitor, que este considere esses conhecimentos (de língua, de gênero textual e de mundo) no processo de leitura e construção de sentido (KOCH; ELIAS, 2011, p. 27). Os textos com os quais se trabalha na escola podem trazer desafios ao leitor, mas, nesse caso, é necessária uma leitura mediada pelo professor, que vá construindo a autonomia do leitor para o enfrentamento de outras leituras desafiadoras.

Somente com uma seleção textual criteriosa é possível atingir os objetivos esperados e alcançar níveis de proficiência, na leitura e na compreensão textual, adequados e capazes de impulsionar a qualidade do ensino de língua portuguesa na escola.

1.2 O gênero textual em sala de aula

Uma das mudanças no ensino de língua portuguesa que vem ocorrendo nas últimas décadas é a priorização do desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita por meio do trabalho com textos (BRASIL, 2018, p. 67).

Esses textos participam ou remetem aos diferentes gêneros textuais (BEZERRA, 2022, p. 46)¹, que ao serem explorados, pelos professores, em sala de aula, podem proporcionar aos estudantes o contato com diferentes textos que fazem parte das práticas discursivas e textuais que organizam a vida em sociedade, uma vez que “[...] os gêneros nos ajudam a ordenar a maneira como respondemos às demandas comunicativas e interacionais cotidianas” (BEZERRA, 2022, p. 18).

O trabalho com os gêneros textuais em sala de aula contribui para o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita, oportuniza a ampliação do repertório linguístico dos estudantes e a compreensão da variedade de formas de comunicação escrita presentes na sociedade. Segundo Bakhtin (2016, p. 41):

Quanto mais dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que os empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade [...], refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação - em suma, tanto mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso.

O domínio das formas e das possibilidades dos diferentes gêneros textuais propicia aos estudantes identificar, a partir da situação em que estão inseridos, a melhor forma de expressar o que querem comunicar, numa estrutura adequada e de acordo com determinadas sequências linguísticas. A propósito desse fato é oportuna a observação de Boff, Köche e Marinello (2009, p. 2):

Na medida em que os gêneros estão intimamente ligados às mais variadas mobilizações humanas, cabe à escola protagonizar ações que permitam ao estudante conhecer a especificidade e a finalidade de cada gênero, considerando-se as necessidades enfrentadas no dia-a-dia.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 22), é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto e por algum gênero. Isto posto, sabe-se que os estudantes chegam à escola produzindo textos, ao menos os orais, e se comunicam por meio de gêneros, ainda que não tenham esse saber sistematizado. Nesse contexto, “os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2010, p. 23).

¹ O autor destaca que o texto não é de determinado gênero, excluindo a possibilidade de pertença e considerando a ideia de participação.

Ora, o estudante chega à escola com um repertório textual determinado e construído com base em suas experiências cotidianas. A escola precisa ampliar esse repertório textual apresentando-lhe diversos textos que participam de diversos gêneros textuais, ou seja, o ensino de língua materna precisa estar fundamentado nos gêneros textuais, sobretudo naqueles textos que participam de gêneros com os quais os estudantes têm pouca ou nenhuma familiaridade.

É indispensável que a escola crie situações que oportunizem aos estudantes a vivência dos usos sociais que se fazem pela escrita, de forma a ampliar suas habilidades como sujeito interlocutor, atuando e se comunicando em diferentes esferas sociais.

1.3 O texto argumentativo no contexto escolar

Partindo da premissa de que é por meio do uso do texto que se estabelece a comunicação, o texto argumentativo, oral ou escrito, obedece a padrões regulares de organização que visa a defender ideias, opiniões ou pontos de vista de forma coerente, usando evidências, raciocínio lógico e fundamentos sólidos. Busca-se, com o texto argumentativo, expressar a própria opinião de maneira convincente, buscando persuadir o interlocutor sobre a validade das ideias expostas, pois é por meio da fala ou da escrita que se tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que o outro compartilhe das opiniões expostas (ELIAS, 2016, p. 110).

Ao fazer uso do texto argumentativo, é possível estruturar as próprias ideias e confrontá-las com a divergência de opinião, o que contribui para o desenvolvimento pessoal e aprimoramento do debate democrático.

Os teóricos da argumentação advogam que toda ação de linguagem é, essencialmente, argumentativa, no sentido de que há sempre, clara ou velada, uma pretensão de se conseguir a adesão do interlocutor e ganhar sua concordância. Nesse sentido é que se diz que não existe neutralidade nas atividades de linguagem. Ou seja, nada do que se diz é totalmente despojado de alguma intenção, seja ela clara, declarada, seja ela velada (ANTUNES, 2010, p. 70).

No contexto escolar, o ensino da argumentação desempenha um papel crucial no desenvolvimento dos estudantes. Com o intuito de aprimorar a argumentação, os estudantes são incentivados a pesquisar, analisar diferentes perspectivas, organizar

suas ideias e desenvolver raciocínio lógico. Isso contribui para a formação de cidadãos críticos e capacitados a participar ativamente da sociedade.

Koch e Elias (2016, p. 23) afirmam que “quanto mais amplos forem os nossos conhecimentos, mais sentidos construiremos e mais condições teremos de desenvolver eficazmente a argumentação”. Salienta-se que é pelo ensino e pela interação com os textos argumentativos que os estudantes podem aprender a argumentar.

A argumentação está presente no dia a dia de forma constante. Segundo Fiorin (2022, p. 11), “o aparecimento da argumentação está ligado à vida em sociedade e, principalmente, ao surgimento das primeiras democracias”.

Ao debater sobre questões familiares, políticas, sociais ou até mesmo ao expressar as próprias opiniões em uma conversa informal, utiliza-se a argumentação para defender o posicionamento e persuadir o interlocutor, pois “quem argumenta, valendo-se em especial de argumentos, objetiva levar o interlocutor a adotar uma posição, conduzi-lo a aceitar o que é transmitido, fazê-lo crer naquilo que é dito” (PASSARELLI, 2012, p.240). Ou seja,

Argumentar é tentar influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos cuja constituição demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, visando à adesão do interlocutor (KOCH; ELIAS, 2016, p. 34).

Um argumento é um conjunto de razões, fatos, provas ou exemplos que servem para sustentar uma afirmação ou tese. Ele é construído com base em informações relevantes e confiáveis, tendo como objetivo convencer o público-alvo da validade de um ponto de vista. Passarelli (2012, p. 240) define o argumento como “uma manifestação linguística, construída por enunciados que, relacionados uns com os outros, incluem uma asserção capaz de levar a uma conclusão”.

O bom argumento é aquele que apresenta coerência, consistência, clareza e corroboração, ou seja, está baseado em evidências sólidas e tem uma estrutura lógica bem fundamentada, além de se apoiar em outras vozes que se cruzam, concordam e discordam entre si e se contrapõem. Fiorin (2022, p.78) afirma que “[...] bem argumentar implica conhecer o que move ou comove o auditório a que o orador se destina”. Sendo assim, o orador precisa conhecer o seu auditório para construir o

seu discurso. Fiorin (2022, p. 79) acrescenta que “o orador sempre escolhe e articula seus argumentos em função de um ponto de vista sobre o auditório”.

Uma última consideração a destacar sobre os textos argumentativos é a presença de um aspecto essencial: a escolha das palavras precisas para a construção do discurso; em outros termos, a seleção lexical deve estar a serviço do objetivo da argumentação, pois: “[...] a argumentação é uma questão de linguagem [...] nela o enunciador trabalha com a pluralidade de sentidos de uma palavra, com as ambiguidades. É ela que permite os jogos de palavras, os sofismas” (FIORIN, 2022, p. 83). Sobre isso, Koch e Elias (2016, p. 33) afirmam que “[...] o léxico das várias línguas é rico em variações que cabe ao falante saber empregar no momento oportuno. [...] uma boa seleção lexical é indispensável para tornar o texto mais atraente, mais produtivo, mais apto a produzir os efeitos desejados”.

O domínio das formas e das possibilidades de uso do texto argumentativo, seja ele oral ou escrito, representa uma parte do processo de aprendizagem fundamental para o estudante, dado que permite a expressão do pensamento, de diferentes pontos de vista promovendo o debate abrangente, inclusivo e enriquecedor.

1.4 O artigo de opinião

O artigo de opinião é um texto que se vale “da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa” (BOFFE; KÖCHE; MARINELLO, 2009, p. 3). Caracteriza-se por expressar o ponto de vista de cunho pessoal e subjetivo de um autor sobre determinado tema ou assunto.

Esse gênero textual está inserido na relação dos textos dissertativos-argumentativos que “toma um assunto atual no momento em que foi escrito, de interesse da sociedade, [...] escrito por um ou mais autores denominados de articulistas, responsáveis pela opinião expressa” (ZANINI, 2017, p. 57), que sendo “[...] jornalista profissional ou não, normalmente é uma autoridade no assunto ou uma ‘personalidade’ cujas posições sobre questões debatidas publicamente interessam a muitos.” (SEVERIANO et. al., 2019, p. 19).

Os artigos de opinião costumam circular em veículos tipicamente jornalísticos e de grande penetração popular e estão dirigidos para um leitor que “[...] o jornal

considera como potencialmente envolvido no debate, na qualidade de cidadão [...]” (SEVERIANO et. al., 2019, p. 41).

Embora tenha como característica a subjetividade de quem escreve, o artigo de opinião precisa estar fundamentado em argumentos científicos, ideológicos, universais e quantitativos que sustentem a tese defendida, para se conseguir a adesão do interlocutor e ganhar sua concordância.

A fim de se obter a compreensão do leitor, faz-se necessária a apresentação de explicações que sejam suficientes, bem como a utilização de argumentos que compartilhem ou se relacionem com a experiência pessoal de quem lê. Para que um texto seja convincente, é preciso que seu leitor vá aceitando gradativamente a tese defendida. (PASSARELLI, 2012, p. 249)

Segundo Severiano et al. (2019, p.114), o articulista precisa definir os argumentos de acordo com o tema escolhido e com o público para quem escreve, pois “quanto mais o articulista dominar o tema sobre o qual está escrevendo e conhecer o perfil e as expectativas do auditório a quem se dirige, maiores serão as chances dele de elaborar uma estratégia argumentativa eficaz”.

O artigo de opinião segue uma organização estrutural que não é fixa em relação aos elementos necessários, mas, geralmente, apresenta

[...] o assunto em discussão, o ponto de vista assumido/ a tese defendida, os argumentos que sustentam a posição assumida, os contra-argumentos, as possíveis posições contrárias e os argumentos que refutam tais posições, e, na conclusão, a recuperação do ponto de vista/ da tese defendida (PASSARELLI, 2012, p. 262-262)

A tese, por sua vez, é “[...] uma hipótese eleita dentre outras, considerando a possibilidade que o autor tem de comprová-la ou desconstruí-la.” (ZANINI, 2017, p. 47).

O ponto de vista é único, determinado pelo lugar de onde o autor observa o objeto em investigação. Por isso,

[...] o ponto de vista de cada sujeito, mesmo sendo condizente com o de outros sujeitos, permite-lhe construir uma opinião diferente ou corroborar outras com novas provas. [...] O ponto de vista é, pois, a perspectiva pela qual o sujeito analisa o objeto observado. Dessa perspectiva, constrói a sua opinião. (ZANINI, 2017, p. 47)

A argumentação, segundo Zanini (2017, p. 48), “[...] é produzida por meio de fatos, provas e justificativas com o objetivo de convencer o leitor de que a tese deve ser considerada e de dar credibilidade ao que o autor defende”.

A conclusão “visa ao fechamento das ideias compostas pelo ponto de vista, argumentos e provas, com vistas a deixar clara a opinião [...]” (ZANINI, 2017, p. 54). Severiano et al., (2019, p. 98), entretanto, asseguram que

[...] a conclusão não é apenas o fechamento do texto, mas, principalmente, o ponto de chegada de todo o raciocínio desenvolvido. A função principal da conclusão é (re)apresentar explicitamente a opinião do articulista. Mesmo que ela já tenha aparecido na introdução - ou, menos provavelmente, no desenvolvimento -, é na conclusão, ou seja, depois de todo um adequado trajeto argumentativo, que ela aparece como opinião fundamentada e, portanto, como tese.

O artigo de opinião, portanto, “organiza-se com o objetivo de manifestar o juízo pessoal, segundo o ponto de vista de quem o escreve” (ZANINI, 2017, p. 57) e desempenha um papel fundamental na sociedade, ao fomentar o debate, promovendo a diversidade de perspectivas, estimulando o pensamento crítico e incentivando a participação cívica. É uma ferramenta poderosa para influenciar e moldar a opinião pública, bem como para impulsionar mudanças sociais significativas.

Ao ser trabalhado na escola, prepara os estudantes para enfrentar desafios acadêmicos e sociais, formando cidadãos conscientes, reflexivos e capazes de se posicionar de forma fundamentada. Cabe lembrar ainda que os textos argumentativos serão, provavelmente, os mais exigidos dos estudantes em sua vida cotidiana.

CAPÍTULO II - O estudo do léxico e o material didático no contexto escolar

2.1 Definição de léxico e vocabulário

Para que se possa abordar o ensino-aprendizagem de léxico na escola, é necessário que seja estabelecido o que se entende por léxico. Além disso, como os materiais didáticos utilizam muito o termo vocabulário, faz-se também necessário abordá-lo. Não se fará aqui uma revisão bibliográfica sobre a abordagem desses conceitos nos estudos lexicais; entretanto, é indispensável que sejam explicitadas as definições adotadas no âmbito deste trabalho.

Segundo Antunes (2012), entende-se por léxico “o amplo repertório de palavras de uma língua, ou conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p. 27).

Para Biderman (1996, p. 27), “[...] o léxico é o lugar de estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”. A autora acrescenta ainda que “[...] o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras - os signos linguísticos” (1996, p. 28).

Enquanto o léxico abarca um conjunto de palavras ou expressões de determinada língua, o vocabulário, menos abrangente, é o conjunto de palavras que uma pessoa conhece e utiliza em sua fala e escrita. Segundo Bezerra (1999, p.2), em *Lexicologia*, “vocabulário remete ao conjunto de palavras, efetivamente, utilizadas pelas pessoas ou grupos sociais”.

Sendo assim, neste trabalho, o léxico é entendido como a totalidade de palavras disponíveis para o uso, que estejam, ou não, registradas no dicionário de uma determinada língua; enquanto o vocabulário é constituído pelas palavras utilizadas por um falante em suas atividades comunicativas.

2.2 O ensino do léxico na escola

O estudo do léxico ocupa um lugar marginal e irrelevante nas aulas de língua portuguesa (ANTUNES, 2012). Por outro lado, a gramática, por muito tempo, exerceu papel hegemônico nas atividades escolares e era ensinada de forma descontextualizada. Hoje, o estudo de uma língua precisa ser contextualizado e a unidade linguística básica do trabalho é o texto (GIL, 2017; KOCH; ELIAS, 2011; ANTUNES, 2014). É no texto que a língua em funcionamento torna-se linguagem.

Por sua vez, léxico e gramática precisam ser estudados conjuntamente para se obter os sentidos possíveis de um texto. Antunes (2012, p. 115) afirma que “[...] os sentidos de um texto resultam de fato, de uma construção em que se mobilizam categorias do léxico e categorias da gramática” e que, portanto, “[...] nenhum discurso - do ponto de vista linguístico - é possível fora do léxico e fora da gramática da língua” (p. 118).

Na escola, estuda-se uma grande diversidade de gêneros do discurso para a formação de leitores e produtores de textos proficientes. No entanto, para garantir dita proficiência, é preciso que o usuário da língua saiba utilizar bem as palavras e associá-las adequadamente do ponto de vista sintático.

[...] o ensino sistematizado do léxico pode otimizar o domínio ao menos do vocabulário básico, ou seja, das unidades léxicas de alta frequência na língua, o que certamente contribuirá para o entendimento dos textos das demais disciplinas da grade curricular. (XATARA, 2008, p. 23)

Utilizar bem as palavras seria, portanto, ter competência lexical para fazer a melhor escolha das palavras que tragam o efeito de sentido que se quer no texto, tendo a consciência de que os itens lexicais funcionam no processo enunciativo e seus significados se dão na atividade de textualização. Antunes (2012, p. 91) assevera que toda interação verbal se faz em textos que “inevitavelmente, mobilizam o repertório lexical da língua e toda nossa capacidade de escolher as palavras que nos permitam dizer o que queremos dizer [...]”.

Salienta-se que a escolha das palavras num texto não é aleatória e, além das propriedades semânticas que elas carregam, no momento da escolha, outros conhecimentos sobre essas palavras são mobilizados. Segundo Gil (2016, p. 459) “são as variantes diacrônicas, geográficas, sociais e estilísticas, além do gênero discursivo a que pertence determinado texto, que governam o uso das palavras”. As palavras servem para expressar uma intenção ou um propósito e interferem na coerência do texto. Portanto, quanto maior o repertório lexical do indivíduo que produz um texto, melhor será a estruturação coesiva de seu texto e o seu poder persuasivo.

O ensino de língua portuguesa nas escolas tem sido ressignificado com a inserção do estudo do léxico e Liska (2017, p. 148) traz informações relevantes sobre o tema, levando em consideração o estudo lexical na *Base Nacional Comum*

Curricular - BNCC (2018). Segundo o autor, das 416 habilidades de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, 41 envolvem “[...] reconhecer/ identificar/ inferir o sentido de palavras e expressões, analisar processos de formação de palavras e identificar/ utilizar recursos de coesão e coerência lexicais”. Ainda sobre o estudo do léxico na *BNCC*, o autor acrescenta que há objeto de conhecimento específico para o estudo da palavra, “Reflexão sobre o léxico do texto”, e unidade temática para os “processos de formação e significados das palavras”.

A inclusão do estudo lexical numa referência comum obrigatória representa um avanço nas reflexões sobre a relevância do léxico na leitura e na produção de textos pelos estudantes, na medida em que ter um repertório lexical suficiente e adequado à expressão do pensamento, de maneira coerente e clara, significa ter mais condições de assimilar conceitos referentes à qualquer disciplina, contribuindo para a reflexão e o desenvolvimento da criticidade (COSTA, 2015, p. 116).

O falante competente do ponto de vista lexical sabe utilizar e associar bem as palavras e percebe o melhor uso das unidades lexicais em textos, compreendendo que o sentido de uma palavra muda a depender da situação em que é empregada e da relação que estabelece com as palavras vizinhas.

Assim, o estudo do léxico na escola já está incluído no documento normativo de referência obrigatória, para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas, fato que influencia na elaboração dos livros e materiais didáticos, que devem estar em consonância com a *BNCC*. É um tema que merece ser abordado de forma mais ostensiva e eficiente, tendo em vista o precário desempenho linguístico dos estudantes brasileiros na recepção de textos escritos e no domínio sobre a compreensão leitora. (BRASIL, 2023, p. 9)

2.3 A leitura e as inferências do significado lexical

O processo inferencial é um aspecto no conjunto de uma série de atividades cognitivas realizadas durante a leitura (MARCUSCHI, 1999 p. 95). É o responsável por

[...] permitir e garantir a organização dos sentidos elaborados pelo indivíduo na sua relação com o texto. É a partir dele que o estabelecimento da relação entre as partes do texto e entre estas e o contexto torna-se possível, fazendo dele uma unidade aberta de sentido (FERREIRA; DIAS, 2004, p. 441).

No contexto escolar, é importante pensar no papel das inferências do significado lexical para as atividades de leitura e de compreensão textual. Trata-se de um processo cognitivo que recupera na memória conhecimentos preexistentes.

Ao se pensar na leitura é preciso levar em consideração a participação do indivíduo enquanto possuidor de uma história individual e singular, “história que faz diferença quando do seu encontro com o texto e que favorece o surgimento de inferências marcadas pela ativação de um contexto o qual alude a sua memória cognitiva” (FERREIRA; DIAS, 2004, p. 447). Ou seja, as inferências podem ser variadas a depender do leitor, ou mesmo em momentos diferentes de leitura de um mesmo leitor.

São as inferências que permitem a produção de novas informações semânticas a partir daquela dada, em determinado contexto. Segundo Koch (1993, p.400) “[...] as inferências podem ser vistas como processos cognitivos através dos quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação textual explicitamente veiculada e levando em conta o contexto, constrói novas representações semânticas”.

As inferências, que permitem suprir as incompletudes da superfície textual, são produzidas a partir dos modelos cognitivos socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência (KOCH, 1996, p. 36). Embora seja um mecanismo cognitivo indispensável ao processamento textual e à construção de sentido, é a maturidade do leitor que permitirá a produção de inferências mais ou menos adequadas ao contexto: “[...] podem ocorrer problemas de compreensão se o ouvinte/ leitor não estabelecer as inferências desejadas pelo falante/ escritor, ou, ao contrário, se o leitor/ ouvinte fizer inferências não intentadas pelo falante/ escritor” (KOCH, 1993, p. 401).

Assim, não se pode perder de vista o fato de que “[...] a atividade inferencial é uma habilidade que aumenta com a idade, estando sujeita ao desenvolvimento cognitivo e às situações de aprendizagem” (FERREIRA; DIAS, 2004, p. 442). Portanto, quando se pensa em crianças e jovens, a capacidade de fazer inferências “é limitada por fatores cognitivos e pelo alcance de situações nas quais possam utilizar sua habilidade inferencial básica” (FERREIRA; DIAS, 2004, p. 441-442).

Para corroborar essa ideia, Marcuschi (1999, p. 96) afirma que o “[...] contexto sociocultural, os conhecimentos de mundo, as experiências e as crenças

individuais influenciam na organização das inferências durante a leitura”. Santos e Neves (1999, p. 168) asseguram que a compreensão do texto “depende, em grande parte, dos conhecimentos adquiridos pelo leitor dentro de sua cultura e das estratégias utilizadas no processo de leitura”.

O produtor de um texto deixará muitas informações implícitas “[...] há coisas que se compreendem sem que seja necessário dizê-las. São as informações que já se conhecem ou que se podem facilmente inferir” (FIORIN, 2022, p. 220). Num texto argumentativo, por exemplo, deixar um elemento argumentativo implícito é um recurso utilizado pelo autor, de forma consciente, para desviar a atenção do leitor de uma opinião frágil, controvertida ou embaraçosa (FIORIN, 2022, p. 221). Sendo assim, ao se pensar na leitura e na compreensão de um texto é preciso levar em consideração que o indivíduo é dotado de uma história individual e singular, fato que faz a diferença no processamento das informações veiculadas pelo texto, na medida em que as inferências possíveis dependem de sua memória cognitiva e de sua experiência linguística e interacional.

Além disso, é indispensável reafirmar que, no âmbito de um texto, nem tudo pode ser inferido. Algumas palavras-chave para sua compreensão necessitam ser de conhecimento prévio ou há a necessidade de se buscar informações sobre elas para que o texto seja realmente entendido. Por essa razão, aborda-se a seguir o uso do dicionário no contexto escolar.

2.4 O uso do dicionário na escola

O dicionário é um instrumento didático edificante para um leitor em formação, uma vez que é um repositório das palavras utilizadas em uma língua, armazenando parte significativa da cultura de determinada comunidade linguística, de forma a oferecer informações sobre o léxico, seus usos e sentidos, além de outras informações linguísticas e enciclopédicas que podem ser de grande valor para os estudantes.

O uso do dicionário na escola permite que os estudantes possam tirar dúvidas sobre a escrita de uma palavra, esclarecer os significados de palavras desconhecidas, inteirar-se de novos usos para palavras já conhecidas, conhecer palavras com significados aproximados ou opostos, identificar e reconhecer

expressões idiomáticas e combinatórias lexicais rígidas com significados próprios, obter informações sobre as funções gramaticais da palavra, saber a origem de um vocábulo, saber a pronúncia adequada de palavras cuja a forma escrita pode apresentar diferentes enunciações, dentre tantas outras possibilidades que podem vir descritas sobre as palavras registradas.

Sabendo de sua importância como instrumento de aquisição lexical, no ano de 2000, no contexto do planejamento do Plano Nacional do Livro Didático (doravante PNLD) de 2002, o Ministério da Educação (doravante MEC) decidiu incluir os dicionários novamente nas políticas oficiais para materiais didáticos, após quase duas décadas de ausência desse instrumento no Programa (RANGEL, 2011, p. 42). Acredita-se que a referida inclusão dos dicionários no PNLD, dentre outros motivos, seja decorrente da pressão indireta das avaliações internacionais que mensuram o nível de letramento e proficiência em leitura dos estudantes da educação básica (RANGEL, 2011, p. 43).

Rangel e Bagno (2009, p. 27) afirmam que “por seu projeto lexicográfico, um dicionário pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita”. Corroborando essa ideia, Carvalho (2012, p. 44) assegura que ter acesso ao acervo de dicionários escolares é “uma opção bem mais apropriada para o trabalho de aquisição e expansão lexical, uma vez que ali se encontra a sistematização de uma rede de palavras, cada qual com suas características morfossintáticas, semânticas e pragmáticas”.

Certamente, os dicionários contribuem para o ensino sistematizado do léxico e vão além disso. Antunes (2012, p. 136) afirma que “[...] as informações a que podemos ter acesso em um dicionário ultrapassam o limite de sua configuração linguística para abranger o domínio das representações culturais ou da memória social que a língua naturalmente registra”.

O uso do dicionário está inserido nas mais diversas práticas de letramento e do funcionamento social da escrita e, sem dúvida, ele tem uma contribuição efetiva para dar quando se trata do domínio da linguagem escrita, objetivo central do Ensino Fundamental. Segundo Coroa (2011, p. 72), “o acesso ao dicionário nas práticas pedagógicas representa o alargamento do conhecimento simbólico da linguagem na formação do aluno”. A autora acrescenta ainda que “o dicionário constitui-se em produtivo instrumento do fazer linguístico de que cidadãos leitores e produtores de

textos dispõem para construir, e reconstruir, redes de significações e para se constituir como sujeitos” (Ibidem, p.72).

Nesse sentido, é inegável a importância do dicionário no ambiente escolar, sendo utilizado em atividades dos diferentes componentes curriculares, com metodologias consistentes de uso e manuseio desse instrumento de aquisição lexical.

Diante do exposto, parece razoável admitir que o professor de línguas (materna ou adicionais) é o responsável por apresentar essa obra lexicográfica aos estudantes, planejar as atividades em que farão uso dela e motivar sua consulta frequente, autônoma e voluntária. Ezquerria (2003, p. 13), afirma que “el empleo que hagan del diccionario los estudiantes durante el aprendizaje de la lengua dependerá de las instrucciones que le dicte su profesor”².

No entanto, estudos mostram que “[...] os professores pouco estimulam a prática do uso do dicionário entre os alunos” (ALVES, 2019, p. 59). Possivelmente, isso decorre da formação profissional do professor, que prescinde do “[...] uso sistemático e gradual da pesquisa lexicográfica e, conseqüentemente, esse fato se reflete nas práticas de uso do dicionário escolar no ensino fundamental brasileiro” (GOMES, 2011, p. 153).

Além do professor, os materiais didáticos precisam incitar o uso do dicionário. Conforme Ferreira e Vieira (2013, p.31) “[...] faz-se necessário que a orientação para o uso de dicionários, em ambiente escolar, apresente direcionamentos mais sistematizados, de forma a garantir a eficiência tanto na consulta de palavras, quanto na leitura”. Essa orientação para o uso, bem como o incentivo, acontece raramente ou não acontece.

Na *Base Nacional Comum Curricular - BNCC* (2018) o manuseio proficiente do dicionário de língua materna não consta como uma habilidade a ser aprendida pelos estudantes. Ao se fazer uma busca pela palavra “dicionário” nesse documento normativo, obtém-se apenas seis aparições desse vocábulo e nenhuma está na etapa de ensino fundamental de língua portuguesa dos anos finais.

Aparece no componente curricular “língua inglesa” do 6.º ano, na unidade temática “Práticas de leitura e construção de repertório lexical”. Trata-se da habilidade “(EF06LI10) Conhecer a organização de um dicionário bilíngüe (impresso

² O uso que os estudantes farão do dicionário durante a aprendizagem da língua, dependerá das instruções dadas pelo seu professor (tradução nossa).

e/ou on-line) para construir repertório lexical”. Depois aparece em uma referência bibliográfica de indicação de um dicionário de geografia, da área de Ciências Humanas, e por fim aparece quatro vezes, dentre as habilidades de língua portuguesa do 3.º ao 5.º ano do ensino fundamental - anos iniciais, como instrumento ao qual o estudante deve recorrer para esclarecer dúvida de escrita de palavras (habilidade comum a ser desenvolvida do 3.º ao 5.º ano), localização de palavras no dicionário para esclarecer significados (habilidade específica do 4.º ano). Além disso, trabalha-se a leitura e a produção de verbetes no 5.º ano.

O documento mencionado conta com seiscentas páginas e causa estranhamento apenas seis aparições da palavra dicionário. Isso justifica o pouco incentivo de uso desse instrumento pelos livros didáticos, que são formulados assentados na *Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018)*, documento de referência para a formulação e a implementação de currículos para a Educação Básica e, conseqüentemente, para a elaboração de material didático.

Além disso, os dicionários deixaram de ser distribuídos de forma gratuita às redes de ensino, por meio do PNLN. Sua última distribuição foi em 2012, o que torna o acervo lexicográfico da escola bastante desatualizado.

Como se vê, embora o dicionário seja um instrumento de aquisição lexical importante na formação de um leitor competente, que se constitui como sujeito nas práticas sociais e que precisa compreender as implicações de suas escolhas linguísticas, ele é pouco valorizado no contexto escolar.

2.5 O papel do material didático dentro da escola

O material didático tem o objetivo de servir de apoio ao professor e aos estudantes no estudo do componente curricular em questão, apresentando um projeto educacional voltado para a participação plena dos estudantes no mundo letrado e contribuindo para uma formação que os prepara para o exercício pleno da cidadania. O material didático assume, na prática docente, papel importante na dinamização das aulas, facilita as aprendizagens, motiva e atrai os estudantes, mantendo-os ocupados. (FISCARELLI, 2007, p. 4)

Entende-se por material didático um conjunto de recursos utilizado pelo professor para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem (BRASIL, 2006, p. 154). Tradicionalmente, o livro didático foi considerado quase que sinônimo de

material didático. No entanto, sabe-se que o livro didático é um dentre tantos materiais, que facilita a assimilação do conhecimento pelos estudantes, tornando o processo de aprendizagem mais didático e prático: “o livro didático é – ou deve ser – um recurso a mais, entre tantos, de que o professor dispõe para estruturar e desenvolver seu curso e suas aulas” (BRASIL, 2006, p. 154).

Além do livro, as apostilas, os cadernos de exercícios, os dicionários, os jogos educativos, os vídeos, os áudios e os recursos visuais são alguns desses materiais que podem ser tomados como ponto de referência para o trabalho docente.

Sobre os materiais didáticos utilizados pelas escolas públicas, as redes de ensino recebem livros selecionados pelo PNLD e podem ter materiais próprios produzidos por suas Secretarias de Educação. O professor, no uso de suas atribuições, é que vai qualificar o uso desses materiais e de outros que ele julgar necessários, para garantir as aprendizagens dos estudantes. Sobre isso, Fleury (1961, p.175) afirma que “o bom professor não imita servilmente, mas adapta, afeiçoa o alheio ao próprio, harmonizando-os na prática”.

O uso de materiais didáticos diversificados, que garantam o contato dos estudantes com os mais variados textos e com informações que possibilitem que eles entrem no mundo da comunicação especializada e do domínio da divulgação científica, é fator preponderante para elevar as condições de vida dos grupos sociais.

No entanto, o livro didático é o principal e, às vezes, única fonte de referência do trabalho didático em sala de aula (OTA, 2009, p. 214) e, como tal, acaba sendo o único orientador docente. Segundo Bittencourt (2021, pp. 72-73) o livro didático é “[...] desde o século XIX, o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais variadas salas de aulas e condições pedagógicas, servindo como mediador entre proposta oficial do poder expressa nos programas curriculares e o conhecimento escolar ensinado pelo professor”.

Cabe, portanto, ao professor assumir o seu poder em sala de aula, pois é ele quem escolhe os materiais didáticos que serão utilizados durante as aulas e define de que maneira eles serão utilizados. Bittencourt (2021, p.74) demonstra essa autonomia do professor ao tratar do uso do livro didático:

Ao se considerar a dimensão das formas de consumo do livro didático, não se pode omitir o poder do professor. Cabe a este, na maioria das vezes, a escolha do livro, e sua leitura em sala

de aula é determinada também pelo professor. Os capítulos selecionados, os métodos de leitura em grupo ou individual, assim como as tarefas decorrentes da leitura, são opções exclusivas do professor, mesmo quando inseridas e limitadas por projeto pedagógico estipulado pela escola.

Conforme Fleury (1961, p. 176) “o livro é, em última análise, uma sugestão, não uma receita”, portanto não deve ser seguido com rigor, mas, ao analisá-lo, o professor deverá determinar os textos e as atividades que ao serem levadas para a sala de aula podem contribuir para a elevação dos níveis de proficiência de leitura e compreensão de texto pelos educandos, de forma crítica e reflexiva.

Como esta pesquisa refere-se ao ensino sistematizado do léxico para o desenvolvimento da competência leitora dos estudantes, cabe verificar como os livros didáticos analisados propõem atividades relacionadas ao léxico, além de oferecer sugestões de como intensificar esse ensino com outras atividades.

2.6 O estudo do léxico nos livros/materiais didáticos

Os estudos lexicais se ocupam, dentre outras questões, de demonstrar como o conhecimento do léxico e a expansão do vocabulário dos estudantes propicia melhor desenvoltura na compreensão e produção oral e escrita de textos, melhorando suas habilidades de comunicação. Cavalcante (2014, p. 288) ressalta a “[...] importância das palavras para a apreensão do sistema linguístico enquanto instrumento de interação entre o sujeito e o mundo”.

Promover a compreensão de como as palavras são utilizadas em diferentes contextos pode ser o objetivo do material didático preocupado com as questões lexicais e com as nuances do léxico “como elemento da composição do texto, em suas funções de criar e sinalizar a expressão dos sentidos e intenções, os nexos de coesão, as pistas da coerência.” (ANTUNES, 2012, p. 24).

Os livros didáticos exploram de forma insuficiente questões de vocabulário e, por conseguinte, a atenção concedida ao léxico nas aulas de português é breve e insuficiente (ANTUNES, 2012). Segundo Cruz (2016, p. 136), “[...] tanto o léxico quanto a leitura merecem ser abordados de modo mais ostensivo e eficiente no contexto escolar, a fim de que muitas das mazelas observadas na fraca competência linguística dos alunos brasileiros sejam amenizadas”.

Os livros didáticos mais recentes “trazem maior variedade textual, menos gramática formalmente trabalhada e mais discussão pessoal” (MARCUSCHI, 2020,

p. 74). Contudo, o que se percebe é a pouca relevância dada ao vocabulário, que é “quase sempre proposto numa definição ou explicação por sinonímia (ou antonímia), esquecendo-se outros aspectos de funcionamento, tais como o metafórico, o figurado e, em especial a significação situada.” (MARCUSCHI, 2020, p. 69).

Seja pela incipiente formação do professor, pelo pouco apoio encontrado nos materiais didáticos ou pela tradição do ensino de gramática na escola, nota-se que o estudo do léxico tem pouca importância nas aulas de língua portuguesa, ainda que as ações de linguagem se deem por meio de um amplo repertório de palavras.

Saber escolher as palavras para expressar aquilo que se quer comunicar é de suma importância para garantir a qualidade do que se fala e do que se escreve, pois “pensar ‘nos efeitos decorrentes da escolha das palavras’ é reconhecer que, em um texto, uma palavra expressa mais que um sentido; ela serve também à expressão de uma intenção, de um propósito [...]” (ANTUNES, 2012, p. 43).

Ainda assim, a reflexão a respeito das possibilidades de usos das palavras é tema pouco explorado na escola, mesmo sabendo que propor a reflexão acerca da seleção lexical é relevante “enquanto estratégia de convencimento e de identificação”, mostrando-se como “parte importante do processo de entendimento que por detrás de todo texto há intenções, informações, ideologias” (CRUZ, 2016, p. 161).

Os professores devem refletir sobre os materiais didáticos que utilizam nas aulas, “devem ser autônomos em seus afazeres, bem como críticos dos livros com os quais atuam. Modificações simples em questões com estruturas pouco eficientes podem trazer os resultados pretendidos ao se ensinar língua portuguesa” (CRUZ, 2016, p. 166). Um caminho possível, é propor atividades motivadoras que ajudem na criatividade e que ampliem o repertório lexical dos estudantes, para que eles possam expressar-se com clareza, propriedade e precisão.

CAPÍTULO III - Procedimentos metodológicos e análise do material didático

3.1 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos estabelecidos para realizar este trabalho tem como base uma pesquisa descritiva, na medida em que se pretende descrever criticamente as atividades propostas no *Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens* de língua portuguesa, do 8.º e do 9.º ano, buscando explicitar como ocorre no referido material o estudo do léxico e como são realizadas as abordagens, além de propor a substituição ou a ampliação das atividades descritas, de forma que elas contribuam para a sistematização do ensino do léxico.

Para isso, foram lidos os dois volumes do material didático analisado e já explicitado. Após a leitura, foram selecionadas as duas unidades que abordavam o artigo de opinião e analisadas todas as atividades, para verificar as que abordavam e as que não abordavam questões lexicais. Esse levantamento será apresentado na descrição das atividades. Depois dessa verificação, foram descritas as atividades que abordavam o léxico e, a partir do que se considerou “inadequado” ou “insuficiente”, foram propostas substituições ou ampliações, respectivamente.

Esta pesquisa tem natureza qualitativa, pois busca compreender a presença ou ausência de atividades que desenvolvam a competência lexical e o estudo da palavra como facilitador da leitura e compreensão de textos.

Cabe ainda ressaltar que esta pesquisa foi realizada com base em um estudo bibliográfico prévio, realizado por meio da leitura e análise de textos acadêmicos e/ou científicos e livros que tratam da área de especialidade analisada e que auxiliaram nas análises realizadas e nas substituições ou ampliações das atividades sugeridas.

3.2. Apresentação da coleção *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa

A coleção *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa é um material elaborado pela Coordenadoria Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo. Esse material surgiu da necessidade de colocar em prática os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

constantes no *Currículo da Cidade*³, articulando práticas possíveis de serem desenvolvidas em sala de aula com os documentos curriculares que estão em vigor na rede municipal de ensino. Trata-se de um instrumento didático consumível, pensado para ser utilizado em sala de aula com a intervenção do professor e sob sua orientação.

Cada livro da coleção conta com quatro unidades, que foram pensadas considerando os quatro bimestres escolares. As unidades contam com uma quantidade não fixa de atividades, que trazem diversos gêneros textuais; no entanto, um gênero textual específico é, em tese, o foco da unidade, cujo estudo deve se dar com aprofundamento e resultar em uma produção textual.

Destaca-se que a ordem das unidades a ser utilizada em cada bimestre é de livre escolha do docente, dado que elas são independentes umas das outras. A única recomendação constante do livro do professor é de que não se interrompa a sequência de atividades propostas na unidade, garantindo as condições necessárias para sua conclusão. Trata-se de uma recomendação que restringe a atividade e o julgamento do professor acerca da ordem das atividades mais apropriadas para as aulas de língua portuguesa e da possibilidade de abrir mão de algumas delas ou inserir novas que o professor considere relevantes.

Para a apresentação da coleção ao estudante, o então Secretário Municipal de Educação, Bruno Caetano, traz, na página introdutória, o objetivo do material, que é a potencialização dos conhecimentos importantes para a vida em sociedade, a possibilidade de utilização desse material como ponte entre os conhecimentos e saberes que o estudante já possui sobre sua cidade, seu estado, seu país e seu mundo, além de ressaltar que o material permite que o estudante “aprenda, discuta, reflita, troque ideias, leia, resolva problemas, investigue, analise e, a partir de todas essas ações, produza outros conhecimentos indispensáveis à [...] vida em sociedade.” (SÃO PAULO, 2020, p. 3)

A análise empreendida na presente pesquisa versará sobre a coleção destinada ao Ciclo Autoral. O Ciclo Autoral abrange o 7.º, o 8.º e o 9.º ano do Ensino Fundamental. Na presente pesquisa, faz-se uso dos Cadernos da Cidade dos 8.º e

³ O **Currículo da Cidade** foi elaborado ao longo do ano de 2017 e buscou estar alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define as aprendizagens essenciais da Educação Básica para todos os estudantes brasileiros.

9.º ano do Ensino Fundamental, anos em que é possível encontrar o artigo de opinião como gênero textual a ser trabalhado.

Não será analisada a coleção, supramencionada, em sua completude, tampouco uma unidade inteira, pois o objetivo é realizar uma investigação acerca do tratamento dado ao léxico nas atividades que são propostas após a leitura de um artigo de opinião. O recorte realizado aqui, no entanto, não exclui a possibilidade do trabalho com o léxico ter sido abordado em outras partes do livro. Reitera-se que não houve análise de todo o material, mas sim das atividades que se mostraram mais adequadas aos fins pretendidos.

3.3 Descrição e análise das atividades propostas no capítulo 3 do *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens - 8.º ano*

A Unidade 3, do volume do 8.º ano, do *Caderno da Cidade* de língua portuguesa tem como título “Opinião e ação: posicionando-se no mundo das palavras” e está subdividida em quatro atividades: “Atividade 1 - E você, qual é o seu jeito de mudar o mundo?” (pp. 110 a 118), “Atividade 2 - Penso, reflito e argumento: eu e o outro no mundo!” (pp. 119 a 131), “Atividade 3 - Para ficar fera: variações sobre o mesmo tema” (pp.132 a 143) e “Atividade 4 - Imigração e refúgio na cidade de São Paulo e na minha escola: precisamos falar sobre isso!” (pp. 143 a 154).

Nessa unidade são disponibilizados diversos textos que remetem a diferentes gêneros textuais. Na presente pesquisa será feita a análise das atividades que circundam três artigos de opinião: “Imigração no Brasil: o medo infundado do outro”, de Rodrigo Borges Delfim, “A aurora da fronteira”, de Carlos Enrique Ruiz Ferreira, e “Não à criminalização do outro”, de Padre Alfredo J. Gonçalves. Todos os artigos foram retirados, na íntegra, de sua circulação social.

Esses artigos de opinião, acompanhados pelas atividades de compreensão do texto e do gênero textual em foco, ocupam 24 páginas da Unidade 3, e estão nas subdivisões “Atividade 2 - Penso, reflito e argumento: eu e o outro no mundo!” (pp.119 a 131) e “Atividade 3 - Para ficar fera: variações sobre o mesmo tema” (pp. 132 a 143).

Destaca-se que, a depender do assunto, o artigo de opinião pode ser considerado um texto atemporal, na medida em que o texto formulado é antigo, mas seu tema pode continuar sendo atual: “ademais, a materialidade linguística

constitui-se em todo e qualquer texto a partir de procedimentos linguísticos similares. Na verdade, dependendo do assunto e como ele é tratado, esse texto não fica amanhecido tão rapidamente.” (PASSARELLI, 2012, p. 254).

As duas páginas introdutórias (108 e 109) trazem os objetivos da unidade 3: conhecer os objetivos do milênio e refletir sobre eles, entender os conflitos relacionados ao tema refúgio/ imigração, aprender características específicas da escrita argumentativa e ler, analisar e produzir um artigo de opinião; os objetivos elencados são acompanhados por um pequeno texto que visa a adentrar o estudante no universo da argumentação como mobilizadora para a mudança real do entorno.

As nove páginas seguintes trazem a “Atividade 1 - E você, qual é o seu jeito de mudar o mundo?” (pp. 110 a 118), que tratam de temáticas que visam a fomentar a produção de uma carta-documento explicitando problemas sociais comuns à comunidade em que os estudantes estão inseridos. A partir da carta-documento, é possível conduzir à discussão, à análise e à leitura dos artigos de opinião propostos nas páginas posteriores.

Vale mencionar que essas nove páginas que antecedem o trabalho com leitura e compreensão de artigo de opinião visam a subsidiar as discussões sobre a temática de migrantes, refugiados e direitos humanos. Com essas atividades iniciais, que visam a construir ou enriquecer o repertório dos estudantes sobre o assunto, fica subentendido que seja possível realizar a leitura dos artigos de opinião selecionados e disponibilizados no material didático, uma vez que há algumas informações que podem contribuir para a compreensão dos textos e para realizar as atividades propostas:

A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto, é um processo inconsciente do leitor proficiente. (KLEIMAN, 2002, p. 25)

A atividade 2 - “Penso, reflito e argumento: eu e o outro no mundo!” é iniciada com a solicitação de análise de algumas manchetes/títulos que tratam sobre

imigrantes e refugiados. Na sequência, há algumas questões norteadoras para uma roda de conversa sobre as manchetes/ títulos lidos.

ATIVIDADE 2 – Pense, reflita e argumente: eu e o outro no mundo!

- 1 Considerando toda a discussão realizada anteriormente e a Carta de Intenção que foi elaborada pelos diversos grupos da turma, leia e analise as seguintes manchetes e/ou títulos:



Trecho da Capa d'O Globo de 6 de Agosto de 1935.



Disponível em: <http://www.politize.com.br/crise-dos-refugiados/>. Acesso em 14 fev. 2018.

Figura 1 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 119

Chegada em massa
PAÍS VÊ ÊXODO DE
VENEZUELANOS

Cerca de 30 mil venezuelanos já cruzaram a fronteira em Roraima para se refugiar no Brasil, informa **Felipe Corazza**. O Estado reluta em decretar emergência, mas a fila para analisar documentação passa de um ano. **INTERNACIONAL / PÁG. A14**

Trecho d'O Estado de S. Paulo, de 12 de Outubro de 2016.



RODA DE CONVERSA

A partir das primeiras análises que vocês fizeram do título, discutam com colegas e professor(a):

- Qual dos títulos chamou a atenção de vocês? Por quê?
- O que há em comum entre os títulos?
- Os títulos foram publicados em anos e tempos diferentes. Apesar disso, o que mudou em relação aos conflitos que envolvem imigrantes e/ou refugiados em nosso país e mundo afora?
- O que vocês já leram ou assistiram a respeito do assunto tratado nos títulos?

2 Com ajuda do(a) professor(a), leia o texto a seguir:

Figura 2 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 120

Após essas atividades, que buscam, de alguma maneira, acionar os conhecimentos enciclopédicos dos estudantes, tem-se o artigo de opinião “Imigração no Brasil: o medo infundado do outro”, escrito por Rodrigo Borges Delfim, que é

Imigração no Brasil: o medo infundado do outro

A migração pode ser encarada como uma expressão global do direito de ir e vir. É considerada um direito humano, embora a maioria dos países não façam essa leitura, uma movimentação natural desempenhada pelos seres humanos desde os primórdios da história.

25/06/2015

Por Rodrigo Borges Delfim*

Quem navega pelas redes sociais, certamente já viu *posts* ou sites com frases alarmistas e apocalípticas dizendo que o Brasil “sofre uma invasão estrangeira” ou que “forasteiros vão roubar os empregos e as escolas de nossos filhos”. Tudo isso, veja bem, em um país constituído basicamente por imigrantes.

Esse é apenas um exemplo da esquizofrenia que toma conta de parte da sociedade brasileira quando ouve falar ou pensa em opinar sobre imigração. Ela é criada basicamente por uma mistura de falta de conhecimento com preconceitos, temperada com algumas doses de preguiça em buscar fontes de informação confiáveis. Tudo isso amplificado pela cobertura deficiente que o tema em geral recebe da mídia – superficial e que oscila entre algo que soa como “curioso” em algumas pautas e que reproduz os mesmos estereótipos já presentes na sociedade.

São pessoas que adoram ir a um restaurante japonês, francês ou italiano, se gabam de terem sobrenome europeu e romantizam a trajetória de seus antepassados, mas, ao mesmo tempo, torcem o nariz quando cruzam com uma família boliviana no supermercado; acham que refugiado e fugitivo são sinônimos; sentem repulsa quando veem um imigrante de algum país africano trabalhando como ambulante; ou mesmo chegam ao disparate de ofender aquele que veio de outro país – o caso ocorrido recentemente contra um frentista haitiano em Canoas, no Rio Grande do Sul, é apenas um exemplo do que se repete Brasil afora. Embora tenham chegado ao Brasil em momentos diferentes, os imigrantes do passado também foram alvo de preconceito quando começaram a se estabelecer aqui. Por isso, soa cada vez mais incompreensível o preconceito contra imigrantes em uma sociedade que é basicamente constituída por eles e seus descendentes diretos ou indiretos.

A migração pode ser encarada como uma expressão global do direito de ir e vir. É considerada um direito humano (embora a maioria dos países não façam essa leitura), uma movimentação natural desempenhada pelos seres humanos desde os primórdios da história. E como algo que é feito desde antes das primeiras civilizações e pode ser considerado um direito humano é tão combatido pelos governos? Pode um ser humano ser “menos humano” ou mesmo “perder sua humanidade” só por que cruzou uma fronteira? Ou ainda, ser considerado “ilegal”? Não, nenhum ser humano deve ser considerado ilegal. O migrante não é um turista, não sai de um país para outro para fazer compras ou “selfies” em locais turísticos; quando decide partir, deseja buscar em outro lugar as oportunidades e desenvolvimentos que seriam muito mais limitados em sua terra natal.

Figura 3 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 121

E isso implica uma série de renúncias, desafios e angústias para o indivíduo, que fica afastado de entes queridos, da cultura que forneceu os valores que carrega, do idioma que aprendeu na família e na escola. Além disso, ainda vive a incerteza se sua empreitada terá êxito – e caso não tenha, o que vai dizer em casa?

O caso fica ainda mais grave quando esse imigrante é, na verdade, um refugiado. Enquanto o migrante decide partir em busca de uma vida melhor, o refugiado simplesmente é obrigado a fugir para não ser violado ou morto por algum tipo de perseguição ou em um conflito armado. Ou seja, o refugiado não tem escolha: sua fuga nada tem a ver com a fuga de um criminoso, e migrar para ele é simplesmente uma questão de vida ou morte. Certamente, muitas das pessoas que julgam e apontam contra imigrantes e refugiados nunca pararam para se colocar no lugar deles – imaginar de onde vieram, como e por que chegaram ao Brasil, o que viveram no caminho para cá. Também devem ignorar o fato de que, em verdade, existem mais brasileiros morando fora do país (cerca 2,8 milhões, de acordo com o Itamaraty) do que imigrantes vivendo dentro do Brasil (em torno de 1,7 mi, segundo dados de outubro de 2014 do governo federal). E mais: os brasileiros que vivem no exterior também são os imigrantes nos países onde estão – e assim como os imigrantes daqui, também são alvo de preconceitos, ofensas e classificados por meio de estereótipos. Além disso, brasileiros no exterior e migrantes internacionais no Brasil partilham de outro problema: a falta de uma legislação digna e que preveja não somente deveres, mas também direitos para essa população.

Graças a décadas de mobilização da sociedade civil organizada, dos grupos de migrantes e de parte da área acadêmica, os últimos anos testemunharam iniciativas privadas e políticas públicas em todo o Brasil que contribuem para tentar preencher o vazio deixado por tantas décadas de descaso e abandono de gestões passadas do poder público. É pouco frente à demanda crescente no país, mas não deixam de representar uma luz no fim do túnel – e quanto maior o buraco pelo qual essa luz passa, melhor. Uma coisa precisa ficar clara: embora migrar seja um movimento natural, o ato de migrar está longe de ser uma decisão fácil – pode ser, inclusive, até a única saída para se evitar uma morte. Procurar colocar-se no lugar dessas pessoas é fundamental para superar estereótipos, jogar fora a venda que encobre os olhos e enxergá-las como elas realmente são: seres humanos como nós, merecedores de respeito e dignidade.

*Rodrigo Borges Delfim é jornalista e editor do site MigraMundo

Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/32329>. Acesso em 18 fev. 2018.

Figura 4 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 122

Esse artigo foi publicado inicialmente no site <www.brasildefato.com.br/node/32329> e ocupa duas páginas do material didático em análise. Em sua sequência, são propostas 14 atividades, numeradas de 3 a 16, que visam a facilitar a compreensão do texto, de elementos próprios do gênero textual artigo de opinião, além do conhecimento léxico-semântico.

Levando em consideração a coleção completa dos *Cadernos da Cidade - Saberes e Aprendizagens* de língua portuguesa, é nesse momento que se introduz a abordagem do gênero artigo de opinião e, portanto, talvez seja, didaticamente, o primeiro contato de muitos estudantes com uma reflexão a respeito desse gênero textual.

A estrutura composicional do artigo de opinião, as estratégias argumentativas utilizadas, o posicionamento do autor, sua relevância como sujeito social e o tipo de conclusão empregada são questões bastante exploradas nas atividades 3, 8 (item 'b'), 9, 10, 11 (segunda questão), 12, 13, 14, 15 e 16; as atividades 5 e 6 tratam da tipologia textual.

Como não são atividades⁴ de cunho lexical, pouca atenção será dispensada a elas, considerando que as demais atividades propostas se mostram mais adequadas para análise aos fins pretendidos na presente pesquisa.

A atividade 4 solicita que o estudante, com a ajuda de um dicionário impresso ou virtual, pesquise os significados para as palavras “posicionar” e “posicionamento”, levando em consideração a ideia de posicionamento empregada no texto lido.

4 Analisando as respostas do diagrama, você deve ter observado que, no texto de Rodrigo Borges Delfim, há um posicionamento em relação ao fato ou tema tratado. Com ajuda de um dicionário impresso ou virtual, pesquise significados para as seguintes palavras, desde que se pareçam com a ideia de posicionamento empregada no texto lido:

Posicionar	
Posicionamento	

Figura 5 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano*, p. 123

Trata-se de uma atividade pouco elucidativa, uma vez que o estudante encontrará o verbo “posicionar” no dicionário e deverá perceber que apenas se pronominalizado ele trará o sentido de posicionamento, ou seja, de assumir uma opinião.

Anteriormente a isso, ainda há um problema na formulação do enunciado, pois não é possível afirmar que o estudante tenha condições de entender a “ideia de posicionamento empregada no texto lido”, uma vez que o texto não traz essas palavras. Buscar todas as acepções possíveis no dicionário e, posteriormente, discutir qual se enquadra com o artigo de opinião, talvez seja uma boa alternativa como atividade metalinguística. Assim, o estudante passa a entender que, nesse

⁴ Todas as atividades mencionadas estão disponíveis para consulta no Anexo A.

contexto, “posicionar-se” é assumir uma opinião e “posicionamento”, por sua vez, é a opinião. Pode-se, inclusive, trabalhar com a questão da classe de palavras em que são empregadas essas palavras (informação também presente no dicionário).

O uso do dicionário precisa ser qualificado, para que os estudantes percebam a importância desse instrumento lexicográfico em sala de aula e fora dela, pois “[...] o encontro de unidades lexicais desconhecidas é uma experiência corriqueira que deverá se repetir inúmeras vezes pela vida afora depois que o aluno superar a experiência escolar.” (FERREIRA; VIEIRA, 2013, p. 22).

Depois dessa atividade, não há nenhum outro trabalho desenvolvido com as informações coletadas pela busca das palavras no dicionário.

Na atividade 7 explora-se a questão do título do texto. É preciso compreender o título e relacioná-lo com o entendimento global do artigo de opinião, além de conseguir sintetizar a informação por ele propagada.

 Por que o título do texto é “Imigração no Brasil: o medo infundado do outro”? Explique.

Figura 6 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano*, p. 124

Trata-se de uma atividade que mensura se o estudante compreendeu a tese do artigo de opinião e se conseguiu mobilizar estratégias cognitivas, interacionais, sociais e textuais para a produção de sentido. Segundo Marcuschi (2020, p.82) “analisar títulos, sugerir títulos, justificar títulos diversos para textos é uma forma de trabalhar os conteúdos globalmente”. É uma atividade bastante interessante quando se quer avaliar se o estudante compreendeu o texto e, portanto, conseguiu reconhecer e atribuir significado, de forma instantânea, às palavras utilizadas. A observação da escolha das palavras, feita pelo autor na elaboração do título, e sua relação com o texto de forma global traz pistas para o leitor sobre o conjunto dos vocábulos que será utilizado no texto.

A atividade 8, item ‘a’, propõe a releitura do segundo parágrafo do texto e a leitura de possíveis significados para a palavra “esquizofrenia”, extraídos do dicionário on-line Michaelis, e solicita que o estudante explique a relação de sentido dessa palavra dentro do contexto em que foi utilizada.

- 8 Releia o segundo parágrafo e, a seguir, os possíveis significados para a palavra esquizofrenia:

Esquizofrenia

Conjunto de transtornos do funcionamento cerebral que afetam as percepções, o pensamento, as emoções e o comportamento, caracterizados por vários sintomas, dentre eles delírios, alucinações, desorganização do pensamento, dificuldade na fala, redução da motivação e da afetividade e retraimento social, tornando o indivíduo incapaz de distinguir o real do imaginário. É de causa complexa e multifatorial, podendo levar o paciente à deterioração da personalidade.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esquizofrenia/>. Acesso em 18 fev. 2018.

- a) Por que o autor afirma que há uma “esquizofrenia que toma conta de parte da sociedade brasileira quando ouve falar ou pensa em opinar sobre imigração”? Explique com suas palavras.

Figura 7 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, pp. 124-125

O termo foi empregado conotativamente no texto, ou seja, essa palavra foi ressignificada pelo autor, tendo em vista que

As palavras [...] adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. As palavras só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. (ABBADE, 2001, p. 151)

Dessa forma, a palavra não pode ser tratada como portadora de significado absoluto. Seu sentido é construído em sua relação com as demais palavras do texto, pois o sentido de uma palavra varia em função do contexto e do cenário, “o que implica uma dimensão cultural e uma individual, além da própria dimensão textual, que é linguística” (FERRAREZI JUNIOR, 2008, p. 29).

No caso da palavra “esquizofrenia” seu sentido só pode ser observado se associado aos vocábulos anteriores presentes no texto: “alarmistas” e “apocalípticas” (referindo-se a “frases”) e “invasão” e “roubar”. Com essas palavras o autor do artigo de opinião demonstra a percepção exacerbada e equivocada da realidade de parte da sociedade brasileira, permitindo a associação metafórica com o termo médico “esquizofrenia”.

Ainda sobre esse texto, em relação às questões lexicais, seria interessante refletir se outras unidades lexicais não causariam dificuldades para a leitura, como os vocábulos “demanda”, “estereótipo”, “mobilização” e “sociedade civil”.

A última atividade, que pode ter uma abordagem lexical, é a 11, primeira questão, que busca averiguar se o estudante é capaz de identificar o tema principal, ou seja, a essência do texto, após a leitura da introdução.

- 11 Com base no que discutimos até aqui, sobre introdução e posicionamento (tese) do artigo de opinião, preencha o quadro:

Qual é o tema principal do texto?

Qual é o posicionamento do autor em relação ao tema?

INTRODUÇÃO

Estratégias possíveis: declaração, definição, referência histórica, citação direta, citação indireta, comparação, frases nominais.

Figura 8 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano*, pp. 127.

Embora essa atividade não seja claramente lexical, se o estudante identifica o tema principal, condicionado à leitura da parte introdutória do texto, e consegue recontar com suas próprias palavras o material lido, denota que ele compreendeu as palavras dispostas no primeiro parágrafo e a relação estabelecida entre elas que, articuladas, constroem os sentidos veiculados pelo texto, uma vez que “[...] as palavras são os instrumentos materiais de significação e dos efeitos que o autor pretende exercer sobre seu interlocutor [...]” (KLEIMAN, 2012, p. 74). Além disso, na primeira questão, por exemplo, o estudante poderia sintetizar o tema por meio de uma palavra (*imigração, xenofobia*, por exemplo).

A “Atividade 3 - Para ficar fera: variações sobre o mesmo tema” tem início com a propositura de uma roda de conversa após os estudantes e o professor assistirem ao vídeo “A maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial”. As perguntas norteadoras da conversa tratam da crise humanitária referida no vídeo assistido, de sua comparação com a Segunda Guerra Mundial, de como os dados e as informações contribuem para o posicionamento e os argumentos utilizados no vídeo e de como as mídias têm divulgado essas informações.

132 LÍNGUA PORTUGUESA

ATIVIDADE 3 - Para ficar fera: variações sobre o mesmo tema

RODA DE CONVERSA

Com ajuda do(a) professor(a), assista ao vídeo “A maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial” e, em seguida, discuta com os(as) colegas:



Link: https://www.youtube.com/watch?v=KfKfmCjzP_M

- O que é a crise humanitária a que o vídeo faz referência?
- Por que ela é comparada à Segunda Guerra Mundial?
- Como os dados e as informações apresentados se relacionam com o posicionamento e os argumentos apresentados por Rodrigo?
- Como essas informações têm sido divulgadas pelas mídias que vocês têm acesso?

Figura 9 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 132

Na sequência, após breve introdução ao tema, tanto pelo vídeo como pelas discussões da roda de conversa, apresenta-se um artigo de opinião para leitura, que

será apresentado na figura a seguir. Vale ressaltar que nesse momento o estudante tem bastante informação sobre o assunto que será abordado no texto, o que facilita sua compreensão textual, visto que “quanto maior for a informação do leitor a respeito do tema, maior sua prontidão para interpretar a continuidade dos sentidos, a coerência textual” (COROA, 2016, p. 53).

8º ANO 133

1 Agora, buscando compreender um pouco sobre as discussões presentes no vídeo, leia o texto a seguir e, com ajuda do(a) professor(a), responda às questões:

Internacional

Opinião

A aurora da fronteira

por Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais — publicado 05/11/2015 05h16

Diante do drama dos imigrantes, lembremos Kant: ninguém tem mais direito do que outro a estar num determinado lugar da Terra

Por Carlos Enrique Ruiz Ferreira*

Falar em crise se tornou senso comum. Melhor seria mudar o discurso para uma reflexão propositiva a partir da categoria “mutações”. Neste sentido, qual a mutação que esperamos por parte dos Estados e dos indivíduos no que tange ao drama migratório?

Refugiados políticos, ambientais ou econômicos, a magnitude numérica e a relevância emocional da questão impõem uma *conditio sine qua non*¹ da agenda internacional. De acordo com os dados das Nações Unidas, contabilizamos 232 milhões de pessoas vivendo aquém de seus países de origem em 2013. Por outro lado, segundo o *The Washington Post*, foram erguidos 20 muros e barreiras entre estados entre 1945 e 2000. Desde o ano 2000, criamos mais 25, com o objetivo de impedir a livre circulação de pessoas, principalmente entre estados soberanos.



1 Condição indispensável. Condição sem a qual não se faz tratado algum.

Figura 10 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 133

A União Europeia, *locus*² do berço do humanismo, promove os direitos humanos no mundo, mas, *pari passu*³, estabelece normativas e práticas políticas das mais agressivas com relação aos imigrantes. Filmes franceses como o *Welcome* e, recentemente, *Samba*, sabatinam a cultura francesa, desvelando uma espécie de esquizofrenia ocidental entre a hospitalidade e a hostilidade com relação ao estrangeiro. Para além da ficção, as manchetes internacionais rendem contas dos mais amargos fatos.

Em meio à contemporânea crise migratória na Europa, os indivíduos, os Estados e a União Europeia se repositionam. Mas afinal, quais são as causas do fenómeno? Múltiplas, de certo. Não obstante, o número de imigrantes que buscam um melhor trabalho, melhor condição de vida, adquire cada vez mais proeminência. Para os refugiados políticos e ambientais, as agências da ONU e os países avançam significativamente, mas para os “refugiados econômicos” a questão adquire características de um tabu.

As Nações Unidas e as grandes potências (os membros permanentes do Conselho de Segurança, por exemplo) aquiesceram em relativizar o princípio da Soberania *vis à vis* os Direitos Humanos na órbita das operações de paz (a partir da Reponsabilidade de Proteger). Não obstante, no que tange às questões migratórias, seguem válidas as prerrogativas soberanas clássicas sobre o controle fronteiriço. Não há lugar, neste caso, para os direitos humanos; não há lugar para o que Kant chamou de direito à hospitalidade e direito de visita. Lembremos: para o filósofo de Königsberg, “originariamente ninguém tem mais direito do que outro a estar num determinado lugar da Terra”.

Torna-se imperativo avançar em concepções e debates que subsidiem padrões políticos e éticos. Afinal, trata-se de um desafio de grande envergadura do século XXI. A criação do “visto humanitário” no Brasil e o debate de uma nova Lei de Estrangeiros no país (em discussão no Congresso) denotam a possibilidade de incluir na agenda dos Estados conceitos como “solidariedade” e “hospitalidade”. Ainda, os recentes esforços da prefeitura e do estado de São Paulo com relação aos haitianos sugerem efetivas possibilidades de boas práticas.

Recordando a recente encíclica *Laudatio Si*⁴, por outro lado, nos instiga a pensar sobre os princípios que defendem que nós, os seres humanos, partilhemos de uma “casa comum”. Apesar das diferenças e do respeito às mesmas, fazemos parte de uma mesma coletividade, de uma fraternidade (de *frater*, que significa “irmão”). É tempo de resgatar lições simples – ao mesmo tempo antigas e urgentes – mas muitas vezes obliteradas, de que participamos de um coletivo chamado Humanidade e habitamos uma mesma morada, o planeta Terra.

*Carlos Enrique Ruiz Ferreira é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, pós-doutorando do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e membro do Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais/GR-RI. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-gr/la-aurora-da-fronteira-1673.html>. Acesso em 18 fev. 2018.

2 Lugar
3 Ao mesmo tempo
4 É uma encíclica do Papa Francisco, na qual o papa critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas.

Figura 11 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 134

O artigo de opinião “A aurora da fronteira” foi escrito por Carlos Enrique Ruiz Ferreira, que é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba; na época, era pós-doutorando do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e membro do Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais/GR-RI. Essa pequena biografia do articulista aparece no final do artigo e é fonte de dado para a elaboração da resposta à primeira questão que aparece após a leitura do texto.

Destaca-se que esse texto foi extraído do *site* de jornalismo *Carta Capital*, cuja missão, expressa na página oficial online, é “despertar o pensamento crítico por meio de um jornalismo honesto em defesa da diversidade de ideias e de um país mais desenvolvido, justo e democrático. Em múltiplas plataformas, a qualquer tempo, sem se dobrar a pressões de qualquer natureza”⁵. A Carta Capital se autodefine como jornalismo progressista e defende o Estado Democrático de Direito.

As informações sobre o autor do texto e seu suporte são importantes na medida em que

Os gêneros emergem situados em contextos específicos, envolvem participantes específicos e são moldados pelos valores desses participantes.[...] nenhum gênero é neutro; ele sempre reflete a forma de pensar, os valores e as práticas da comunidade em que emerge e na qual circula (BEZERRA, 2022, p. 52).

O texto é acompanhado por notas de rodapé com o significado de algumas expressões latinas. Embora seja sabido que “é preciso deixar de lado a costumeira crença do professor ou do autor do livro didático de que sabe escolher as palavras desconhecidas pelo aluno, o que os faz predeterminar a palavra que será ou não estudada” (GIL, 2016, p. 462), parece oportuno destacar essas expressões, pois, provavelmente, o estudante não conseguiria, pelo contexto, inferir o seu significado.

Após a leitura do texto são propostas seis atividades, numeradas de 2 a 7, que aparecem nas páginas 135 a 138. As atividades de 2 a 6 são de múltipla escolha e tratam especificamente da estrutura do artigo de opinião, tanto no que concerne à sua forma como ao seu conteúdo. O papel social ocupado pelo articulista e sua influência para tratar do tema, o posicionamento do autor, os argumentos utilizados e a proposta contida na conclusão são algumas temáticas abordadas nessas atividades. Nenhuma das atividades⁶ aborda questões lexicais.

Na atividade 7, é solicitada ao estudante a comparação entre os dois artigos de opinião lidos a partir do preenchimento de uma tabela com o nome dos autores, a função social de cada um deles, a imagem que cada um tem do seu público leitor, o tema de cada artigo, o local onde cada texto, possivelmente, circula, o posicionamento dos articulistas, seus argumentos e conclusão. Todas as questões

⁵ Essas informações foram coletadas no *site* da Carta Capital < <https://www.cartacapital.com.br/principios/> Acesso em: 27 set. 2023.

⁶ As atividades estão disponíveis para consulta no Anexo B.

tratam do gênero textual artigo de opinião e as características constituintes dos dois textos lidos.

7 Compare os dois artigos lidos até aqui e complete o quadro a seguir:

	Artigo 1	Artigo 2
Autor		
Função social do autor		
Imagem que o autor tem do(a) leitor(a)		
Tema / assunto		
Locais e/ou veículos onde o texto possivelmente circula		

Figura 12 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 136*

8º ANO 137

Momento de produção do artigo. Que problemas o Brasil e mundo vivenciavam?		
Posicionamento		
Argumento 1		
Argumento 2		
Argumento 3		
Conclusão		

Figura 13 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 137*

Logo na sequência, em um item da mesma atividade, é indagado ao estudante qual argumento ele acredita que sustenta melhor o posicionamento do articulista. O estudante precisa justificar sua resposta.

Para finalizar a atividade 7, no item “b” o estudante precisa apontar outro argumento possível para sustentar o posicionamento de cada articulista. O estudante precisará, então, valer-se da criação para escrever esse parágrafo argumentativo.

Percebe-se, a partir da descrição, que o estudo do léxico foi esquecido ou, simplesmente, suprimido das atividades, mesmo sabendo que a escolha adequada do léxico tem forte poder de persuasão, fator eficaz na construção desse tipo de texto, e que “[...] o léxico tem uma função significativa na estruturação do texto, na construção de seus sentidos, na definição de sua adequação às condições sociais de seus contextos de uso” (ANTUNES, 2010, p. 178).

O último artigo de opinião trabalhado no *Caderno da Cidade - Saberes e Aprendizagens - 8º ano* de língua portuguesa é “Não à criminalização do outro” do Padre Alfredo J. Gonçalves. O texto aparece, também, dentro da “Atividade 3 - Para ficar fera: variações sobre o mesmo tema” e ocupa três páginas do livro (138 a 140).

8 Leia o texto a seguir e, depois, responda às perguntas:

Não à criminalização do outro

Publicado em janeiro 14, 2015 por Rodrigo Borges Delfim

A reflexão abaixo, feita pelo Pe. Alfredo J. Gonçalves e reproduzida pelo MigraMundo, parte dos atentados ocorridos no último dia 7 na França. Mas a mensagem vai além não só dos tristes e sangrentos episódios de Paris, mas também das consequências nocivas que o extremismo provoca nas sociedades.

por Pe. Alfredo J. Gonçalves

Figura 14 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 138)

O massacre de Charles Hebdo, em Paris, no dia 7 de janeiro de 2015, em que foram barbaramente assassinadas 12 pessoas – uma vez mais – coloca lado a lado as figuras do terrorista, do muçulmano e do migrante. Ingênua, desinformada ou cúmplice, a mídia e a opinião pública muitas vezes mesclam terrorismo, religião e migração. Daí se passa facilmente à criminalização tanto do islamismo quanto dos deslocamentos humanos de massa. Os fantasmas que há anos rondam a política externa e a segurança interna tornam-se mais vivos e ameaçadores do que nunca. Em praticamente todos os países europeus (e não só), eleva-se o alarme ao nível máximo.

Resulta evidente a necessidade de distinguir, de um lado, a prática de uma religião baseada nos princípios de determinado livro (Bíblia, Torá, Alcorão – ligados respectivamente ao cristianismo, ao judaísmo/hebraísmo e ao islamismo) e, de outro lado, o cego fanatismo aparentemente vinculado aos mesmos princípios religiosos. Bem sabemos como, no decorrer da história das religiões, a cegueira fundamentalista levou tantos inocentes à fogueira e à inquisição, bem como disseminou as “guerras santas”, semeando cadáveres por toda parte.

Todo e qualquer regime totalitário, seja ele de caráter político, ideológico ou religioso, tende à perseguição, à violência e até mesmo à eliminação pura e simples no confronto com os opositores. Que o digam as cruzadas, o patíbulo, a guilhotina, o paredão de fuzilamento, as câmeras de gás do holocausto, sem falar da famigerada prática da tortura. No caso do totalitarismo de ordem religiosa e/ou étnica, porém, o conflito pode ganhar cores mais sombrias, uma vez que entra em cena o jogo da verdade-falsidade e o nome de Deus.

Nos últimos tempos, especialmente a partir dos atentados ao World Trade Center, nos Estados Unidos, em setembro de 2001, os migrantes e as migrações passam a fazer parte do mesmo cenário. Confundidos não poucas vezes com os terroristas, os quais, por sua vez, se escondem atrás de uma roupagem religiosa, migrantes, refugiados, prófugos e deslocados acabam “pagando o pato”. Como se não bastasse, a esse quadro mistura-se ainda o ingrediente do crime organizado, com destaque para o tráfico de drogas, armas e seres humanos. O fato é que, nessa atmosfera de medo e desinformação, o controle e a vigilância nas fronteiras torna-se cada vez mais rígido, de modo particular quando estão em jogo determinados povos e nações.

Repórteres, microfones, câmeras e holofotes disputam o bombardeio de imagens e palavras. Sob o impacto de semelhante avalanche de sensações – mais do que de informações – não é fácil fazer um juízo crítico dos fatos e boatos que desfilam no palco. Palco porque o “espetáculo” parece substituir o jornalismo sério, responsável e objetivo. Efetivamente, quando a informação sofre um processo de “espetacularização”, com frequência desencadeia, nos indivíduos e nas multidões, paixão, rancor, ódio e sobretudo desejo de vingança. O que, entre outros fatores, explica a reação contra mesquitas e/ou pessoas estrangeiras.

Figura 15 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano*, p. 139

Desnecessário enfatizar que o caminho do terrorismo só faz crescer a espiral da violência. E esta cresce igualmente quando se entra no mesmo jogo do "olho por olho, dente por dente". Mas esse inimigo comum de toda humanidade, hoje cada vez mais perigoso e audaz, deve ser desvinculado seja da esperança e do sonho de quem cruza as fronteiras do próprio país em busca de um futuro menos amargo, seja de quem procura, através da religião, um sentido para a vida e um empenho por um convívio pacífico. Tal espiral de violência não pode inibir o intercâmbio de povos, cultas e valores, no coração dos quais germinam as sementes da paz mundial.

Roma, 9 de janeiro de 2015

Disponível em: <https://migramundo.wordpress.com/2015/01/14/opinio-ao-nao-a-criminalizacao-do-outro/>. Acesso em 18 fev. 2018.

Figura 16 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 140

Após a leitura do texto são propostas seis atividades numeradas de 9 a 14. As atividades 9, 10, 11 e 12 estão, mais uma vez, relacionadas com o gênero textual artigo de opinião, suas características constitutivas, como a estratégia argumentativa e o posicionamento do autor. Como não são atividades ⁷que exploram questões lexicais, pouca atenção será dispensada a elas.

A atividade 13 solicita ao estudante que escreva, com as próprias palavras, por que, de acordo com o texto, a mídia que espetaculariza tudo pode ser um problema para a discussão que o mundo faz a respeito da imigração.

- 13** Explique, com suas palavras, por que, de acordo com o texto, a mídia que espetaculariza tudo pode ser um problema para a discussão que o mundo faz a respeito da imigração:

"Efetivamente, quando a informação sofre um processo de "espetacularização", com frequência desencadeia, nos indivíduos e nas multidões, paixão, rancor, ódio e sobretudo desejo de vingança".

Figura 17 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 141

⁷ As atividades podem ser consultadas no Anexo C.

Trata-se de uma atividade que avalia, a partir da resposta dada, se o estudante compreendeu o texto lido ou pelo menos parte dele. Sabe-se que a compreensão se constrói pelo conhecimento lexical e pela rede de relações possibilitada pelo uso das palavras no texto.

Explicar o trecho requer a compreensão de todas as palavras dentro desse contexto de uso. Para que o estudante possa responder quais as implicações da mídia para a discussão da imigração, é preciso que ele estabeleça as informações presentes no texto com sua experiência cultural, ou seja, é preciso fazer uso de um mecanismo cognitivo indispensável para a compreensão textual: a inferência. Antes disso, é necessário saber se os estudantes compreenderam o vocábulo “espetacularização”, que, no próprio texto, aparece grafada entre aspas, o que dá a entender que se deve dar atenção ao significado que lhe é atribuído. Não entendendo o sentido atribuído a “espetacularização” é difícil chegar às respostas exigidas pela atividade.

A última atividade, de número 14, pede que o estudante se posicione diante de um tema com base em um título de notícia e uma foto.

14 Observe o título da notícia e a foto:

08/09/2015 18h34 - Atualizado em 19/09/2015 14h18

Em vídeo, cinegrafista de TV húngara chuta e passa rasteira em imigrantes

Repórter cinematográfica foi demitida, segundo o canal.



Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/video-mostra-reporter-hungara-chutando-e-dando-rasteira-em-refugiados.html>. Acesso em 18 fev. 2018.

a) Ao observar o título da notícia e a foto, como você se posicionaria diante do seguinte tema:

Mídia, responsabilidade ética e imigração

Escreva e justifique o seu posicionamento com base em tudo o que estudamos até aqui:

Figura 18 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 142

Essa atividade visa avaliar se o estudante consegue se posicionar e defender o seu posicionamento com argumentos válidos. Seria uma atividade de preâmbulo para a produção de um artigo de opinião, proposta presente na subdivisão “Atividade 4 - Imigração e refúgio na cidade de São Paulo e na minha escola: precisamos falar sobre isso!”. Não serão analisadas as atividades da mencionada subdivisão, uma vez que a produção do artigo de opinião não é o foco da presente pesquisa.

Para finalizar a Atividade 3, o livro propõe uma roda de conversa (página 143), para que os estudantes se posicionem sobre os desafios enfrentados pelos imigrantes e refugiados no mundo, no Brasil, no estado de São Paulo, na cidade de São Paulo e na escola.

Pensando em termos quantitativos, verifica-se que a unidade apresenta 26 atividades, das quais 6 contêm mais de um item ou questão a ser respondida. Para que se possa mensurar a presença de atividades sobre o léxico na unidade, foi elaborada a tabela a seguir, em que se considera individualmente cada item das atividades, perfazendo um total de 34 questões.

Tipo de atividade	Quantidade	%
Lexical	5	15,15%
Localização de informação dada no texto	1	3,03%
Posicionamento do autor	6	18,18%
De tipologia textual	2	6,06%
De estrutura composicional do gênero textual	3	9,09%
Identificação da introdução	1	3,03%
Das estratégias argumentativas	10	30,30%
Tipo de conclusão utilizada	2	6,06%
Sobre o autor do artigo de opinião	4	12,12%

Tabela 1 - Quantificação das atividades analisadas - *Caderno da Cidade* do 8º ano

Observa-se com a análise da Tabela 1, que as atividades propostas centram-se, na maioria das vezes, na identificação das estratégias argumentativas utilizadas pelo articulista e em seu posicionamento, esquecendo-se de que, para tanto, é preciso fazer uso das palavras. Há pouca ênfase em qualificar a leitura realizada pelo estudante, em verificar se foram convencidos pelos argumentos apresentados e se haveria contra-argumentos. Também não se enfatiza como as escolhas linguísticas levaram a esse efeito. Além de outras atividades que qualificassem a leitura, um estudo lexical favoreceria a construção de um cidadão crítico e mais consciente de suas escolhas linguísticas e dos efeitos que elas podem suscitar no seu interlocutor.

3.4 Descrição e análise das atividades propostas na Unidade 4 do *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano

A Unidade 4, do volume do 9.º ano, do *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa tem como título “O artigo de opinião em rede: (des)informação, redes sociais e o pensamento crítico” e está subdividida em nove partes: “Atividade 1 - Sociedade, interação e redes sociais”, “Atividade 2 - Mas o que é mesmo um artigo de opinião?”, “Atividade 3 - Para ficar feral!”, “Atividade 4 - Articulando partes de um artigo de opinião”, “Atividade 5 - Argumentação, redes sociais e a construção de uma opinião pública”, “Atividade 6 - Com vocês, o(a) autor(a)!” , “Atividade 7 - Conflito pós-moderno - a geração ‘eu me amo’ e o artigo de divulgação científica”, “Atividade 8 - *Fake News* em tempos (pós-)modernos” e “Atividade 9 - Com você, o(a) autor(a)!”.

Nessa unidade são disponibilizados diversos textos que remetem a diferentes gêneros textuais. Na presente pesquisa será feita a análise das atividades que circundam três artigos de opinião: “A ilusão das redes sociais”, de Dulce Critelli, “Redes sociais sempre existiram”, de Jakson F. de Alencar, e “Quem aguenta tanta opinião (e intolerância) nas redes sociais?”, de Paulo Silvestre.

Esses artigos de opinião, acompanhados pelas atividades de compreensão do texto e do gênero textual em foco, ocupam 32 páginas da Unidade 4, e estão nas subdivisões da “Atividade 1 - Sociedade, interação e redes sociais” (pp. 178 a 183), da “Atividade 2 - Mas o que é mesmo um artigo de opinião?” (pp. 184 a 192), da “Atividade 3 - Para ficar feral!” (pp. 193 a 199) e da “Atividade 5 - Argumentação, redes sociais e a construção de uma opinião pública” (pp. 205 a 207).

Nas páginas introdutórias (176 e 177) estão elencados os objetivos da unidade, a saber: atrelar a problemática das redes sociais como elemento de criticidade; caracterizar o gênero artigo de opinião e sua relação com a função de opinião pública inerente aos jornais e outros meios de comunicação; debater sobre a inclusão digital, marco civil da internet e o uso de *selfies* em nosso dia a dia; proporcionar formas de entendimento, por meio da linguagem, de como as *fake news* e a pós-verdade contribuem para a construção de opiniões e posicionamentos; contrastar os gêneros artigo de divulgação científica e artigo de opinião; e produzir um artigo de opinião.

Além dos objetivos, há um pequeno texto acompanhado de perguntas disparadoras sobre *fake news*, *selfies* e posicionamento frente às notícias que circulam na internet. São perguntas que visam, de alguma forma, situar o estudante na temática dos artigos de opinião que serão lidos e ampliar a sua competência lexical para a compreensão da leitura.

Parece, portanto, uma unidade bastante produtiva no sentido de levantar os conhecimentos prévios dos estudantes, de forma compartilhada, pensando na possibilidade de que uns aprendem com os outros, e todos adentram esse mundo da era digital e do conjunto de palavras que cercam esse universo, pois “[...] o universo vocabular de um indivíduo constitui parte do conhecimento prévio, fator este determinante para o sucesso dos atos comunicativos, sejam eles expressos na modalidade oral ou escrita” (FERREIRA; VIEIRA, 2013, p. 26).

Ressalta-se que pode ser o primeiro contato do estudante com a estrutura textual de um artigo de opinião de forma reflexiva, tendo em vista que nem todos os estudantes realizaram o 8.º ano do Ensino Fundamental na rede municipal de ensino da cidade de São Paulo e, portanto, nem todos tiveram acesso ao volume do 8.º ano de língua portuguesa do *Caderno da Cidade - Saberes e Aprendizagens*, cujas atividades foram analisadas anteriormente.

Nas duas páginas seguintes (178 e 179), a atividade ‘1’ é a leitura, juntamente com o professor, do artigo de opinião “A ilusão das redes sociais”. Nesse e nos próximos dois artigos de opinião que serão analisados não aparecem as informações sobre os articulistas. Fica a cargo do estudante, caso julgue necessário, fazer uma pesquisa sobre os autores de forma a constatar que aquele que escreve legitima as ideias defendidas no texto pelo papel que desempenha na sociedade e pelo credenciamento que tenha em setores aos quais esteja associado.

ATIVIDADE 1 – Sociedade, interação e redes sociais

- 1 Leia, juntamente com o(a) professor(a), o texto a seguir:

A ilusão das redes sociais

por Dulce Critelli

É indiscutível o importante papel que as redes sociais desempenham hoje nos rumos de nossa vida política e privada. São indiscutíveis também os avanços que introduziram nas comunicações, favorecendo o reencontro e a aproximação entre as pessoas e, se forem redes profissionais, facilitando a visibilidade e a circulação de pessoas e produtos no mercado de trabalho.

A velocidade com que elas veiculam notícias, a extensão territorial alcançada e a imensa quantidade de pessoas que atingem simultaneamente não eram presumíveis cerca de uma década atrás, nem mesmo pelos seus criadores. Temos sido testemunhas, e também alvo, do seu poder de convocação e mobilização, assim como da sua eficiência em estabelecer interesses comuns rapidamente, a ponto de atuarem como disparadoras das várias manifestações e movimentos populares em todo o mundo atual.

Dessa forma, não podemos sequer supor que elas tragam somente meras mudanças de costumes, porque seu peso, associado ao desenvolvimento da informática, é semelhante à introdução da imprensa, da máquina a vapor ou da industrialização na dinâmica do nosso mundo. As redes sociais provocam mudanças de fundo no modo como as nossas relações ocorrem, intervindo significativamente no nosso comportamento social e político. Isso merece a nossa atenção, pois acredito que uma característica das redes sociais é, por mais contraditório que pareça, a implantação do isolamento como padrão para as relações humanas.

Ao fazermos parte das redes sociais, acreditamos ter muitos amigos à nossa volta, sermos populares, estarmos ligados a todos os acontecimentos e participar efetivamente de tudo. Isso é uma verdade, mas também uma ilusão, porque essas conexões são superficiais e instáveis. Os contatos se formam e se desfazem com imensa rapidez; os vínculos estabelecidos são voláteis e atrelados a interesses momentâneos. Além disso, as relações cultivadas nas redes sociais se baseiam na virtualidade, portanto, no distanciamento físico entre as pessoas. Isso nos permite, com facilidade, entrar em contato com as pessoas e afastá-las quando bem quisermos. Tal virtualidade garante comunicação sem intimidade.

O que aconteceria conosco se não precisássemos mais da proximidade física de uns com os outros? O que morreria em nós, se essa proximidade deixasse de acontecer? Quando Hannah Arendt, pensadora contemporânea da política, analisou os totalitarismos do século passado, apontou para a possibilidade desses sistemas tornarem os homens supérfluos. Para tanto, entre

Figura 19 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 178

outros expedientes, manteriam as pessoas isoladas umas das outras. Separavam-nas de seus familiares, de suas comunidades, inclusive das pessoas com quem coabitavam nos galpões dos campos de concentração, instaurando entre elas a suspeita e o medo de delações. Isolavam classes sociais, promovendo contendas e animosidades entre elas. Isolavam as pessoas do seu próprio eu, exaurindo-as com trabalho e mantendo-as doentes e famintas. O isolamento torna os indivíduos manipuláveis e controláveis, como coisas. Os sistemas totalitários sabem muito bem que, isolados, os homens perdem a capacidade de se expor e de agir.

Na nossa atualidade, o isolamento tem um perfil diferente, porque é mais voltado para a intensificação do individualismo, cujos interesses afastam-se a cada vez mais das questões sociais. As recentes manifestações populares, embora devam sua ocorrência às redes sociais, mantêm o caráter do individualismo e do isolamento, pois os participantes não criam vínculos entre si. Expressam suas opiniões, caminham juntos, mas é só isso.

Arendt tem por pressuposto de suas análises a condição humana da pluralidade, ou seja, o fato de vivermos entre homens e jamais chegarmos a ser nem um ser humano, quando longe da companhia dos outros. Os outros, tanto quanto o ambiente em que vivemos, nos constituem, daí que, se o distanciamento interpessoal for se estabelecendo como nova condição de existência, nossa própria humanidade poderá sofrer o impacto de uma mutação.

Os próprios equipamentos para acesso às redes, que estão conosco o tempo todo e exercem intenso fascínio sobre nós, corroboram com esse isolamento. Talvez as aulas passem a ficar chatas, sobretudo as de Filosofia. Nelas, não se pode pular de um assunto para outro, nem entrar em contato com múltiplas informações ao mesmo tempo, como se faz nas telas do computador, nem ficar livre de esforços do pensamento com análises e reflexões.

O outro parece importar, mas, de fato, não importa. Importam apenas a própria posição e a autoexposição. Daí a constante informação sobre as viagens, os pensamentos, as emoções e, as atividades de alguém. É preciso estar em cena e sempre. Há nisso um evidente desenvolvimento do narcisismo e, conseqüentemente, do reforço do distanciamento entre as pessoas.

Faz parte desse narcisismo o fato de as pessoas terem de tratar a si mesmas como se fossem mercadorias. Em alguns de seus escritos, Zygmunt Bauman tem apontado para a necessidade das pessoas, sobretudo dos jovens, de se ocuparem sobremaneira com sua imagem nas redes sociais. Elas precisam escolher as fotos que melhor as apresentem, que as tornem atraentes e desejáveis.

Meu propósito, aqui, foi apenas o de levantar dados para uma reflexão. Mas quero acentuar que essas tendências das redes sociais – a virtualidade, o distanciamento, a superficialidade, a superfluidez do ser humano, a exposição narcísica, a ilusão de intimidade e popularidade, a “falação” e a “avidez de novidades”... – constituem o padrão de isolamento das relações pessoais. E quanto mais isolados, mais ficamos à mercê de controles e manipulações. Cada vez mais ameaçados na autoria do nosso destino pessoal e político.

Adaptado de: disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/a-ilusao-das-redes-sociais/>. Acesso em 18 fev. 2018.

Figura 20 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 179

Na sequência (página 180), aparecem duas questões que se dedicam à compreensão dos dois primeiros parágrafos do texto lido.

2 Qual é o posicionamento (tese) da autora, apontado no 1º parágrafo do artigo?

3 O 2º parágrafo do artigo de opinião foi destinado para a justificativa da tese, ou seja, visa apontar ao(à) leitor(a) qual é a relevância social daquele posicionamento. De que trata esse 2º parágrafo?

Figura 21 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 180

Ao iniciar as atividades propondo perguntas sobre os primeiros parágrafos do texto, ignora-se o título, que poderia ser amplamente trabalhado e discutido. Segundo Marcuschi (2020, p. 82) “o título é sempre a primeira entrada cognitiva no texto” e é por meio dele que se faz suposições que se confirmam ou não durante a leitura do texto. Trabalhar com o título é uma boa maneira de trabalhar o texto globalmente, pois é a partir do título que se percebe como “se constrói um universo contextual e ideológico para os textos mesmo antes de lê-los” (MARCUSCHI, 2020, p.82). A unidade lexical “ilusão” e sua relação com “redes sociais” poderia ser discutida.

O enunciado da questão 2 também poderia ser melhor elaborado, de forma que os estudantes pudessem compreender o que se espera com a atividade proposta. O estudante não teve explicação do que é “tese”, tampouco do que é “posicionamento”. Certamente, alguns estudantes de nono ano não conhecem ou não se lembram desses conceitos. Portanto, conseguir responder com êxito a questão de número 3 é pouco provável.

3 O 2º parágrafo do artigo de opinião foi destinado para a justificativa da tese, ou seja, visa apontar ao(à) leitor(a) qual é a relevância social daquele posicionamento. De que trata esse 2º parágrafo?

Figura 22 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 180

Além dos possíveis problemas provenientes da questão 3, proposta ao estudante, há as dificuldades oriundas de palavras desconhecidas presentes no texto de referência, cuja inferência lexical não tenha sido possível. “Veiculam”, “presumíveis”, “delações”, “animosidade”, “exaurindo-as” são algumas dessas palavras.

A identificação de palavras desconhecidas e a busca por elas em um dicionário escolar, permite romper com dificuldades de desconhecimento de vocábulos utilizados no texto não sanados com o uso de inferências de significado lexical pelo contexto. Sendo assim, a prática do uso de dicionário precisa ser estimulada pelo material didático ou pelo professor. O professor e/ou o livro/manual didático precisa orientar o estudante para o uso do texto lexicográfico como instrumento de complemento didático. O livro didático precisa incentivar a consulta ao acervo de dicionários.

Além disso, o artigo de opinião é um gênero textual de tipo argumentativo que tem como uma de suas premissas a seleção lexical a serviço do objetivo da argumentação. Conforme afirma Antunes (2012, p. 54), “o gênero em que o texto vai realizar-se constitui [...] condicionamento para a escolha das palavras”, ou seja, cada gênero impõe certa delimitação para a seleção das palavras, daí a importância da compreensão das palavras que foram escolhidas intencionalmente no texto lido.

Somente compreendendo a significação situada dos vocábulos é possível pensar na compreensão leitora e na produção de inferências que possibilitam a produção de sentidos nos textos.

As questões 4 e 5 estão na página 182 e tratam dos argumentos utilizados pela articulista no 5.º parágrafo e a relação que eles traçam com as ideias da pensadora Hanna Arendt.

4 Escreva o argumento e sua respectiva argumentação que constam no 5º parágrafo do texto:

5 Qual é o paralelo traçado pela autora do texto entre os dias atuais e as ideias da pensadora Hanna Arendt? Você concorda com a posição da articulista?

Figura 23 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 182

Talvez, nesse momento da tarefa, o professor precise explicar o que é argumento e o que é argumentação. Na página 187, há proposta de discussão, entre professor e estudantes, sobre o que é argumento, o que é posicionamento, a diferença entre argumento e opinião, a importância de saber argumentar e a relação entre argumentar e convencer. São perguntas para refletir, mas não há respostas nem explicações sobre essas questões. Tendo em vista as questões apresentadas, seria desejável que a discussão fosse antecipada. Mais abaixo, no material didático, há o passo a passo para a construção de uma argumentação.



RODA DE CONVERSA

Discuta com o(a) professor(a) e colegas:

- Você sabe o que é argumento?
- Qual a diferença entre argumento e opinião?
- O que é posicionamento?
- Em que medida, saber argumentar é importante para a vida em sociedade?
- Argumentar e convencer têm o mesmo significado?

Argumentação
Ativar os conhecimentos prévios da situação-problema.
Refletir sobre as várias possibilidades e sobre os vários pontos de vista possíveis.
Selecionar e organizar, de preferência em um rascunho, os vários argumentos ligados aos pontos de vista.
Escolher os argumentos, entre os vários selecionados, para compor a tese (o posicionamento de seu texto, a espinha dorsal).

Figura 24 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 187

A roda de conversa e o passo a passo para a construção da argumentação talvez não contribuam para que o estudante entenda o conceito de argumento e argumentação com o intuito de realizar a atividade 4. Seria interessante, portanto, fundamentar as discussões com uma pesquisa em um dicionário ou em uma enciclopédia para elucidar o significado desses conceitos, pensando no artigo de opinião.

Convém, ainda, alertar os estudantes para os tipos de argumentos que podem ser utilizados nos textos argumentativos. Nesse caso, a articulista se vale da pensadora Hannah Arendt para validar e fortalecer o seu argumento, ou seja, recorre ao recurso do argumento de autoridade. Poderia ter utilizado um argumento de justiça, pragmático, do desperdício, pelo exemplo, pelo antimodelo ou pela analogia, ou ainda um argumento baseado em provas concretas. Note-se aqui que se utiliza um vocabulário especializado relativo ao estudo do gênero textual. Cabem, então, esclarecimentos terminológicos e definições claras que delimitem cada um dos conceitos apresentados.

Além de explicitar os possíveis recursos de argumentos que se pode utilizar, a explicação dos conceitos “argumentação” e “argumentar”, precedendo a atividade, pode contribuir para que os estudantes resolvam a atividade de forma adequada e exitosa.

Sobre a atividade 5, a primeira questão é complexa e requer do estudante bastante reflexão e compreensão do que é o “sistema totalitário” e sua relação com os dias atuais. Se o estudante não conseguir responder a primeira questão, possivelmente, não responderá a segunda, que é uma pergunta de cunho pessoal, mas justificável à luz da posição da articulista. Certamente, os estudantes podem responder com um “sim” ou um “não” sem demonstrar grandes argumentos para o seu posicionamento, uma vez que esse tipo de questão é classificado por Marcuschi (2020, p. 77) como pergunta subjetiva, aquela que “em geral têm a ver com o texto de maneira apenas superficial”, sendo que a resposta “fica por conta do aluno e não há como testá-la em sua validade”. No entanto, espera-se, com essa atividade, que o estudante consiga, por meio de argumentos válidos, se posicionar criticamente frente ao artigo de opinião lido.

Tratar dos sistemas totalitários, propor uma pesquisa sobre o tema e sobre a influência da pensadora alemã nesse assunto, poderia contribuir para que os estudantes conseguissem responder à questão de forma exitosa. Ou seja, percebe-se que é preciso compreender o conceito de “sistema totalitário” para avançar na atividade proposta. Nesse sentido, seria muito interessante a construção de um projeto interdisciplinar, que pudesse envolver professores de História e Filosofia.

Na sequência das atividades 4 e 5, aparece um quadro, “Para saber mais”, explicitando sucintamente quem foi Hannah Arendt e Zygmunt Bauman.



PARA SABER MAIS



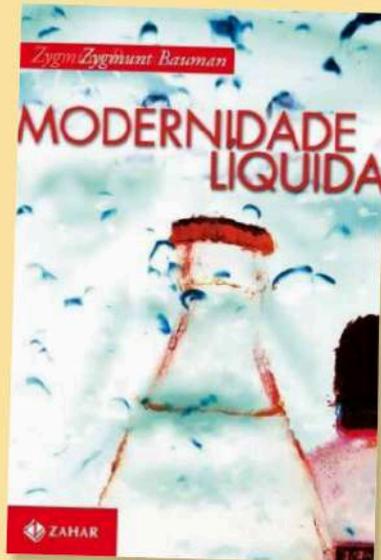
Credito: Wikimedia Commons / Ailton Astarique

Alemã, de origem judaica, Hannah Arendt foi uma das mais importantes filósofas do século XX. Seu pensamento filosófico sobre a política, o totalitarismo, a responsabilidade, a verdade, continuam a dialogar com o pensamento e questões contemporâneas.

Disponível em: <http://www.hannaharendt.org.br/>. Acesso em 18 fev. 2018.

Zygmunt Bauman cumpre aqui sua missão de sociólogo, esclarecendo como a modernidade imediata é “leve”, “líquida”, “fluida” e infinitamente mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou. A passagem de uma a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. Zygmunt Bauman esclarece como se deu essa transição e nos auxilia a repensar os conceitos e esquemas cognitivos usados para descrever a experiência individual humana e sua história conjunta.

Modernidade líquida complementa e conclui a análise realizada pelo autor em *Globalização: as consequências humanas* e *Em busca da política*. Juntos, esses três volumes formam uma análise brilhante das condições cambiantes da vida social e política.



Disponível em: <https://zahar.com.br/livro/modernidade-liquida>. Acesso em 18 fev. 2018.

Figura 25 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, pp. 182-183

Na atividade 6 é requerido do estudante que ele explique com suas palavras a reflexão inserida na conclusão do artigo. Trata-se de uma atividade produtiva, uma vez que o estudante só conseguirá realizá-la se realmente compreendeu o texto: “[...] se o leitor é incapaz de recontar com suas próprias palavras o material lido, não podemos dizer que houve compreensão.” (KLEIMAN, 2012, p. 63).

Na atividade 7, retoma-se Bauman e a relação de sua obra “Modernidade Líquida” com o artigo de opinião lido. Parece ser uma atividade um pouco complexa

para quem não leu a obra completa de Zygmunt Bauman. Além disso, ao afirmar que a modernidade imediata é “leve”, “líquida”, “fluida”, Bauman utiliza essas palavras para além de seus significados denotativos. Portanto, seria preciso explorar a polissemia das palavras que descrevem a modernidade, bem como seu uso conotativo.

- 6 Qual reflexão, inserida na conclusão do artigo, que a autora deixa para os(as) leitores(as)? Explique com suas palavras.

- 7 No que diz respeito à era da informação, em que a obra de Bauman se relaciona com as ideias de fluidez e informação nos dias de hoje? Por quê?

Figura 26 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 183*

As atividades propostas nas páginas seguintes (página 185 a 192) tratam do gênero textual artigo de opinião, a tese, a linguagem utilizada, a estrutura textual, questões pertencentes ao gênero, sua finalidade, o suporte em que circula, por que e para quem são escritos, as principais características e estratégias de argumentação. Nas figuras a seguir, apresentam-se exemplos dessas atividades.

2 Retorne ao artigo “A ilusão das redes sociais”, de Dulci Critelli e identifique o que se pede:

Que assunto de relevância social é apresentado no artigo?	
Qual a tese ou posicionamento é defendido(a) pela autora?	
A linguagem empregada é mais objetiva ou subjetiva? Por quê?	
Cite um argumento que sustenta a tese defendida pela autora.	

Figura 27 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, pp. 185-186



LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO DIGITAL

Pesquise, em alguns sites, as seguintes estratégias argumentativas e, depois, faça anotações das explicações que você encontrou:

Exemplificação	
Analogia	
Argumentação de competência linguística	

Figura 28 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 192

Sobre a atividade proposta no “Laboratório de educação digital”, é necessário retomar o que foi dito anteriormente sobre a terminologia empregada para denominar as estratégias argumentativas. Não há como solicitar uma atividade para os alunos se a terminologia não for plenamente conhecida.

Nas páginas 193 até o início da 195 é disponibilizada ao estudante uma reportagem sobre a internet na sociedade e algumas questões de compreensão do texto lido. Não é objetivo da presente pesquisa analisar o gênero reportagem. Portanto, salta-se para a análise das atividades propostas, após a leitura de outro artigo de opinião intitulado “Redes sociais sempre existiram”, de Jakson F. de Alencar (pp. 195 e 196).

9º ANO 195

d) Qual seu posicionamento em relação aos temas “inclusão digital” e “mundo conectado”?

2 Leia, silenciosamente, o artigo a seguir:

Redes Sociais sempre existiram



Jakson F. de Alencar

Atualmente, fala-se muito em redes sociais. Elas se tornaram espécie de vedetes da área da comunicação. É verdade que as redes estão transformando a comunicação social, as formas das pessoas se comunicarem. Antes, tínhamos canais de massa que se dirigiam a audiências enormes. Agora, cada vez mais, essas audiências diminuem. Tínhamos a comunicação de poucos para muitos, hoje, tende a aumentar a comunicação de muitos para muitos, com grupos menores ou comunidades que interagem. Multiplicam-se as possibilidades de comunicação e as pessoas conectadas via Internet são ao mesmo tempo emissoras e receptoras.

Entretanto, não nos esqueçamos de que redes sociais sempre existiram. As sociedades sempre viveram em rede, ou em redes. Ao longo da vida e da história, as pessoas têm feito parte de várias redes: família, trabalho, grupo de amigos, associações de várias espécies, comunidades. Com o advento da Internet aumentaram as facilidades para constituírem-se redes, as possibilidades e a capacidade de as redes ultrapassarem os limites de espaço e tempo.

Dessa forma, as redes sociais não surgiram ou foram inventadas agora. O que surgiram foram as redes sociais mediadas por computadores e outros dispositivos. O avanço tecnológico proporcionou um aumento exponencial do efeito de rede, modelando a sociedade atual. As novas tecnologias da comunicação permitem a formação de redes informais e comunidades de aprendizagem, troca de ideias, entretenimento, cuja afinidade é o encontro num ambiente virtual. Da mesma maneira, as afinidades existentes ou geradas podem proporcionar a formação de redes porque o encontro de interesses semelhantes leva à procura dos meios de comunicação adequados.

Figura 29 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 195

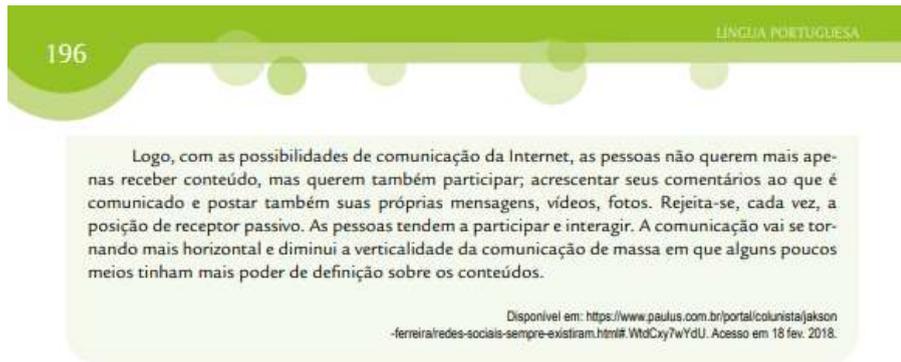


Figura 30 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 196

Após a leitura desse artigo de opinião, são propostas sete atividades, das quais três tratam da identificação, por parte do estudante, do posicionamento defendido pelo articulista, os argumentos utilizados para sustentá-lo e a forma de finalização do texto (atividades 3, 4 e 5) e as outras três (atividades 6, 7 e 8) evidenciam a preocupação do material didático com a estrutura do gênero textual que está sendo abordado.

196 LÍNGUA PORTUGUESA

Logo, com as possibilidades de comunicação da Internet, as pessoas não querem mais apenas receber conteúdo, mas querem também participar; acrescentar seus comentários ao que é comunicado e postar também suas próprias mensagens, vídeos, fotos. Rejeita-se, cada vez, a posição de receptor passivo. As pessoas tendem a participar e interagir. A comunicação vai se tornando mais horizontal e diminui a verticalidade da comunicação de massa em que alguns poucos meios tinham mais poder de definição sobre os conteúdos.

Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/colunista/jackson-ferreira/redes-sociais-sempre-existiram.html#WtdCxy7wYdU>. Acesso em 18 fev. 2018.

3 Qual é o posicionamento defendido pelo articulista?

4 Que argumento sustenta esse posicionamento? Transcreva-o abaixo:

5 A forma como o articulista finaliza o texto é mais reflexiva ou propositiva? Por quê?

6 Todos os textos, como bem sabemos, apresentam início, meio e fim. No caso específico do artigo de opinião, é necessário que o(a) articulista evidencie: a introdução, o desenvolvimento (apresentação de argumentos por meio de estratégias argumentativas) e uma conclusão (que pode ser por meio de uma reflexão ou de uma proposição, por exemplo). Identifique, no artigo de Jackson F. de Alencar, cada uma dessas partes a partir da organização que ele fez dos parágrafos:

Figura 31 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 196

Introdução – desenvolvimento – conclusão	
Partes	Parágrafos
	Atualmente, fala-se muito em redes sociais. Elas se tornaram espécie de vedetes da área da comunicação. É verdade que as redes estão transformando a comunicação social, as formas das pessoas se comunicarem. Antes, tínhamos canais de massa que se dirigiam a audiências enormes. Agora, cada vez mais, essas audiências diminuem. Tínhamos a comunicação de poucos para muitos, hoje, tende a aumentar a comunicação de muitos para muitos, com grupos menores ou comunidades que interagem. Multiplicam-se as possibilidades de comunicação e as pessoas conectadas via Internet são ao mesmo tempo emissoras e receptoras.
	Entretanto, não nos esqueçamos de que redes sociais sempre existiram. As sociedades sempre viveram em rede, ou em redes. Ao longo da vida e da história, as pessoas têm feito parte de várias redes: família, trabalho, grupo de amigos, associações de várias espécies, comunidades. Com o advento da Internet aumentaram as facilidades para constituírem-se redes, as possibilidades e a capacidade de as redes ultrapassarem os limites de espaço e tempo.
	Dessa forma, as redes sociais não surgiram ou foram inventadas agora. O que surgiram foram as redes sociais mediadas por computadores e outros dispositivos. O avanço tecnológico proporcionou um aumento exponencial do efeito de rede, modelando a sociedade atual. As novas tecnologias da comunicação permitem a formação de redes informais e comunidades de aprendizagem, troca de ideias, entretenimento, cuja afinidade é o encontro num ambiente virtual. Da mesma maneira, as afinidades existentes ou geradas podem proporcionar a formação de redes porque o encontro de interesses semelhantes leva à procura dos meios de comunicação adequados.
	Logo, com as possibilidades de comunicação da Internet, as pessoas não querem mais apenas receber conteúdo, mas querem também participar; acrescentar seus comentários ao que é comunicado e postar também suas próprias mensagens, vídeos, fotos. Rejeita-se, cada vez mais, a posição de receptor passivo. As pessoas tendem a participar e interagir. A comunicação vai se tornando mais horizontal e diminui a verticalidade da comunicação de massa, em que alguns poucos meios tinham mais poder de definição sobre os conteúdos.

- 7 Tendo o texto de Jackson como referência, o que você pensa que deve haver em uma introdução? Assinale com um “X” as opções abaixo e, em seguida, discuta-as com o(a) professor(a):

<input type="checkbox"/>	Apresentar, em linhas gerais, os temas (geral e/ou específico).
<input type="checkbox"/>	Evidenciar o posicionamento ou a tese do(a) articulista.
<input type="checkbox"/>	Propor uma solução para a discussão.
<input type="checkbox"/>	Justificar o posicionamento e/ou a tese do(a) articulista.
<input type="checkbox"/>	Argumentar com vistas à sustentação do posicionamento.

Figura 32 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9º ano, p. 197

Observa-se que, nessas atividades, mais uma vez, o léxico não é abordado. Embora o texto não apresente grande complexidade em termos lexicais, alguns usos podem trazer alguma dificuldade para a compreensão da conclusão, por exemplo. Será que os estudantes entendem bem as relações de “horizontalidade” e “verticalidade” na comunicação?

A última questão, de número 9, trata dos elementos textuais que são responsáveis pela articulação do texto como um todo.

- 9 A coesão é um processo de textualização que nos permite costurar o texto de modo a garantir sua coerência. Retome a leitura do artigo e extraia as primeiras palavras que iniciam os parágrafos. Trata-se de articuladores textuais, os quais, de alguma forma, costuram o texto lido:

1º parágrafo	2º parágrafo	3º parágrafo	4º parágrafo

- a) Escreva os possíveis sentidos que esses articuladores textuais criam na coesão desses parágrafos:

Sentidos	Articuladores textuais empregados nos parágrafos
Fechamento de uma ideia, de uma proposta ou de uma reflexão.	
Referência ao tempo presente.	
Indica a conclusão de uma ideia anterior.	
Contrariedade, adversidade àquilo que foi dito.	

Figura 33 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 198

Ainda que indiretamente, ao destacar os articuladores textuais e buscar um sentido para eles dentro de seu contexto de uso, o material propicia ao estudante a reflexão sobre os sentidos inculcados em uma palavra. Os articuladores textuais são responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a orientação discursiva.

Essas atividades que tratam dos articuladores textuais são essenciais para o encadeamento dos parágrafos e das ideias do texto. É uma das poucas atividades que enfatizam as escolhas lexicais como responsáveis por estabelecer relações de sentido. Sobre os articuladores textuais, Antunes (2010, p. 138) destaca que sua função geral é a de “marcar as operações ou os procedimentos textuais que vão ocorrendo e de sinalizar para o interlocutor que orientações estão sendo dadas ao percurso do texto”.

O exercício “b”, da mesma atividade, também é uma proposta bastante válida quando se deseja pensar no sentido da palavra dentro do contexto.

- b) Selecione outros articuladores textuais que substituiriam, sem problemas de coerência, os articuladores textuais empregados nos parágrafos. Se preciso, procure ajuda de um dicionário:

1º parágrafo	2º parágrafo	3º parágrafo	4º parágrafo
<input type="checkbox"/> Antes	<input type="checkbox"/> Contudo	<input type="checkbox"/> Nesse sentido	<input type="checkbox"/> Enquanto
<input type="checkbox"/> Hodiernamente	<input type="checkbox"/> Também	<input type="checkbox"/> Todavia	<input type="checkbox"/> Portanto
<input type="checkbox"/> Hoje	<input type="checkbox"/> Então	<input type="checkbox"/> Por isso	<input type="checkbox"/> Finalmente
<input type="checkbox"/> Depois	<input type="checkbox"/> Mas	<input type="checkbox"/> Embora	<input type="checkbox"/> Aliás

Figura 34 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 199

O estudante terá que escolher, dentre as opções elencadas, aquela que melhor se ajustaria ao texto, garantindo a manutenção de seu sentido. Antunes (2010, p. 137) afirma que

[...] o estudo dessas ‘palavrinhas’ é de grande importância no desenvolvimento de nossas habilidades de comunicação, pois funcionam como instruções que nos orientam no percurso do texto, na verdade, um caminho que devemos percorrer na determinação de apreender seu núcleo temático e sua finalidade básica.

A substituição de unidades lexicais com atenção à alteração do efeito de sentido é uma atividade de enriquecimento lexical, uma vez que “ao se propor a substituição por parassinônimos, está se discutindo as condições de uso de outra unidade lexical, que envolve, principalmente, outros contextos pelos quais ela já passou e, portanto, outros textos nos quais foi atualizada” (GIL, 2019, p. 60).

Refletir sobre as palavras que foram utilizadas no texto é importante, pois a construção do direcionamento argumentativo se dá por meio da seleção lexical. Há estreita relação entre o gênero textual, o posicionamento do autor e a escolha dos itens lexicais. Cruz (2016, p.161) corrobora essa ideia, quando afirma que “[...] uma reflexão acerca da seleção lexical enquanto estratégia de convencimento e de identificação mostra-se parte importante do processo de entendimento que por detrás de todo texto há intenções, informações, ideologias.”. Nesse sentido, faz-se interessante não apenas identificar similitudes, mas observar as diferenças que uma escolha ou outra pode acarretar no texto.

A “Atividade 4 - Articulando partes de um artigo de opinião”, que ocupa 6 páginas da unidade, não terá destaque na presente pesquisa, considerando que são atividades que levam o estudante a produzir um artigo de opinião, e este não é o enfoque deste trabalho.

Isso posto, salta-se para a Atividade 5 - “Argumentação, redes sociais e a construção de uma opinião pública”, com a proposta de leitura em duplas do artigo de opinião intitulado “Quem aguenta tanta opinião (e intolerância) nas redes sociais?”, escrito por Paulo Silvestre (p. 205).

ATIVIDADE 5 – Argumentação, redes sociais e a construção de uma opinião pública

- 1 Em duplas, leiam o artigo de opinião a seguir:

Quem aguenta tanta opinião (e intolerância) nas redes sociais?

Por Paulo Silvestre

Na última segunda-feira, estive com um colega para uma animada conversa sobre como a tecnologia digital vem mudando as empresas e a vida das pessoas. Hoje trabalhamos, estudamos, nos divertimos, compramos e até paqueramos de maneira completamente diferente do que fazíamos há uns 15 anos. Mas talvez uma das mudanças mais dramáticas é que hoje todo mundo é capaz de emitir a sua opinião sobre absolutamente qualquer coisa com o potencial de influenciar uma quantidade enorme de pessoas. Daí vem a pergunta: que tipo de opinião as pessoas estão emitindo pela rede e qual o impacto disso?

Tudo isso começou com a liberação da Internet comercial, em 1994. Mas o divisor de águas foi a combinação das redes sociais com os smartphones, o que aconteceu há mais ou menos uma década. Pela primeira vez na história, as pessoas tinham um computador poderoso e permanentemente online onde estivessem e a qualquer hora. Além disso, tinham o canal perfeito para falar o que bem entendessem. E foi aí que a porca torceu o rabo. Isso vem acontecendo com muita força há pouco tempo. As pessoas veem algo que não gostam e deixam de pensar com o cérebro, para pensar com o fígado.

A possibilidade de podermos nos expressar livremente é uma das coisas mais maravilhosas que existe, e os meios digitais elevaram isso a um patamar até então inimaginável. Mas o fato de podermos fazer qualquer coisa não nos dá o direito de abusarmos disso. No caso dessa chance de nos expressarmos, o exagero acontece na forma de discursos de intolerância e de ódio, pois afinal, “a minha opinião vale muito e é ela que tem que valer”. Daí descarregam nas redes sociais o resultado de tanta amargura, não importa se aquilo prejudicará ou simplesmente magoará alguém.

Entram em cena os algoritmos de relevância das redes sociais, que são construídos para colocar em contato pessoas que pensam de maneira semelhante. E então, aquela opinião carregada de sentimentos ruins, que antes ficaria restrita a um pequeno grupo, pode correr o mundo como um rastilho de pólvora e inflamar uma enorme quantidade de pessoas. E o estrago pode ser gigantesco.

Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/blogs/macaco-eletrico/quem-aguenta-tanta-opiniao-e-intolerancia-nas-redes-sociais/>. Acesso em 18 fev. 2018.

Figura 35 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 205

Após a leitura do texto são propostas duas atividades, numeradas 2 e 3. A atividade 2 conta com 5 itens elencados de “a” a “e”. Todos eles tratam de questões voltadas para a estrutura e composição do texto artigo de opinião, como se

constroem os argumentos utilizados e as estratégias argumentativas, o posicionamento do articulista e a reflexão explícita na conclusão.

206 LÍNGUA PORTUGUESA

2 Retire do artigo de opinião de Paulo Silvestre:

a) Situação-problema motivadora para a escrita do texto:

b) Posicionamento sobre o assunto de relevância social:

c) Os dois argumentos pertinentes para a defesa da tese / do posicionamento:

• **ARGUMENTO 1**

• **ARGUMENTO 2**

d) Reflexão para o(a) leitor(a) explícita na conclusão do artigo:

Figura 36 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 206

e) Estratégia argumentativa empregada nos argumentos:

• ARGUMENTO 1

• ARGUMENTO 2

Figura 37 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 207*

Já a atividade de número 3 aborda, de forma não explícita, questões lexicais:

3 Duas expressões típicas da oralidade que almejam proximidade com o(a) leitor(a) do texto:

Figura 38 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 207*

Seu enunciado é mal elaborado, na medida em que, sendo uma nova atividade, não poderia seguir as instruções do enunciado da atividade anterior. Na atividade anterior (número 2), é solicitado que o estudante “retire do texto” algumas informações. Na atividade 3, entende-se que o estudante deva retirar do texto “Duas expressões típicas da oralidade que almejam proximidade com o leitor do texto”, mas isso não está no enunciado; fica subentendido. Espera-se, segundo o livro do professor, que os estudantes identifiquem no texto as seguintes expressões: “divisor de águas” e “foi aí que a porca torceu o rabo”.

Ademais, além de solicitar a simples retirada do texto de tais expressões, seria possível discutir as implicações de unidades advindas da oralidade, bem como

a intencionalidade do autor de apresentar tais unidades. Pode-se também questionar se realmente essas expressões são marcas de oralidade; sobretudo a expressão “divisor de águas” não parece remeter à oralidade ou à informalidade. É uma expressão que poderia ser encontrada em um texto acadêmico, por exemplo, significando uma quebra de paradigma.

Outra questão importante seria verificar com os estudantes se realmente conhecem essas expressões, uma vez que o sentido que veiculam é figurado e só funciona se as palavras forem analisadas como um todo. Caso contrário, não é possível sustentar a interpretabilidade linguística delas. Silva (2017, p. 23) afirma que as expressões idiomáticas não podem ser entendidas a partir do significado literal de seus elementos constituintes e que é fundamental oferecer “oportunidades de aprendizagem sistematizada e contextualizada dessas unidades”. A mesma autora acrescenta ainda que “é necessário que o aluno entenda a relação existente entre essas expressões e a cultura, expandindo sua capacidade de análise da língua”. A atividade 4 não será abordada, pois não é relacionada com o léxico. A “Atividade 5 - Argumentação, redes sociais e a construção de uma opinião pública” propõe uma roda de conversa sobre o uso, a ocupação e a integração das redes sociais na sociedade atual, levando o estudante a refletir sobre as opiniões expostas nas redes sociais e sua contribuição para a construção de uma opinião pública.



RODA DE CONVERSA

Nesta Unidade, estamos debatendo sobre o uso, a ocupação e integração das redes sociais na sociedade atual. Nesse sentido:

- Você acha que as opiniões dos internautas expostas nas redes sociais contribuem para a construção de uma opinião pública?
- Discuta com os(as) colegas de classe e apresente o seu posicionamento em relação ao assunto.

Figura 39 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 207*

Quantificando-se todas as atividades estritamente relacionadas com a leitura e compreensão dos três artigos de opinião mencionadas, observam-se 15 atividades, das quais 2 contêm mais de um item ou questão a ser respondida. Para fins de quantificação, considerou-se individualmente cada item das atividades, perfazendo um total de 20 itens a serem respondidos, cuja distribuição entre os tipos de estudo do texto pode ser vista na tabela 2.

Tipo de atividade	Quantidade	%
Estudo lexical	3	14,28%
Identificação de palavra	1	4,76%
Posicionamento do autor	5	23,80%
De relacionar	1	4,76%
De estrutura composicional do gênero textual	1	4,76%
Identificação da introdução	2	9,52%
Das estratégias argumentativas	4	19,04%
Tipo de conclusão utilizada	3	14,28%

Tabela 2 - Quantificação das atividades analisadas - *Caderno da Cidade* do 9º ano

A partir da análise dos dados da Tabela 2, é possível perceber, mais uma vez, que as atividades propostas centram-se, na maioria das vezes, na identificação das estratégias argumentativas utilizadas pelo articulista e em seu posicionamento, esquecendo-se de que, para tanto, é preciso fazer uso das palavras para qualificar os argumentos utilizados e para conseguir se posicionar de forma coerente e clara.

Como mencionado anteriormente, as atividades propostas na “Atividade 6 - Com vocês, o(a) autor(a)!” (pp. 208 a 211), na “Atividade 7 - Conflito pós-moderno - a geração “eu me amo” e o artigo de divulgação científica” (pp. 212 a 215), na “Atividade 8 - *Fake News* em tempos (pós-)modernos” (pp. 216 a 220) e na “Atividade 9 - Com vocês, o(a) autor(a)!” (pp. 221 a 224) tratam, respectivamente, da produção de um artigo de opinião, leitura e compreensão de um texto de divulgação científica, leitura e compreensão de reportagem e, novamente, a produção de um

artigo de opinião. Portanto, essas páginas não serão analisadas por não fazerem parte do escopo da presente pesquisa.

CAPÍTULO IV - Proposta didática: ampliação e substituição de atividades do *Caderno da Cidade* com ênfase na compreensão leitora e nos estudos lexicais

4.1 Estudo lexical e compreensão leitora de artigos de opinião

Com vistas à ampliação das reflexões realizadas após a análise das atividades propostas no material didático observado e, tendo em vista a capacidade técnica e crítica do professor, que de maneira autônoma, diante do material didático que utiliza, elabora materiais de maneira consciente pensando no desenvolvimento da competência lexical de seus estudantes, a presente pesquisa traz algumas sugestões de ampliação ou substituição das atividades analisadas na presente dissertação.

Vale ressaltar que não se intenciona solucionar todas as falhas presentes nos exercícios propostos no material didático em análise, mas, por meio de alguns exemplos, demonstrar como as atividades poderiam ter sido propostas de forma adequada ao ensino que visa ao desenvolvimento da competência lexical dos estudantes.

Como este capítulo, poderá ser utilizado isoladamente como proposta didática, serão retomadas as atividades do livro expostas na análise empreendida no capítulo anterior. A redundância é importante para que os professores que consultem esta proposta conheçam os textos e as demais atividades já presentes no *Caderno da Cidade*.

4.2 Ampliação ou substituição das atividades propostas no capítulo 3 do *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* - 8.º ano

A fim de proceder à ampliação ou substituição das atividades propostas no *Caderno da Cidade*, inicia-se pelo texto *Imigração no Brasil: o medo infundado do outro*, de Rodrigo Borges Delfim (pp. 121-122) e das atividades já propostas no material didático (pp. 123 a 131).

Imigração no Brasil: o medo infundado do outro

A migração pode ser encarada como uma expressão global do direito de ir e vir. É considerada um direito humano, embora a maioria dos países não façam essa leitura, uma movimentação natural desempenhada pelos seres humanos desde os primórdios da história.

25/06/2015

Por Rodrigo Borges Delfim*

Quem navega pelas redes sociais, certamente já viu *posts* ou sites com frases alarmistas e apocalípticas dizendo que o Brasil “sofre uma invasão estrangeira” ou que “forasteiros vão roubar os empregos e as escolas de nossos filhos”. Tudo isso, veja bem, em um país constituído basicamente por imigrantes.

Esse é apenas um exemplo da esquizofrenia que toma conta de parte da sociedade brasileira quando ouve falar ou pensa em opinar sobre imigração. Ela é criada basicamente por uma mistura de falta de conhecimento com preconceitos, temperada com algumas doses de preguiça em buscar fontes de informação confiáveis. Tudo isso amplificado pela cobertura deficiente que o tema em geral recebe da mídia – superficial e que oscila entre algo que soa como “curioso” em algumas pautas e que reproduz os mesmos estereótipos já presentes na sociedade.

São pessoas que adoram ir a um restaurante japonês, francês ou italiano, se gabam de terem sobrenome europeu e romantizam a trajetória de seus antepassados, mas, ao mesmo tempo, torcem o nariz quando cruzam com uma família boliviana no supermercado; acham que refugiado e fugitivo são sinônimos; sentem repulsa quando veem um imigrante de algum país africano trabalhando como ambulante; ou mesmo chegam ao disparate de ofender aquele que veio de outro país – o caso ocorrido recentemente contra um frentista haitiano em Canoas, no Rio Grande do Sul, é apenas um exemplo do que se repete Brasil afora. Embora tenham chegado ao Brasil em momentos diferentes, os imigrantes do passado também foram alvo de preconceito quando começaram a se estabelecer aqui. Por isso, soa cada vez mais incompreensível o preconceito contra imigrantes em uma sociedade que é basicamente constituída por eles e seus descendentes diretos ou indiretos.

A migração pode ser encarada como uma expressão global do direito de ir e vir. É considerada um direito humano (embora a maioria dos países não façam essa leitura), uma movimentação natural desempenhada pelos seres humanos desde os primórdios da história. E como algo que é feito desde antes das primeiras civilizações e pode ser considerado um direito humano é tão combatido pelos governos? Pode um ser humano ser “menos humano” ou mesmo “perder sua humanidade” só por que cruzou uma fronteira? Ou ainda, ser considerado “ilegal”? Não, nenhum ser humano deve ser considerado ilegal. O migrante não é um turista, não sai de um país para outro para fazer compras ou “selfies” em locais turísticos; quando decide partir, deseja buscar em outro lugar as oportunidades e desenvolvimentos que seriam muito mais limitados em sua terra natal.

Figura 40 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 121

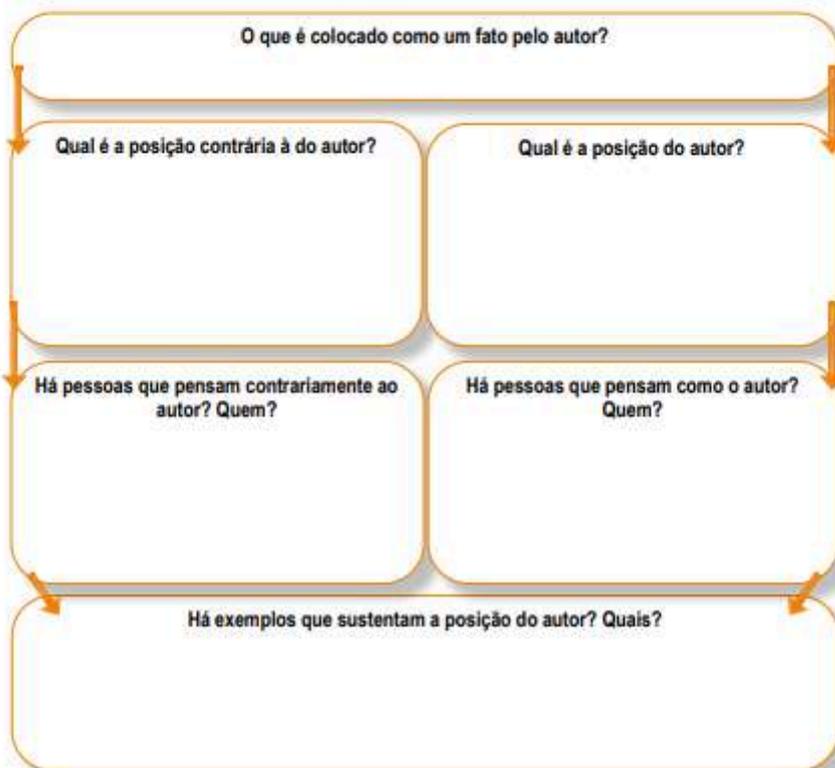
E isso implica uma série de renúncias, desafios e angústias para o indivíduo, que fica afastado de entes queridos, da cultura que forneceu os valores que carrega, do idioma que aprendeu na família e na escola. Além disso, ainda vive a incerteza se sua empreitada terá êxito – e caso não tenha, o que vai dizer em casa?

O caso fica ainda mais grave quando esse imigrante é, na verdade, um refugiado. Enquanto o migrante decide partir em busca de uma vida melhor, o refugiado simplesmente é obrigado a fugir para não ser violado ou morto por algum tipo de perseguição ou em um conflito armado. Ou seja, o refugiado não tem escolha: sua fuga nada tem a ver com a fuga de um criminoso, e migrar para ele é simplesmente uma questão de vida ou morte. Certamente, muitas das pessoas que julgam e apontam contra imigrantes e refugiados nunca pararam para se colocar no lugar deles – imaginar de onde vieram, como e por que chegaram ao Brasil, o que viveram no caminho para cá. Também devem ignorar o fato de que, em verdade, existem mais brasileiros morando fora do país (cerca 2,8 milhões, de acordo com o Itamaraty) do que imigrantes vivendo dentro do Brasil (em torno de 1,7 mi, segundo dados de outubro de 2014 do governo federal). E mais: os brasileiros que vivem no exterior também são os imigrantes nos países onde estão – e assim como os imigrantes daqui, também são alvo de preconceitos, ofensas e classificados por meio de estereótipos. Além disso, brasileiros no exterior e migrantes internacionais no Brasil partilham de outro problema: a falta de uma legislação digna e que preveja não somente deveres, mas também direitos para essa população.

Graças a décadas de mobilização da sociedade civil organizada, dos grupos de migrantes e de parte da área acadêmica, os últimos anos testemunharam iniciativas privadas e políticas públicas em todo o Brasil que contribuem para tentar preencher o vazio deixado por tantas décadas de descaso e abandono de gestões passadas do poder público. É pouco frente à demanda crescente no país, mas não deixam de representar uma luz no fim do túnel – e quanto maior o buraco pelo qual essa luz passa, melhor. Uma coisa precisa ficar clara: embora migrar seja um movimento natural, o ato de migrar está longe de ser uma decisão fácil – pode ser, inclusive, até a única saída para se evitar uma morte. Procurar colocar-se no lugar dessas pessoas é fundamental para superar estereótipos, jogar fora a venda que encobre os olhos e enxergá-las como elas realmente são: seres humanos como nós, merecedores de respeito e dignidade.

*Rodrigo Borges Delfim é jornalista e editor do site MigraMundo
Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/32329>. Acesso em 18 fev. 2018.

Figura 41 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 122*



- 4 Analisando as respostas do diagrama, você deve ter observado que, no texto de Rodrigo Borges Delfim, há um posicionamento em relação ao fato ou tema tratado. Com ajuda de um dicionário impresso ou virtual, pesquise significados para as seguintes palavras, desde que se pareçam com a ideia de posicionamento empregada no texto lido:

Posicionar	
Posicionamento	

Figura 42 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 123

Pensando em um enunciado mais claro e em uma abordagem lexical, a atividade 4, da página 123, Poderia ser complementada da seguinte forma:

ACEPÇÃO	VERBETE	ENTRADA
Cada sentido de uma palavra ou frase de acordo com cada contexto.	Conjunto de informações explicativas sobre uma palavra listada em dicionário ou enciclopédia.	Palavra, locução etc. que é objeto de descrição em dicionários, enciclopédias etc.

Adaptado de: HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss Conciso. São Paulo: Moderna, 2011

- Qual acepção encontrada no verbete para a entrada “posicionar” não corresponde à ideia de ter uma opinião/ posição quanto a algum assunto? Por quê?
- Você notou alguma diferença gramatical na apresentação do verbo “posicionar” para que ele tivesse o sentido de “ter uma opinião”? Qual?
- Você conhece outros verbos que mudam de sentido quando apresentam a mesma alteração? Se tiver dúvida, consulte o dicionário.

Essa atividade, assim complementada, faz com que o estudante assimile a alteração de sentido de um verbo pronominalizado, refletindo como os verbos se comportam na língua em uso. Além disso, com essas atividades complementares, a busca por uma palavra no dicionário não se limita a uma consulta, mas considera a palavra em uso e leva em consideração o uso que o estudante faz, em seu dia a dia, de verbos pronominalizados. As questões elaboradas demonstram para os estudantes que há informações gramaticais e sobre o uso das palavras no dicionário, além da grafia e das informações semânticas; é bastante provável que eles não saibam que podem encontrá-las na obra de referência. Seria muito interessante chamar a atenção dos alunos para o fato de que, no dicionário, eles poderão também consultar a regência dos verbos.

A atividade 7, da página 124, que indaga sobre o título do texto é uma atividade que trabalha com conteúdos do texto de forma global e que deveria ser ampliada para as atividades de leitura dos demais artigos de opinião que figuram no mesmo material didático.

- 5 Agora, leia algumas definições de tipos textuais e, em seguida, marque o tipo textual que predominou no texto de Rodrigo Borges Delfim:

Narração: sequência textual em que se conta, de maneira escrita, oral ou por meio de diversas linguagens, um acontecimento ou de uma série de acontecimentos (reais ou imaginários), mais ou menos sequenciados com personagens, tempo e espaço.
Descrição: sequência textual em que são descritos objetos, coisas, materiais, espaços, pessoas, animais etc.
Argumentação: sequência textual que consiste em construção estratégica de um ponto de vista ou uma tomada de posição, que recorre a experiências individuais ou coletivas, com o objetivo de persuadir/convencer/polemizar um fato social.

- 6 Retire, do texto, um trecho que comprove o que você marcou na opção anterior:

- 7 Por que o título do texto é “Imigração no Brasil: o medo infundado do outro”? Explique.

- 8 Releia o segundo parágrafo e, a seguir, os possíveis significados para a palavra esquizofrenia:

<p>Esquizofrenia</p> <p>Conjunto de transtornos do funcionamento cerebral que afetam as percepções, o pensamento, as emoções e o comportamento, caracterizados por vários sintomas, dentre eles delírios, alucinações, desorganização do pensamento, dificuldade na fala, redução da motivação e da afetividade e retraimento social, tornando o indivíduo incapaz de distinguir o real do imaginário. É de causa complexa e multifatorial, podendo levar o paciente à deterioração da personalidade.</p> <p><small>Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esquizofrenia/. Acesso em 18 fev. 2018.</small></p>
--

Figura 43 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 124

Pensar sobre o título e sua relação com o texto é uma atividade eficaz para “[...] perceber como se constrói um universo contextual e ideológico para os textos mesmo antes de lê-los.” (MARCUSCHI, 2008, p. 220). Além disso, é possível propor que os estudantes sugiram outro título para o texto lido e justifiquem a sugestão.

A atividade 8, cujo início foi apresentado na Figura 42, continua na página seguinte, como se pode observar a seguir.

8º ANO 125

a) Por que o autor afirma que há uma "esquizofrenia que toma conta de parte da sociedade brasileira quando ouve falar ou pensa em opinar sobre imigração"? Explique com suas palavras.

b) Ainda no segundo parágrafo, qual é o posicionamento do autor em relação ao tema imigração no Brasil?

() O autor é favorável à imigração no Brasil, mas acredita que a mídia precisa ajudar no esclarecimento da população, com vistas a deter o processo imigratório que "assola" o país.

() O autor é favorável à imigração no Brasil, mas defende que a busca por conhecimento é necessária para a população brasileira e, além disso, sugere que a mídia contribua, atuando para que o povo compreenda a condição real do imigrante, principalmente evitando a reprodução de preconceitos.

() O autor é favorável, desde que a mídia também ajude na divulgação de informações relativas às pessoas com deficiência.

() O autor é favorável, mas mantém certo medo com a imigração de pessoas com esquizofrenia.

 **TOME NOTA**

Em textos argumentativos, como é o caso do artigo de opinião (escrito para circular na esfera jornalística), "um tema pode ser visto sob diferentes ângulos [...] e tratado do ponto de vista dos impactos na economia, na mudança dos hábitos da população etc. Como os pontos de vista podem ser tantos que fica difícil de administrá-los, o melhor mesmo é definir logo nas primeiras linhas qual vamos assumir no desenvolvimento do texto. Trata-se de uma boa estratégia para começar a argumentação."

ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Viliça. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto: 2016, p. 161-162.

Figura 44 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 125

O exercício proposto no item "a", da atividade 8, é interessante na medida em que ao parafrasear é possível avaliar a compreensão do estudante sobre o texto lido.

No entanto, poderia ser complementada com atividades que exploram as redes semânticas criadas por conta do vocabulário em uso, com o estudo das palavras e de sua articulação para a construção de sentido do texto. Somente dentro

do texto é possível atribuir um sentido diferente a uma palavra, ao observar o funcionamento dos itens lexicais em uso, fazendo associações e inferências. Por isso, é possível adequar determinados termos a outras situações comunicativas.

Uma possibilidade de atividade seria:

Substitua a palavra “esquizofrenia” por outra palavra ou expressão, mantendo o sentido do texto. Após a substituição, reflita: o sentido se manteve?

Pensando na ampliação das atividades propostas após a leitura do texto supramencionado e avançando no desenvolvimento das atividades que façam os estudantes compreenderem os recursos linguísticos que conectam as diferentes partes de um texto argumentativo, o trabalho com os operadores seria uma forma de demonstrar que alguns elementos presentes no texto permitem orientar os enunciados para determinadas conclusões. Suprimir alguns desses operadores argumentativos e solicitar que os estudantes completem os espaços sem modificar o sentido que está sendo veiculado, é uma forma de refletir sobre as expressões e seus sentidos implícitos na leitura e compreensão do texto. A atividade poderia ser proposta assim:

Algumas palavras e/ou expressões do texto foram suprimidas. Complete os espaços com palavras ou expressões que consigam manter a coerência do texto e a orientação do autor para determinada conclusão. Se for preciso, faça uso de um dicionário.

Imigração no Brasil: o medo infundado do outro

Por Rodrigo Borges Delfim

Quem navega pelas redes sociais _____ já viu posts ou sites com frases alarmistas e apocalípticas dizendo que o Brasil “sofre uma invasão estrangeira”, que forasteiros “vão roubar os empregos e as escolas de nossos filhos”. Tudo isso, veja bem, em um país constituído basicamente por... imigrantes.

Pois bem, esse é apenas um exemplo da esquizofrenia que toma conta de parte da sociedade brasileira quando ouve falar ou pensa em opinar sobre imigração. Ela é criada basicamente por uma mistura de falta de conhecimento com pré-julgamentos e preconceitos, temperada com algumas doses de preguiça em buscar fontes de informação confiáveis. Tudo isso amplificado pela cobertura deficiente que o tema em geral recebe da mídia – superficial e que oscila entre algo que soa como “curioso” em algumas pautas e que reproduz os mesmos estereótipos já presentes na sociedade.

São pessoas que adoram ir a um restaurante japonês, francês ou italiano, se gabam de terem sobrenome europeu e romantizam a trajetória de seus antepassados, _____, ao mesmo tempo, torcem o nariz quando cruzam com uma família boliviana no supermercado; acham que refugiado é fugitivo são sinônimos; sentem repulsa quando veem um imigrante de algum país africano trabalhando como ambulante; ou mesmo chegam ao disparate de ofender aquele que veio de outro país – o caso ocorrido recentemente contra um frentista haitiano em Canoas, no Rio Grande do Sul, é apenas um exemplo do que se repete Brasil afora.

_____ tenham chegado ao Brasil em momentos diferentes, os imigrantes do passado também foram alvo de preconceito quando começaram a se estabelecer aqui. _____ soa cada vez mais incompreensível o preconceito contra imigrantes em uma sociedade que é basicamente constituída por eles e seus descendentes diretos ou indiretos.

A migração pode ser encarada como uma expressão global do direito de ir e vir. É considerada um direito humano (embora a maioria dos países não façam essa leitura), uma movimentação natural desempenhada pelo homem desde os primórdios da história. E como algo que é feito pelo homem desde antes das primeiras civilizações e pode ser considerado um direito humano é tão combatido pelos governos? Pode um ser humano ser “menos humano” ou mesmo “perder sua humanidade” só por que cruzou uma fronteira? Ou ainda, ser considerado “ilegal”?

Não, nenhum ser humano deve ser considerado ilegal. E o migrante não é um turista, não sai de um país para outro para fazer compras ou “selfies” em locais turísticos; quando decide partir, o migrante deseja buscar em outro lugar as

oportunidades e desenvolvimentos que seriam muito mais limitados em sua terra natal. E isso implica em uma série de renúncias, desafios e angústias para o indivíduo, que fica afastado de entes queridos, da cultura que forneceu os valores que carrega, do idioma que aprendeu na família e na escola. _____, ainda vive a incerteza se sua empreitada terá êxito – e caso não tenha, o que vai dizer em casa?

O caso fica ainda mais grave quando esse imigrante é, _____, um refugiado. Enquanto o migrante decide partir em busca de uma vida melhor, o refugiado simplesmente é obrigado a fugir para não ser violado ou morto por algum tipo de perseguição ou em um conflito armado. Ou seja, o refugiado não tem escolha: sua fuga nada tem a ver com a fuga de um criminoso, e migrar para ele é simplesmente uma questão de vida ou morte.

_____ muitas das pessoas que julgam e apontam contra imigrantes e refugiados nunca pararam para se colocar no lugar deles – imaginar de onde vieram, como e por que chegaram ao Brasil, o que viveram no caminho para cá. Também devem ignorar o fato de que, em verdade, existem mais brasileiros morando fora do país (cerca 2,8 milhões, de acordo com o Itamaraty) do que imigrantes vivendo dentro do Brasil (em torno de 1,7 mi, segundo dados de outubro de 2014 do governo federal).

E mais: os brasileiros que vivem no exterior também são os imigrantes nos países onde estão – e assim como os imigrantes daqui, também são alvo de preconceitos, ofensas e classificados por meio de estereótipos.

_____, brasileiros no exterior e migrantes internacionais no Brasil partilham de um outro problema: a falta de uma legislação digna e que preveja não somente deveres, mas também direitos para essa população.

Graças a décadas de mobilização da sociedade civil organizada, dos grupos de migrantes e de parte da área acadêmica, os últimos anos testemunharam iniciativas privadas e políticas públicas em todo o Brasil que contribuem para tentar preencher o vazio deixado por tantas décadas de descaso e abandono de gestões passadas do poder público. É pouco frente à demanda crescente no país, mas não deixam de representar uma luz no fim do túnel – e quanto maior o buraco pelo qual essa luz passa, melhor.

Uma coisa precisa ficar clara. _____ migrar seja um movimento natural do homem, o ato de migrar está longe de ser uma decisão fácil – pode ser, inclusive, até a única saída para se evitar uma morte. Procurar colocar-se no lugar dessas pessoas _____ para superar estereótipos, jogar fora a venda que encobre os olhos e enxergá-las como elas realmente são: seres humanos, merecedores de respeito e dignidade.

Extraír expressões do texto que organizam a estrutura da argumentação e as relações de sentido para a compreensão, para a localização dos argumentos e da conclusão e buscar outras que as substituam, sem alteração de sentido, é uma atividade de reflexão sobre o vocabulário utilizado, pois “[...] é no exercício contrastivo que se fortalece um determinado sentido” (GIL, 2019, p. 56). Vale ressaltar ainda que

Ao se propor a substituição por parassinônimos, está se discutindo as condições de uso de outra unidade lexical, que envolve, principalmente, outros contextos pelos quais ela já passou e, portanto, outros textos nos quais foi atualizada (GIL, 2019, p. 60)

Caso o estudante não consiga desenvolver essa atividade, o professor, enquanto mediador, precisa entender esse resultado como diagnóstico de que o texto não foi compreendido e retomá-lo seria um caminho para conseguir construir um significado coerente para ele, seja sanando dúvidas de vocabulário e expressões que para os estudantes se mostrem obscuras, seja auxiliando na produção das inferências para a construção do significado global do texto.

Outra sugestão de ampliação das atividades é pedir aos estudantes que utilizem o dicionário para pesquisar unidades lexicais complexas que aparecem no texto: “direito humano”; “sociedade civil”; “torcer o nariz”; “terra natal”; “poder público”; “uma luz no fim do túnel”. Com essa atividade é possível mostrar ao estudante que nem todas as acepções da palavra, que estão no verbete, são válidas para aquele contexto, sobretudo quando se trata de unidades complexas do léxico “cujo significado não depende do sentido de cada um de seus componentes” (BIDERMAN, 2005, p.751). No caso da expressão idiomática “torcer o nariz”, Gil afirma que:

Explicar uma expressão idiomática pode ser uma forma de discutir os aspectos metafóricos nela presentes, de modo a perceber a ligação entre dois domínios semânticos como forma de contribuir para a compreensão dos interlocutores. Ao expandir o significado de uma unidade lexical para um nível mais abstrato, a metáfora colabora para a expressão do pensamento abstrato. (2017, p.19)

Substituir as expressões idiomáticas "luz no fim do túnel" e "torcer o nariz" por sinônimos próximos, visando a tornar o texto mais formal, também é uma atividade pertinente quando se quer trabalhar o significado de expressões que contribuem para a compreensão do texto. A atividade poderia ser, então, assim elaborada:

Substitua as expressões "luz no fim do túnel" e "torcer o nariz" por sinônimos próximos, visando a tornar o texto mais formal.

A busca no dicionário pela palavra "estereótipo", também contribui para a compreensão textual, uma vez que este vocábulo faz parte do universo temático do artigo de opinião e conta com duas aparições no texto.

Sobre o conhecimento das acepções de uma unidade lexical cita-se Gil (2019, p. 59):

O conhecimento das diversas acepções de uma unidade lexical, que pode ser feito inicialmente por meio da consulta ao dicionário, seguida de exemplos de uso, é uma forma de o aluno pensar sobre a história de contextos por que passa uma unidade lexical. Ele será capaz de interpretar o sentido de uma unidade lexical, comparando-a com ela própria em suas outras atualizações. Essa será uma boa forma de precisar seu sentido.

Seguindo com os estudos do conhecimento das diversas acepções de uma unidade lexical, e pensando nas palavras utilizadas no texto que precisam ser conhecidas pelo leitor para que o sentido global do texto seja compreendido, é importante que o estudante saiba a diferença entre "refugiado" e "fugitivo", já que no texto há afirmação de que muitas pessoas entendem essas palavras como sinônimas. A atividade poderia ser a seguinte:

Discuta com os colegas o significado das palavras "refugiado" e "fugitivo". Anote em seu caderno o resumo da discussão. Posteriormente, busque no dicionário

essas palavras e veja se os significados encontrados coincidem com as discussões realizadas anteriormente.

O segundo texto da unidade é *A aurora da Fronteira*, de Carlos Enrique Ruiz Ferreira (pp. 133-134). Como demonstrado anteriormente, nesse texto as atividades propostas no *Caderno da Cidade* são exclusivamente sobre o gênero textual artigo de opinião, sem fazer reflexões sobre a escolha estratégica das palavras no texto argumentativo.

- 1 Agora, buscando compreender um pouco sobre as discussões presentes no vídeo, leia o texto a seguir e, com ajuda do(a) professor(a), responda às questões:

Internacional

Opinião

A aurora da fronteira

por Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais — publicado 06/11/2015 05h16

Diante do drama dos imigrantes, lembremos Kant: ninguém tem mais direito do que outro a estar num determinado lugar da Terra

Por Carlos Enrique Ruiz Ferreira*

Falar em crise se tornou senso comum. Melhor seria mudar o discurso para uma reflexão propositiva a partir da categoria “mutações”. Neste sentido, qual a mutação que esperamos por parte dos Estados e dos indivíduos no que tange ao drama migratório?

Refugiados políticos, ambientais ou econômicos, a magnitude numérica e a relevância emocional da questão impõem uma *conditio sine qua non*¹ da agenda internacional. De acordo com os dados das Nações Unidas, contabilizamos 232 milhões de pessoas vivendo aquém de seus países de origem em 2013. Por outro lado, segundo o *The Washington Post*, foram erguidos 20 muros e barreiras entre estados entre 1945 e 2000. Desde o ano 2000, criamos mais 25, com o objetivo de impedir a livre circulação de pessoas, principalmente entre estados soberanos.



1 Condição indispensável. Condição sem a qual não se faz tratado algum.

Figura 45 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 133

A União Europeia, *locus*² do berço do humanismo, promove os direitos humanos no mundo, mas, *pari passu*³, estabelece normativas e práticas políticas das mais agressivas com relação aos imigrantes. Filmes franceses como o *Welcome* e, recentemente, *Samba*, sabatinam a cultura francesa, desvelando uma espécie de esquizofrenia ocidental entre a hospitalidade e a hostilidade com relação ao estrangeiro. Para além da ficção, as manchetes internacionais rendem contas dos mais amargos fatos.

Em meio à contemporânea crise migratória na Europa, os indivíduos, os Estados e a União Europeia se repositionam. Mas afinal, quais são as causas do fenômeno? Múltiplas, de certo. Não obstante, o número de imigrantes que buscam um melhor trabalho, melhor condição de vida, adquire cada vez mais proeminência. Para os refugiados políticos e ambientais, as agências da ONU e os países avançam significativamente, mas para os “refugiados econômicos” a questão adquire características de um tabu.

As Nações Unidas e as grandes potências (os membros permanentes do Conselho de Segurança, por exemplo) aquiesceram em relativizar o princípio da Soberania *vis à vis* os Direitos Humanos na órbita das operações de paz (a partir da Responsabilidade de Proteger). Não obstante, no que tange às questões migratórias, seguem válidas as prerrogativas soberanas clássicas sobre o controle fronteiriço. Não há lugar, neste caso, para os direitos humanos; não há lugar para o que Kant chamou de direito à hospitalidade e direito de visita. Lembremos: para o filósofo de Königsberg, “originariamente ninguém tem mais direito do que outro a estar num determinado lugar da Terra”.

Torna-se imperativo avançar em concepções e debates que subsidiem padrões políticos e éticos. Afinal, trata-se de um desafio de grande envergadura do século XXI. A criação do “visto humanitário” no Brasil e o debate de uma nova Lei de Estrangeiros no país (em discussão no Congresso) denotam a possibilidade de incluir na agenda dos Estados conceitos como “solidariedade” e “hospitalidade”. Ainda, os recentes esforços da prefeitura e do estado de São Paulo com relação aos haitianos sugerem efetivas possibilidades de boas práticas.

Recordando a recente encíclica *Laudatio Si*⁴, por outro lado, nos instiga a pensar sobre os princípios que defendem que nós, os seres humanos, partilhemos de uma “casa comum”. Apesar das diferenças e do respeito às mesmas, fazemos parte de uma mesma coletividade, de uma fraternidade (de frater, que significa “irmão”). É tempo de resgatar lições simples – ao mesmo tempo antigas e urgentes – mas muitas vezes obliteradas, de que participamos de um coletivo chamado Humanidade e habitamos uma mesma morada, o planeta Terra.

*Carlos Enrique Ruiz Ferreira é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, pós-doutorando do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e membro do Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais/GR-RI
Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-gri/a-aurora-da-fronteira-1673.html>. Acesso em 18 fev. 2018.

2 Lugar

3 Ao mesmo tempo

4 É uma encíclica do Papa Francisco, na qual o papa critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas.

Figura 46 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 8.º ano, p. 134

- 2 O asterisco, constante após o nome de Carlos Enrique Ruiz, remete-nos para um hiperlink no final do texto. É possível verificarmos a explicitação de alguns de seus papéis sociais. Qual a função dessa descrição em um texto de opinião?
- a) Legitimar as ideias defendidas no texto a partir das ações que Ruiz desempenha na sociedade e nos setores aos quais ele está ligado.
 - b) Desnecessária, pois tal descrição apenas se faz presente para enlevar com o ego de Carlos Enrique.
 - c) Dar crédito à revista, que, afinal, contrata e mantém pessoas de alto nível em seu grupo de articulistas.
 - d) Colaborar para que o autor seja divulgado e, assim, receba mais dinheiro para assinar editoriais em nome da revista.
- 3 Qual o posicionamento defendido pelo articulista no texto?
- a) Acabar com as fronteiras geopolíticas e refazer os mapas.
 - b) Denunciar a imigração como algo indesejável para a sociedade moderna.
 - c) Mudar as ações que hoje são praticadas/impostas pelos Estados (países), no tocante à questão da imigração.
 - d) Propor novos significados para a palavra "mutação".
- 4 São propostas constantes na conclusão:
- I. A necessidade de produção de debates para a criação de padrões políticos e éticos para o mundo, principalmente quando tratarmos de assuntos ligados à imigração.
 - II. Ser solidário com os imigrantes, oferecendo-lhes dinheiro.
 - III. Enrijecimento de práticas que concedem vistos a imigrantes.
 - IV. Debate de uma nova lei de estrangeiros.
 - V. É preciso resgatar uma lição simples que repense o planeta Terra como um lugar de seres humanos.
- Estão corretas as afirmações:
- a) I, II e V.
 - b) I, II, III, IV e V.
 - c) I, IV e III.
 - d) I, IV e V.

Figura 47 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 135

- 5 No desenvolvimento do texto, é possível identificar alguns processos argumentativos importantes para a defesa de uma tese. Em qual(is) do(s) parágrafo(s), a presença da comprovação por meio de dados e estatística é observada?
- 2º parágrafo apenas.
 - 2º e 3º parágrafos.
 - 4º parágrafo.
 - 6º parágrafo.
- 6 Um dos argumentos utilizados pelo autor para defender seu posicionamento em relação ao tema se dá em função de uma construção que trabalha com contrariedades. Escolha o trecho em que a contrariedade aparece:
- “Em meio à contemporânea crise migratória na Europa, os indivíduos, os Estados e a União Europeia se reposicionam.”
 - “A União Europeia, lócus do berço do humanismo, promove os direitos humanos no mundo, mas, *pari passu*, estabelece normativas e práticas políticas das mais agressivas com relação aos imigrantes”.
 - “Não há lugar, neste caso, para os direitos humanos; não há lugar para o que Kant chamou de direito à hospitalidade e direito de visita”.
 - “Mas afinal, quais são as causas do fenômeno? Múltiplas, de certo”.
- 7 Compare os dois artigos lidos até aqui e complete o quadro a seguir:

	Artigo 1	Artigo 2
Autor		
Função social do autor		
Imagem que o autor tem do(a) leitor(a)		
Tema / assunto		
Locais e/ou veículos onde o texto possivelmente circula		

Figura 48 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 136

Momento de produção do artigo. Que problemas o Brasil e mundo vivenciavam?		
Posicionamento		
Argumento 1		
Argumento 2		
Argumento 3		
Conclusão		

a) Em sua opinião, qual argumento sustenta melhor o posicionamento do articulista? Por quê?

Figura 49 - *Caderno da Cidade* - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 137

b) Que outros argumentos você utilizaria para sustentar o posicionamento de cada um dos articulistas:

Rodrigo Borges Delfim	Carlos Enrique Ruiz Ferreira
Argumento sugerido:	Argumento sugerido:
Estratégia argumentativa a ser empregada:	Estratégia argumentativa a ser empregada:
	

8 Leia o texto a seguir e, depois, responda às perguntas:

Não à criminalização do outro

Publicado em janeiro 14, 2015 por Rodrigo Borges Delfim

A reflexão abaixo, feita pelo Pe. Alfredo J. Gonçalves e reproduzida pelo MigraMundo, parte dos atentados ocorridos no último dia 7 na França. Mas a mensagem vai além não só dos tristes e sangrentos episódios de Paris, mas também das consequências nocivas que o extremismo provoca nas sociedades.

por Pe. Alfredo J. Gonçalves

Figura 50 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 138

Uma atividade relevante de reflexão sobre o uso das palavras no texto é pensar sobre as unidades lexicais que foram utilizadas nesse texto e no texto *Imigração no Brasil: o medo infundado do outro*, anteriormente trabalhado, que por tratarem da mesma temática utilizam um vocabulário comum, pois “[...] a escolha

das palavras já está, grosso modo, definida desde a seleção do tema, desde a direção da argumentação ou do objetivo pretendido” (ANTUNES, 2010, p. 179).

Outra atividade que visa o trabalho com o léxico, pensando no conhecimento lexical para a compreensão textual, seria a verificação da diferença entre “hospitalidade” e “hostilidade”. A atividade poderia ser assim construída:

Discuta com os colegas o significado das palavras “hospitalidade” e “hostilidade”. Anote em seu caderno o resumo da discussão. Posteriormente, busque no dicionário o significado dessas palavras e veja se coincide com as discussões realizadas anteriormente.

O último texto da unidade é *Não à criminalização do outro*, de Rodrigo Borges Delfim (pp. 138 a 140).

- b) Que outros argumentos você utilizaria para sustentar o posicionamento de cada um dos articulistas:

Rodrigo Borges Delfim	Carlos Enrique Ruiz Ferreira
Argumento sugerido:	Argumento sugerido:
Estratégia argumentativa a ser empregada:	Estratégia argumentativa a ser empregada:
	

- 8 Leia o texto a seguir e, depois, responda às perguntas:

Não à criminalização do outro

Publicado em janeiro 14, 2015 por Rodrigo Borges Delfim

A reflexão abaixo, feita pelo Pe. Alfredo J. Gonçalves e reproduzida pelo MigraMundo, parte dos atentados ocorridos no último dia 7 na França. Mas a mensagem vai além não só dos tristes e sangrentos episódios de Paris, mas também das consequências nocivas que o extremismo provoca nas sociedades.

por Pe. Alfredo J. Gonçalves

Figura 51 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 138

O massacre de Charles Hebdo, em Paris, no dia 7 de janeiro de 2015, em que foram barbaramente assassinadas 12 pessoas – uma vez mais – coloca lado a lado as figuras do terrorista, do muçulmano e do migrante. Ingênua, desinformada ou cúmplice, a mídia e a opinião pública muitas vezes mesclam terrorismo, religião e migração. Daí se passa facilmente à criminalização tanto do islamismo quanto dos deslocamentos humanos de massa. Os fantasmas que há anos rondam a política externa e a segurança interna tornam-se mais vivos e ameaçadores do que nunca. Em praticamente todos os países europeus (e não só), eleva-se o alarme ao nível máximo.

Resulta evidente a necessidade de distinguir, de um lado, a prática de uma religião baseada nos princípios de determinado livro (Bíblia, Torá, Alcorão – ligados respectivamente ao cristianismo, ao judaísmo/hebraísmo e ao islamismo) e, de outro lado, o cego fanatismo aparentemente vinculado aos mesmos princípios religiosos. Bem sabemos como, no decorrer da história das religiões, a cegueira fundamentalista levou tantos inocentes à fogueira e à inquisição, bem como disseminou as “guerras santas”, semeando cadáveres por toda parte.

Todo e qualquer regime totalitário, seja ele de caráter político, ideológico ou religioso, tende à perseguição, à violência e até mesmo à eliminação pura e simples no confronto com os opositores. Que o digam as cruzadas, o patíbulo, a guilhotina, o paredão de fuzilamento, as câmeras de gás do holocausto, sem falar da famigerada prática da tortura. No caso do totalitarismo de ordem religiosa e/ou étnica, porém, o conflito pode ganhar cores mais sombrias, uma vez que entra em cena o jogo da verdade-falsidade e o nome de Deus.

Nos últimos tempos, especialmente a partir dos atentados ao World Trade Center, nos Estados Unidos, em setembro de 2001, os migrantes e as migrações passam a fazer parte do mesmo cenário. Confundidos não poucas vezes com os terroristas, os quais, por sua vez, se escondem atrás de uma roupagem religiosa, migrantes, refugiados, prófugos e deslocados acabam “pagando o pato”. Como se não bastasse, a esse quadro mistura-se ainda o ingrediente do crime organizado, com destaque para o tráfico de drogas, armas e seres humanos. O fato é que, nessa atmosfera de medo e desinformação, o controle e a vigilância nas fronteiras torna-se cada vez mais rígido, de modo particular quando estão em jogo determinados povos e nações.

Repórteres, microfones, câmeras e holofotes disputam o bombardeio de imagens e palavras. Sob o impacto de semelhante avalanche de sensações – mais do que de informações – não é fácil fazer um juízo crítico dos fatos e boatos que desfilam no palco. Palco porque o “espetáculo” parece substituir o jornalismo sério, responsável e objetivo. Efetivamente, quando a informação sofre um processo de “espetacularização”, com frequência desencadeia, nos indivíduos e nas multidões, paixão, rancor, ódio e sobretudo desejo de vingança. O que, entre outros fatores, explica a reação contra mesquitas e/ou pessoas estrangeiras.

Figura 52 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 139*

Desnecessário enfatizar que o caminho do terrorismo só faz crescer a espiral da violência. E esta cresce igualmente quando se entra no mesmo jogo do "olho por olho, dente por dente". Mas esse inimigo comum de toda humanidade, hoje cada vez mais perigoso e audaz, deve ser desvinculado seja da esperança e do sonho de quem cruza as fronteiras do próprio país em busca de um futuro menos amargo, seja de quem procura, através da religião, um sentido para a vida e um empenho por um convívio pacífico. Tal espiral de violência não pode inibir o intercâmbio de povos, cultas e valores, no coração dos quais germinam as sementes da paz mundial.

Roma, 9 de janeiro de 2015

Disponível em: <https://migramundo.wordpress.com/2015/01/14/opiniao-nao-a-criminalizacao-do-outro/>. Acesso em 18 fev. 2018.

9 No artigo, o padre Gonçalves inicia sua introdução (1º parágrafo) recuperando um fato da sociedade francesa, mas que chamou a atenção do mundo inteiro.

a) Que fato é esse? O que você sabe a respeito?

b) Como o Padre Gonçalves se posiciona em relação ao tema? Explique.

10 No segundo parágrafo, o autor inicia seu processo de argumentação. Ele lança mão de qual estratégia argumentativa?

- () Causa e Consequência.
() Ilustração ou Exemplo.
() Comprovação.
() Comparação.

Figura 53 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 8.º ano, p. 140

Com as atividades de consulta ao dicionário propostas anteriormente, espera-se que os estudantes sigam criando uma autonomia na busca de palavras desconhecidas. Entretanto, tendo em vista que esse texto aborda a mesma temática abordada nos anteriores, mas apresenta algumas unidades lexicais relacionadas ao

tema que não estavam nos textos anteriores. Seria interessante incentivar a busca pelas unidades “prófugo” e “desplazado”.

Seguindo com os estudos das unidades lexicais complexas, o trabalho com as expressões idiomáticas presentes no texto é uma atividade potente, quando se quer demonstrar que o significado está no todo e não na junção das partes. Propor a substituição das expressões “pagando o pato” e “olho por olho, dente por dente” por sinônimos próximos, visando tornar o texto mais formal, é uma maneira de trabalhar com um tipo de combinatória lexical (BIDERMAN, p. 756), fruto da cultura que remete ao domínio da norma e não da língua. A atividade poderia ser assim proposta:

No texto aparecem as expressões “pagando o pato” e “olho por olho, dente por dente”. Substitua as expressões por sinônimos próximos, visando tornar o texto mais formal.

Outra atividade de reflexão sobre as palavras utilizadas no texto, é observar a gradação na seleção lexical, recurso amplamente utilizado no texto em estudo. Por exemplo, uma atividade sobre a gradação poderia abordar os adjetivos atribuídos à mídia e a opinião pública: “Ingênua, desinformada ou cúmplice”. O mesmo ocorre no parágrafo em que se mencionam a “perseguição”, a “violência” e a “eliminação”. Em “paixão, rancor, ódio e [...] desejo de vingança”, vemos também essa gradação nos sentimentos elencados. Quer dizer, há uma estratégia na escolha das palavras e na ordem em que elas são colocadas. Isso cria um efeito de sentido.

Interessante verificar ainda se os estudantes conseguem entender o significado de “paixão”, que se coloca junto a maus sentimentos e encabeça a uma lista.

Um enunciado possível para trabalhar essa questão é apresentado a seguir.

Em diferentes trechos do texto “Não à criminalização do outro” há uma escolha do autor por utilizar sequências de palavras numa gradação. Observe: “**Ingênua, desinformada** ou **cúmplice**, a mídia [...]”; “Todo e qualquer regime totalitário, [...] tende à **perseguição**, à **violência** e até mesmo à **eliminação** pura e simples”; “[...] com frequência desencadeia, no indivíduo e nas multidões, **paixão**, **ódio**, **rancor** e sobretudo **desejo de vingança**”.

- a) Explique com suas palavras que efeito de sentido a escolha e a sequência das palavras em cada trecho traz ao texto.
- b) No último trecho, são usadas as “paixão” e “desejo” com um sentido negativo; fora de contexto, elas sempre são entendidas dessa forma? Por que no texto elas adquirem um sentido negativo?

Com essa atividade, os estudantes são levados a entender que os textos são constituídos por palavras cujos sentidos vão sendo articulados uns aos outros. As escolhas lexicais e a ordenação das palavras, em um texto bem construído e articulado, não é ingênua e visa a fazer com que o leitor seja convencido de que a opinião está correta. Tal atividade, além de levar os alunos a uma leitura crítica, oferece repertório para que ele se utilize de estratégias em seus próprios textos.

Por fim, é válido mencionar que em nenhuma das atividades, de nenhum dos três textos, nem as mais voltadas para a estrutura do gênero textual e tampouco as atividades voltadas para o desenvolvimento da competência lexical, há a preocupação com o leitor ao qual o texto se direciona. Pensar nas escolhas lexicais que foram feitas e as marcas textuais que atraem o público-alvo é uma possibilidade de identificar que todo texto tem um objetivo, traz informações e transmite ideologias.

A atividade poderia ser assim proposta:

A que tipo de leitor o autor se direciona, ou seja, quem é o público-alvo do artigo de opinião lido?

Como você identificou esse público-alvo? As escolhas lexicais feitas pelo autor contribuíram para a essa identificação? Cite algumas palavras ou expressões e justifique sua resposta.

5.3 Ampliação ou substituição das atividades propostas no capítulo 4 do *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano

Todas as atividades sugeridas anteriormente podem ser adaptadas e utilizadas também após a leitura dos artigos de opinião que aparecem no material didático do 9.º ano.

O trabalho com o título do texto, por exemplo, e a reflexão sobre as palavras que foram utilizadas nele é uma boa prática para perceber que as escolhas lexicais são importantes e implicam o envolvimento com o interlocutor e seu convencimento. Existe uma intencionalidade na escolha de cada palavra, a fim de garantir que o interlocutor possa compreender a informação que se quer transmitir e seja convencido da tese que se defende. Koch e Elias (2016, p. 52) afirmam que:

O título é o primeiro desencadeador de perspectivas sobre o texto. Assim, um título bem dado prepara o leitor para o que vai encontrar no texto, ativa na sua memória conhecimentos necessários para a compreensão da leitura, permite-lhe fazer previsões, levantar hipóteses que, na leitura, vão ser testadas, confirmando-se ou não.

Outra atividade que trabalha o texto globalmente, e que não foi sugerida anteriormente, é a da escolha de palavras-chave. Propor que os estudantes escolham de três a cinco palavras que resumem os temas principais do texto lido, é uma prática interessante, pois permite notar que diferentes leitores julgam o que é essencial de maneira diversa. Uma opção de atividade para escolha de palavras-chave, seria:

Se você tivesse que escolher cinco palavras-chave do texto que você acabou de ler, quais seriam elas?

No texto *A ilusão das redes sociais*, de Dulce Critelli (pp.178 e 179) é possível trabalhar de forma mais global com o texto, refletindo sobre o título e as palavras-chave e, posteriormente, tratar de questões mais voltadas para o gênero textual, tal como aparecem na página 180, atividades 2 e 3, que tratam dos dois parágrafos iniciais, do posicionamento da articulista e sua justificativa. Ainda assim, é possível fazer adaptações nas atividades propostas para garantir o trabalho com o

ATIVIDADE 1 - Sociedade, interação e redes sociais

- 1 Leia, juntamente com o(a) professor(a), o texto a seguir:

A ilusão das redes sociais

por Dulce Critelli

É indiscutível o importante papel que as redes sociais desempenham hoje nos rumos de nossa vida política e privada. São indiscutíveis também os avanços que introduziram nas comunicações, favorecendo o reencontro e a aproximação entre as pessoas e, se forem redes profissionais, facilitando a visibilidade e a circulação de pessoas e produtos no mercado de trabalho.

A velocidade com que elas veiculam notícias, a extensão territorial alcançada e a imensa quantidade de pessoas que atingem simultaneamente não eram presumíveis cerca de uma década atrás, nem mesmo pelos seus criadores. Temos sido testemunhas, e também alvo, do seu poder de convocação e mobilização, assim como da sua eficiência em estabelecer interesses comuns rapidamente, a ponto de atuarem como disparadoras das várias manifestações e movimentos populares em todo o mundo atual.

Dessa forma, não podemos sequer supor que elas tragam somente meras mudanças de costumes, porque seu peso, associado ao desenvolvimento da informática, é semelhante à introdução da imprensa, da máquina a vapor ou da industrialização na dinâmica do nosso mundo. As redes sociais provocam mudanças de fundo no modo como as nossas relações ocorrem, intervindo significativamente no nosso comportamento social e político. Isso merece a nossa atenção, pois acredito que uma característica das redes sociais é, por mais contraditório que pareça, a implantação do isolamento como padrão para as relações humanas.

Ao fazermos parte das redes sociais, acreditamos ter muitos amigos à nossa volta, sermos populares, estarmos ligados a todos os acontecimentos e participar efetivamente de tudo. Isso é uma verdade, mas também uma ilusão, porque essas conexões são superficiais e instáveis. Os contatos se formam e se desfazem com imensa rapidez; os vínculos estabelecidos são voláteis e atrelados a interesses momentâneos. Além disso, as relações cultivadas nas redes sociais se baseiam na virtualidade, portanto, no distanciamento físico entre as pessoas. Isso nos permite, com facilidade, entrar em contato com as pessoas e afastá-las quando bem quisermos. Tal virtualidade garante comunicação sem intimidade.

O que aconteceria conosco se não precisássemos mais da proximidade física de uns com os outros? O que morreria em nós, se essa proximidade deixasse de acontecer? Quando Hannah Arendt, pensadora contemporânea da política, analisou os totalitarismos do século passado, apontou para a possibilidade desses sistemas tornarem os homens supérfluos. Para tanto, entre

Figura 54 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 178

outros expedientes, manteriam as pessoas isoladas umas das outras. Separavam-nas de seus familiares, de suas comunidades, inclusive das pessoas com quem coabitavam nos galpões dos campos de concentração, instaurando entre elas a suspeita e o medo de delações. Isolavam classes sociais, promovendo contendas e animosidades entre elas. Isolavam as pessoas do seu próprio eu, exaurindo-as com trabalho e mantendo-as doentes e famintas. O isolamento torna os indivíduos manipuláveis e controláveis, como coisas. Os sistemas totalitários sabem muito bem que, isolados, os homens perdem a capacidade de se expor e de agir.

Na nossa atualidade, o isolamento tem um perfil diferente, porque é mais voltado para a intensificação do individualismo, cujos interesses afastam-se a cada vez mais das questões sociais. As recentes manifestações populares, embora devam sua ocorrência às redes sociais, mantêm o caráter do individualismo e do isolamento, pois os participantes não criam vínculos entre si. Expressam suas opiniões, caminham juntos, mas é só isso.

Arendt tem por pressuposto de suas análises a condição humana da pluralidade, ou seja, o fato de vivermos entre homens e jamais chegarmos a ser nem um ser humano, quando longe da companhia dos outros. Os outros, tanto quanto o ambiente em que vivemos, nos constituem, daí que, se o distanciamento interpessoal for se estabelecendo como nova condição de existência, nossa própria humanidade poderá sofrer o impacto de uma mutação.

Os próprios equipamentos para acesso às redes, que estão conosco o tempo todo e exercem intenso fascínio sobre nós, corroboram com esse isolamento. Talvez as aulas passem a ficar chatas, sobretudo as de Filosofia. Nelas, não se pode pular de um assunto para outro, nem entrar em contato com múltiplas informações ao mesmo tempo, como se faz nas telas do computador, nem ficar livre de esforços do pensamento com análises e reflexões.

O outro parece importar, mas, de fato, não importa. Importam apenas a própria posição e a autoexposição. Daí a constante informação sobre as viagens, os pensamentos, as emoções e, as atividades de alguém. É preciso estar em cena e sempre. Há nisso um evidente desenvolvimento do narcisismo e, conseqüentemente, do reforço do distanciamento entre as pessoas.

Faz parte desse narcisismo o fato de as pessoas terem de tratar a si mesmas como se fossem mercadorias. Em alguns de seus escritos, Zygmunt Bauman tem apontado para a necessidade das pessoas, sobretudo dos jovens, de se ocuparem sobremaneira com sua imagem nas redes sociais. Elas precisam escolher as fotos que melhor as apresentem, que as tornem atraentes e desejáveis.

Meu propósito, aqui, foi apenas o de levantar dados para uma reflexão. Mas quero acentuar que essas tendências das redes sociais – a virtualidade, o distanciamento, a superficialidade, a superfluidade do ser humano, a exposição narcísica, a ilusão de intimidade e popularidade, a “falação” e a “avidéz de novidades”... – constituem o padrão de isolamento das relações pessoais. E quanto mais isolados, mais ficamos à mercê de controles e manipulações. Cada vez mais ameaçados na autoria do nosso destino pessoal e político.

Adaptado de: disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/a-ilusao-das-redes-sociais/>. Acesso em 18 fev. 2018.

Figura 55 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 179

- 2 Qual é o posicionamento (tese) da autora, apontado no 1º parágrafo do artigo?

- 3 O 2º parágrafo do artigo de opinião foi destinado para a justificativa da tese, ou seja, visa apontar ao(à) leitor(a) qual é a relevância social daquele posicionamento. De que trata esse 2º parágrafo?



TOME NOTA

Sociedade é o que nomeamos como resultado do processo de transformação do homem, do seu compartilhamento de valores culturais, éticos e morais, visando a uma boa organização coletiva. Nesse aspecto, a construção da identidade de um povo está intrinsecamente associada ao seu desenvolvimento histórico, político e tecnológico, formando, assim, um organismo social. Sob essa ótica, vale ressaltar que, desde o século XIX, o estudo da sociedade foi estruturado como ciência, ou seja, a sociologia. Desse modo, é de suma importância perceber como os sociólogos apresentam respectivos estudos e pesquisas em torno do conceito de sociedade. Vamos “saber mais” sobre essa ciência tão importante para a compreensão das ações do homem. Os pais da sociologia também buscaram entender o que caracteriza uma sociedade. Veja:

Mas... o que é sociedade?



1. Agrupamento de seres que convivem em estado colaborativo;
2. Grupo humano que habita em certo período de tempo e espaço.

Figura 56 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 180

Como sugestão, acrescenta-se à questão 2 a possibilidade de trabalho com o léxico, com a contraposição da palavra “ilusão” presente no título e a apresentação dos argumentos, no primeiro parágrafo, antecipados pelo uso do adjetivo “indiscutível”. A atividade poderia ser proposta assim:

Qual é o posicionamento (tese) da autora, apontado no 1º parágrafo do artigo?
Que palavra utilizada nesse parágrafo caracteriza uma informação que não pode ser questionada?

Essa palavra corrobora a palavra “ilusão” presente no título do texto? Explique que efeito de sentido a relação entre as duas palavras provoca no texto.

Seguindo na mesma perspectiva, uma possibilidade de ampliação de atividade é pensar nas palavras que introduzem determinado argumento. Propor a busca de palavras, em determinado parágrafo, que evidenciam a concordância ou a discordância do autor com dado argumento ou situação, pode indicar como as escolhas lexicais demonstram o seu posicionamento. Uma possibilidade de atividade seria:

No sexto parágrafo, identificamos o uso das conjunções “embora” e “mas”. De que forma elas atuam na apresentação dos argumentos utilizados no parágrafo? Os argumentos apresentados após as conjunções são favoráveis ou contrários ao posicionamento da autora? Explique.

Dando sequência às atividades da Unidade, apresenta-se o texto “Quem aguenta tanta opinião (e intolerância) nas redes sociais?”, de Paulo Silvestre. As atividades propostas no material didático a respeito do texto são apresentadas a seguir.

ATIVIDADE 5 – Argumentação, redes sociais e a construção de uma opinião pública

- 1 Em duplas, leiam o artigo de opinião a seguir:

Quem aguenta tanta opinião (e intolerância) nas redes sociais?

Por Paulo Silvestre

Na última segunda-feira, estive com um colega para uma animada conversa sobre como a tecnologia digital vem mudando as empresas e a vida das pessoas. Hoje trabalhamos, estudamos, nos divertimos, compramos e até paqueramos de maneira completamente diferente do que fazíamos há uns 15 anos. Mas talvez uma das mudanças mais dramáticas é que hoje todo mundo é capaz de emitir a sua opinião sobre absolutamente qualquer coisa com o potencial de influenciar uma quantidade enorme de pessoas. Daí vem a pergunta: que tipo de opinião as pessoas estão emitindo pela rede e qual o impacto disso?

Tudo isso começou com a liberação da Internet comercial, em 1994. Mas o divisor de águas foi a combinação das redes sociais com os smartphones, o que aconteceu há mais ou menos uma década. Pela primeira vez na história, as pessoas tinham um computador poderoso e permanentemente online onde estivessem e a qualquer hora. Além disso, tinham o canal perfeito para falar o que bem entendessem. E foi aí que a porca torceu o rabo. Isso vem acontecendo com muita força há pouco tempo. As pessoas veem algo que não gostam e deixam de pensar com o cérebro, para pensar com o fígado.

A possibilidade de podermos nos expressar livremente é uma das coisas mais maravilhosas que existe, e os meios digitais elevaram isso a um patamar até então inimaginável. Mas o fato de podermos fazer qualquer coisa não nos dá o direito de abusarmos disso. No caso dessa chance de nos expressarmos, o exagero acontece na forma de discursos de intolerância e de ódio, pois afinal, “a minha opinião vale muito e é ela que tem que valer”. Daí descarregam nas redes sociais o resultado de tanta amargura, não importa se aquilo prejudicará ou simplesmente magoará alguém.

Entram em cena os algoritmos de relevância das redes sociais, que são construídos para colocar em contato pessoas que pensam de maneira semelhante. E então, aquela opinião carregada de sentimentos ruins, que antes ficaria restrita a um pequeno grupo, pode correr o mundo como um rastilho de pólvora e inflamar uma enorme quantidade de pessoas. E o estrago pode ser gigantesco.

Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/blogs/macaco-eletrico/quem-aguenta-tanta-opiniao-e-intolerancia-nas-redes-sociais/>. Acesso em 18 fev. 2018.

Figura 57 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 205

2 Retire do artigo de opinião de Paulo Silvestre:

a) Situação-problema motivadora para a escrita do texto:

b) Posicionamento sobre o assunto de relevância social:

c) Os dois argumentos pertinentes para a defesa da tese / do posicionamento:

• **ARGUMENTO 1**

• **ARGUMENTO 2**

d) Reflexão para o(a) leitor(a) explícita na conclusão do artigo:

Figura 58 - *Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens* de língua portuguesa - 9.º ano, p. 206

e) Estratégia argumentativa empregada nos argumentos:

• **ARGUMENTO 1**

• **ARGUMENTO 2**

3 Duas expressões típicas da oralidade que almejam proximidade com o(a) leitor(a) do texto:



RODA DE CONVERSA

Nesta Unidade, estamos debatendo sobre o uso, a ocupação e integração das redes sociais na sociedade atual. Nesse sentido:

- Você acha que as opiniões dos internautas expostas nas redes sociais contribuem para a construção de uma opinião pública?
- Discuta com os(as) colegas de classe e apresente o seu posicionamento em relação ao assunto.

Figura 59 - Caderno da Cidade - saberes e aprendizagens de língua portuguesa - 9.º ano, p. 207

Como se pode observar, a atividade 3, da página 207, propõe que o estudante busque no texto expressões típicas da oralidade que, em tese, aproximam o leitor do texto. Espera-se que o estudante do 9.º ano do Ensino Fundamental

encontre as expressões “divisor de águas” e “foi aí que a porca torceu o rabo”. Entretanto, não há como assegurar que essas expressões sejam conhecidas por adolescentes de, aproximadamente, 14 e 15 anos e que eles identifiquem essas expressões como típicas da oralidade e de aproximação do leitor com o texto. Na realidade, não há também como afirmar que sejam expressões típicas da oralidade. Certamente, são unidades lexicais complexas, conotativas, que devem ser entendidas como um todo semântico. Como o seu significado não é composicional, ou seja, seu significado não é previsível, é necessário que se garanta a compreensão pelos estudantes.

Talvez, essas expressões aproximem o leitor idealizado pelo autor do texto, mas não o adolescente do 9.º ano do Ensino Fundamental. Portanto, o enunciado dessa atividade do material didático não parece adequado. Uma sugestão de adaptação seria:

Duas expressões foram utilizadas no texto lido:

- a) “divisor de águas”;
- b) “foi aí que a porca torceu o rabo”.

Você conhece o significado dessas expressões? Foi possível chegar ao seu significado pelo contexto?

Converse com seus colegas sobre o significado dessas expressões e veja o quanto esse significado se aproxima do indicado no exercício anterior. Depois, com a ajuda de seu(sua) professor(a) elabore uma definição para elas.

Outro tipo de atividade lexical pode ser proposto aos estudantes a fim de demonstrar como certas escolhas demonstram o engajamento e o compromisso do autor com determinado argumento. São escolhas importantes quando se trata de um texto argumentativo. Nesse sentido, uma proposta viável seria a seguinte:

No primeiro parágrafo do texto a autora utiliza a palavra “talvez” e, no último, utiliza o verbo “poder”, antecipando outros verbos (“pode correr”, “pode ser”).

Como essas escolhas lexicais demonstram o compromisso da autora com as afirmações feitas em seguida?

Que outras escolhas lexicais demonstrariam um compromisso maior com as afirmações?

Para finalizar este capítulo, é necessário dizer que outras atividades poderiam ser propostas e que, certamente, outros professores terão ideias distintas de abordagem, a depender das turmas que tiverem e da proficiência em leitura que apresentarem. O mais relevante objetivo desta proposta foi evidenciar como as questões lexicais são pouco exploradas no material didático analisado e o quanto elas favoreceriam, por um lado, a compreensão leitora dos alunos e, por outro, desenvolveriam sua autonomia para futuras leituras, fazendo-os também adquirir criticidade e repertório para suas próprias produções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procurou-se desenvolver uma análise acerca do material didático utilizado nas escolas municipais da cidade de São Paulo, a Coleção *Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens* de língua portuguesa do 8.º e do 9.º ano, mais especificamente, das atividades relacionadas com a leitura de artigos de opinião e de sua contribuição para a ampliação lexical do estudante, o que será fator determinante para a compreensão de outros textos mais complexos.

Depois de realizada uma análise das atividades apresentadas pelo material, em que se constatou uma abordagem precária das questões lexicais para uma leitura plena dos artigos de opinião propostos, algumas sugestões de ampliação ou modificações das atividades foram elaboradas, buscando evidenciar que a presente pesquisa entende que o conhecimento de vocabulário contribui para o sucesso da leitura e da compreensão de textos.

A análise realizada comprovou o que estudos anteriores citados nos primeiros capítulos desta dissertação já apontavam: o estudo de itens lexicais aparece de forma tímida nas atividades. Em se tratando de artigos de opinião, esperava-se o estudo do léxico como revelador do posicionamento dos autores, o que não acontece; tampouco como determinantes para a compreensão dos argumentos utilizados em busca da persuasão. Acrescenta-se ainda, que o uso do léxico de um texto também parece ser um aspecto pouco relevante no estudo dos gêneros textuais.

Nesse sentido, a seleção lexical estabelecida nos artigos de opinião não foi explorada, para que os estudantes entendessem que existe uma adequação vocabular ao gênero textual, que as palavras materializam as intenções comunicativas e que, assim como as características de composição e estrutura do gênero, a escolha das palavras é de suma importância na produção textual. Além disso, ao ignorar os elementos lexicais a compreensão do texto fica comprometida.

Diante do exposto, é de surpreender que as questões lexicais sejam tão marginalizadas nas atividades escolares e que as atividades de compreensão leitora passem ao largo dessas questões.

Outro ponto crucial nestas últimas considerações diz respeito ao uso de textos autênticos, sem adaptações, no material didático. Embora seja recomendável que os estudantes se aproximem de uma língua real em uso, o autor do material

didático precisa propor atividades que supram o descompasso lexical entre o conhecimento prévio dos estudantes e o do público-alvo dos veículos de que os textos são extraídos. É inegável que o escritor leva em consideração os leitores do suporte em que o seu texto será veiculado. Ao levar em consideração determinado público-alvo, o autor faz escolhas lexicais considerando as experiências socioculturais que caracterizam esse grupo humano. O leitor idealizado pelo produtor do texto, certamente, não é o estudante do Ensino Fundamental. Assim, cabe à escola e ao professor fazer com que o aluno chegue à compreensão do texto, fornecendo repertório para que ele alcance os objetivos pretendidos.

Estabelecendo uma conexão com o afirmado anteriormente, detectou-se o pouco interesse pelo uso do dicionário como instrumento valioso no ensino de língua materna para a ampliação e o enriquecimento do repertório lexical dos estudantes. Nesse sentido, buscou-se nas atividades propostas a inserção da consulta aos dicionários de forma contextualizada e qualificada, na busca de informações sobre o uso da língua além das que tradicionalmente se procuram nessas obras (informações semânticas e sobre a ortografia da língua).

Para finalizar, é importante destacar a relevância do Mestrado Profissional em Letras no que concerne ao aprimoramento das práticas pedagógicas do professor, que tem a oportunidade de repensar criticamente suas práticas didáticas, metodológicas e suas convicções teóricas, buscando a melhoria do ensino na rede pública no Brasil.

Espera-se que este trabalho contribua para a reflexão do professor sobre os materiais didáticos utilizados em sala de aula e desperte a criticidade frente às propostas de atividades que são planejadas para seus estudantes. Além disso, tem-se a expectativa de que o estudo do léxico tenha mais destaque nas aulas de língua materna, uma vez que se mostra relevante e significativo tanto para a leitura e compreensão de textos como para os usos sociodiscursivos da língua.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 15, 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2011. p. 1332-1343. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

ALVES, Ieda Maria. Para utilizar o dicionário na sala de aula. **Revista Leitura**, Alagoas, v. 2, n. 4, 1988, p. 59-63. Quadrimestral. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6566>. Acesso em: 19 jul. 2022.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. 8. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 181 p. (SÉRIE AULA).

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 160 p.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 224 p.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 176 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016. 176 p. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra.

BEZERRA, Benedito Gomes. **O gênero como ele é (e como não é)**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022. 216 p.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Leitura e escrita: condições para aquisição de vocabulário. **Intercâmbio**. São Paulo, p. 1-10. abr. 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4034/2681>. Acesso em: 23 maio 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa: Revista de linguística**, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 23 maio 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**, [s. l.], v. 2, p. 747-757, 2005. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2021. p. 69-90. (REPENSANDO O ENSINO).

BOFF, Odete Maria Benetti; KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: um meio de interação. **Revel**, [s. l.], v. 7, n. 13, p. 1-12, 2009. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opinioao.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Volume 1. Brasília, 2006.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Brasil no PIRLS 2021: sumário executivo**. Brasília, DF: Inep, 2023.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 2009. 176 p. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

CARBONARI, Rosemari; CERRI, Aoki Stella; SPARANO, Magali Elisabete; SILVA, Ana Cláudia. A leitura do texto didático e didatizado. In: BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciraba (coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. **Glossários em livros didáticos e dicionários escolares: da redução à expansão lexical na compreensão de textos**. Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 16,

2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1005>>. Acesso em: 17 set. 2023.

CAVALCANTE, Márcia Suany Dias. Palavra por palavra: o estudo do léxico no livro didático de língua portuguesa. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 18., 2014, Rio de Janeiro. **Semântica e Terminologia**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2014. p. 281-296. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/02/021.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.

COROA, Maria Luiza. O texto dissertativo-argumentativo. In: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche. **Textos dissertativos-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017. p. 59-72. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/textos_dissertativo_argumentativos.pdf. Acesso em: 12 dez. 2023.

COROA, Maria Luiza; BAGNO, Marcos. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (org.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 61-72.

COSTA, Raquel Pires. Implicações da concepção de léxico na formação do professor de língua materna. **Revista GTLex**, Uberlândia, vol. 1, n.1, 2016, p. 110–119. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/31809>. Acesso em: 23 fev. 2022.

CRUZ, Ana Flávia Torquetti Domingues. A intersecção de léxico e leitura no livro didático de português: propostas pedagógicas para a sala de aula. In: FERRAZ, Aderlande Pereira (org.). **O léxico do português em estudo na sala de aula I**. Araraquara: Letraria, 2016. p. 136-166.

ELIAS, Vanda Maria da Silva. Texto e argumentação. In: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche (orgs.). **Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores**. Brasília: Cebraspe, 2016. p. 110-128.

EZQUERRA, Manuel Alvar. **La enseñanza del léxico y el uso del diccionario**. Madrid: Arco Libros, S.L., 2003. p. 116.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 256 p.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. **A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000300012>. Acesso em: 21 mai 2022.

FERREIRA, Helena Maria; VIEIRA, Mauriceia Silva de Paula. O trabalho com o léxico em sala de aula: desafios para o ensino de uma língua materna. **Revista Letras Raras**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 19-33, 31 dez. 1969. Editora da Universidade Federal de Campina Grande. <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v2i2.185>. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1858>. Acesso em: 18 set. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2022. 288 p.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. Material didático e prática docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 31-39, 6 dez. 2007. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v2i1.454>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/454>. Acesso em: 04 jan. 2024.

FLEURY, Renato Sêneca. Livro didático. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. vol. 35, n. 82, p. 174-177, abr-jun 1961. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/issue/view/469/106>>. Acesso em 25 set. 2023.

GIL, Beatriz Daruj. Exploração de redes associativas no ensino do léxico. **Linha D'água**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 45-61, 20 nov. 2019. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v32i3p45-61>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/159138>. Acesso em: 08 out. 2023.

GIL, Beatriz Daruj. Ensino de vocabulário e competência lexical. **Gragoatá**, [S.L.], v. 21, n. 40, p. 445-464, 1 jul. 2016. Pró Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.v21i40.33392>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33392>. Acesso em: 16 jul. 2022.

GIL, Beatriz Daruj. A Pluridimensionalidade do léxico em práticas de ensino de português. **Entremeios**: Revista de Estudos do Discurso. v. 15, p. 13-30, jul.-dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol15pagina13a30>.

GOMES, Patrícia Vieira Nunes. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (org.). **Dicionários escolares**: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 141-154.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

KLEIMAN, Angela B.. Aprendendo palavras, fazendo sentido: o ensino de vocabulário nas primeiras séries. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, p. 47-81. 14 dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639038>. Acesso em: 24 jul. 2022.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 8. ed. Campinas: Pontes, 2002. 84 p.

KLEIMAN, Angela B.. Aprendendo palavras, fazendo sentido: o ensino de vocabulário nas primeiras séries. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, p. 47-81. 14 dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639038/6634>. Acesso em: 13 jan. 2023.

KOCH, I. G. V. A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 9, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45487>. Acesso em: 14 fev. 2024.

KOCH, Ingedore Villaça. Cognição e processamento textual. **Revista da Anpoll**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 35-44, 15 dez. 1996. ANPOLL. <http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i2.239>. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/239>. Acesso em: 18 mar. 2023.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011. 216 p.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016. 241 p.

KRIEGER, Maria da Graça. Termos técnico-científicos em minidicionários: problemas de inclusão e definição. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos

(org.). **Dicionários escolares**: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.73-86.

KRIEGER, Maria da Graça. **Dicionário em sala de aula**: guia de estudos e exercícios. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012. 96 p.

KRIEGER, Maria da Graça. **Dicionários para o ensino de língua materna**: princípios e critérios de escolha. Revista Língua e Literatura, v. 7, n. 10-11, p. 101-112 2005. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/42>. Acesso em: 05 jun. 2022.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, v. 16, n. 69, p. 3-9 2008. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2368>. Acesso em: 19 ago. 2022.

LEFFA, Vilson J. Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto. In: LEFFA, Vilson J; ERNST, Aracy. **Linguagens**: metodologia de ensino e pesquisa. Pelotas, Educat, 2012. p. 253-269.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002. 120 p. Tradução de: Ernani Rosa.

LISKA, Geraldo José Rodrigues. **A inferência do significado lexical na leitura de textos humorísticos presentes nos livros didáticos de português**. Anais do SIELP. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

LISKA, Geraldo José Rodrigues. Léxico e ensino de palavras e sentidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). In: FERRAZ, Aderlande Pereira. **O léxico do português em estudo na sala de aula II**. Araraquara: Letraria, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de textos: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 46-59.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org). **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil, 1999. p. 95-122.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análises de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: Dionísio, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Livro didático de português: múltiplos olhares [livro eletrônico]**. Campina Grande: EDUFPG, 2020. p. 67-86.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Quando a referência é uma inferência. In: **GEL**, 48., 2000, Assis. Seminário. Assis: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, 2000. p. 1-31. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL_XXX/ART11_3.pdf. Acesso em: 26 set. 2023

MARCUSCHI, Luiz Antônio. GÊNEROS TEXTUAIS: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Cap. 1. p. 19-38.

OLIVEIRA, Fábio Araújo. O ensino de morfologia na educação básica: algumas reflexões e propostas. **Revista do Gelne**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 72-82, 9 fev. 2021. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. <http://dx.doi.org/10.21680/1517-7874.2021v23n1id20850>.

OTA, Ivete Aparecida da Silva. O livro didático de língua portuguesa no Brasil. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 35, p. 211-221, 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40602009000300016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/cx7FcNwc4G896mFY7PCwT6N/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PASSARELLI, Lilian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012. 302 p.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009. 92 p.

RANGEL, Egon de Oliveira; BAGNO, Marcos. **Dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009. 156 p.

RANGEL, Egon de Oliveira. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (org.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.37-60.

SANTOS, Vera Maria Xavier dos; NEVES, Tânia Regina Pires. O processamento da informação na leitura de textos na sala de aula. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy E. (orgs.). **O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999. p. 159-178.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens: Língua Portuguesa - 8º ano**. São Paulo: SME/COPED, 2019. 240 p.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens: Língua Portuguesa - 9º ano**. São Paulo: SME/COPED, 2019. 256 p.

SEVERIANO, Ana Paula; OLIVEIRA, Egon de; CAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloísa. **Pontos de vista: orientação para produção de textos**. 6 ed. São Paulo: Cenpec, 2019. 190 p. (Coleção das Olimpíadas - caderno do professor).

SILVA, Lígia Fabiana de Souza. **Língua e cultura em sala de aula: o ensino das expressões idiomáticas para estudantes de português como língua materna**. 2017. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, De Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8162/tde-17082018-172838/publico/2018_LigiaFabianaDeSouzaSilva_VCorr.pdf. Acesso em: 26 jan. 2024.

SOUZA, Tiago Vieira de. **O ensino de morfologia - uma abordagem 3C: crítica, criativa e contextualizada**. Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 2, p. 530-549, jul.-dez. 2021.

XATARA, Claudia Maria; SOUZA, Vanzorico Carlos de; MORAES, Adriana Cardoso. A aquisição do vocabulário básico e a competência lexical. **Caderno Seminal Digital**, [s. l], v. 10, n. 10, p. 19-28, jul. 2008. Semestral.

ZANINI, Marilurdes. Artigo de Opinião: do ponto de vista à argumentação. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro (orgs.). **Gêneros textuais em contexto de vestibular [online]**. Maringá: EDUEM, 2017. p. 42-58.

ANEXOS

Anexo A - Artigo de opinião *Imigração no Brasil: o medo infundado do outro* e compilado das atividades (*Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens de língua portuguesa do 8.º ano - pp. 119 a 131*)

8.º ANO

119

ATIVIDADE 2 – Pense, reflito e argumento: eu e o outro no mundo!

- 1 Considerando toda a discussão realizada anteriormente e a Carta de Intenção que foi elaborada pelos diversos grupos da turma, leia e analise as seguintes manchetes e/ou títulos:



Trecho da Capa d'O Globo de 6 de Agosto de 1935.



Disponível em: <http://www.politize.com.br/crise-dos-refugiados/>. Acesso em 14 fev. 2018.

Chegada em massa
PAÍS VÊ ÊXODO DE
VENEZUELANOS

Cerca de 30 mil venezuelanos já cruzaram a fronteira em Roraima para se refugiar no Brasil, informa **Felipe Corazza**. O Estado reluta em decretar emergência, mas a fila para analisar documentação passa de um ano. **INTERNACIONAL / PÁG. A14**

Trecho d'O Estado de S. Paulo, de 12 de Outubro de 2016.



RODA DE CONVERSA

A partir das primeiras análises que vocês fizeram do título, discutam com colegas e professor(a):

- Qual dos títulos chamou a atenção de vocês? Por quê?
- O que há em comum entre os títulos?
- Os títulos foram publicados em anos e tempos diferentes. Apesar disso, o que mudou em relação aos conflitos que envolvem imigrantes e/ou refugiados em nosso país e mundo afora?
- O que vocês já leram ou assistiram a respeito do assunto tratado nos títulos?

2 Com ajuda do(a) professor(a), leia o texto a seguir:

Imigração no Brasil: o medo infundado do outro

A migração pode ser encarada como uma expressão global do direito de ir e vir. É considerada um direito humano, embora a maioria dos países não façam essa leitura, uma movimentação natural desempenhada pelos seres humanos desde os primórdios da história.

25/06/2015

Por Rodrigo Borges Delfim*

Quem navega pelas redes sociais, certamente já viu *posts* ou sites com frases alarmistas e apocalípticas dizendo que o Brasil "sofre uma invasão estrangeira" ou que "forasteiros vão roubar os empregos e as escolas de nossos filhos". Tudo isso, veja bem, em um país constituído basicamente por imigrantes.

Esse é apenas um exemplo da esquizofrenia que toma conta de parte da sociedade brasileira quando ouve falar ou pensa em opinar sobre imigração. Ela é criada basicamente por uma mistura de falta de conhecimento com preconceitos, temperada com algumas doses de preguiça em buscar fontes de informação confiáveis. Tudo isso amplificado pela cobertura deficiente que o tema em geral recebe da mídia – superficial e que oscila entre algo que soa como "curioso" em algumas pautas e que reproduz os mesmos estereótipos já presentes na sociedade.

São pessoas que adoram ir a um restaurante japonês, francês ou italiano, se gabam de terem sobrenome europeu e romantizam a trajetória de seus antepassados, mas, ao mesmo tempo, torcem o nariz quando cruzam com uma família boliviana no supermercado; acham que refugiado e fugitivo são sinônimos; sentem repulsa quando veem um imigrante de algum país africano trabalhando como ambulante; ou mesmo chegam ao disparate de ofender aquele que veio de outro país – o caso ocorrido recentemente contra um frentista haitiano em Canoas, no Rio Grande do Sul, é apenas um exemplo do que se repete Brasil afora. Embora tenham chegado ao Brasil em momentos diferentes, os imigrantes do passado também foram alvo de preconceito quando começaram a se estabelecer aqui. Por isso, soa cada vez mais incompreensível o preconceito contra imigrantes em uma sociedade que é basicamente constituída por eles e seus descendentes diretos ou indiretos.

A migração pode ser encarada como uma expressão global do direito de ir e vir. É considerada um direito humano (embora a maioria dos países não façam essa leitura), uma movimentação natural desempenhada pelos seres humanos desde os primórdios da história. E como algo que é feito desde antes das primeiras civilizações e pode ser considerado um direito humano é tão combatido pelos governos? Pode um ser humano ser "menos humano" ou mesmo "perder sua humanidade" só por que cruzou uma fronteira? Ou ainda, ser considerado "ilegal"? Não, nenhum ser humano deve ser considerado ilegal. O migrante não é um turista, não sai de um país para outro para fazer compras ou "selfies" em locais turísticos; quando decide partir, deseja buscar em outro lugar as oportunidades e desenvolvimentos que seriam muito mais limitados em sua terra natal.

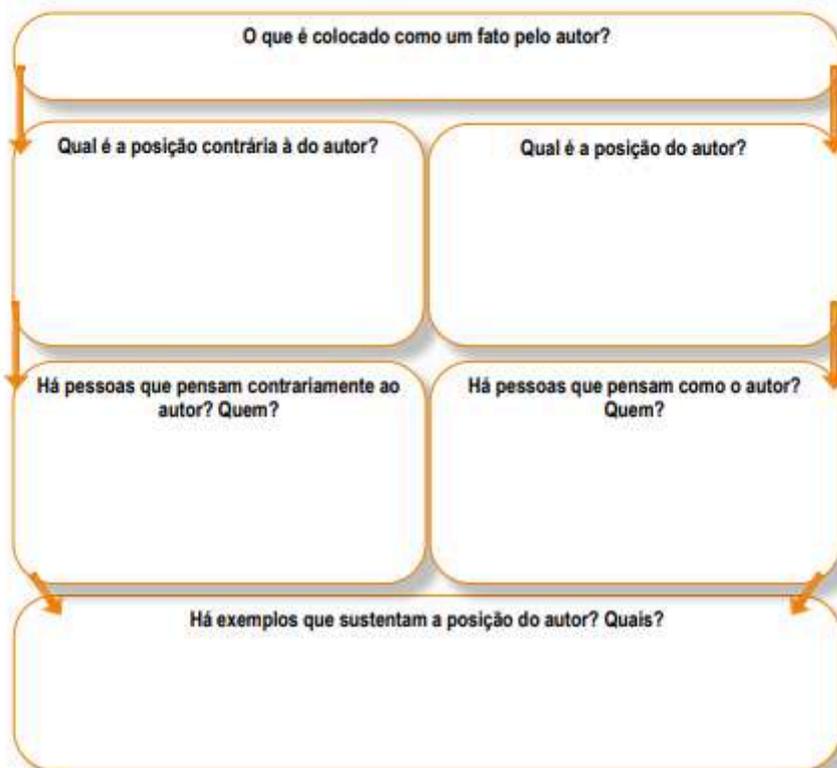
E isso implica uma série de renúncias, desafios e angústias para o indivíduo, que fica afastado de entes queridos, da cultura que forneceu os valores que carrega, do idioma que aprendeu na família e na escola. Além disso, ainda vive a incerteza se sua empreitada terá êxito – e caso não tenha, o que vai dizer em casa?

O caso fica ainda mais grave quando esse imigrante é, na verdade, um refugiado. Enquanto o migrante decide partir em busca de uma vida melhor, o refugiado simplesmente é obrigado a fugir para não ser violado ou morto por algum tipo de perseguição ou em um conflito armado. Ou seja, o refugiado não tem escolha: sua fuga nada tem a ver com a fuga de um criminoso, e migrar para ele é simplesmente uma questão de vida ou morte. Certamente, muitas das pessoas que julgam e apontam contra imigrantes e refugiados nunca pararam para se colocar no lugar deles – imaginar de onde vieram, como e por que chegaram ao Brasil, o que viveram no caminho para cá. Também devem ignorar o fato de que, em verdade, existem mais brasileiros morando fora do país (cerca 2,8 milhões, de acordo com o Itamaraty) do que imigrantes vivendo dentro do Brasil (em torno de 1,7 mi, segundo dados de outubro de 2014 do governo federal). E mais: os brasileiros que vivem no exterior também são os imigrantes nos países onde estão – e assim como os imigrantes daqui, também são alvo de preconceitos, ofensas e classificados por meio de estereótipos. Além disso, brasileiros no exterior e migrantes internacionais no Brasil partilham de outro problema: a falta de uma legislação digna e que preveja não somente deveres, mas também direitos para essa população.

Graças a décadas de mobilização da sociedade civil organizada, dos grupos de migrantes e de parte da área acadêmica, os últimos anos testemunharam iniciativas privadas e políticas públicas em todo o Brasil que contribuem para tentar preencher o vazio deixado por tantas décadas de descaso e abandono de gestões passadas do poder público. É pouco frente à demanda crescente no país, mas não deixam de representar uma luz no fim do túnel – e quanto maior o buraco pelo qual essa luz passa, melhor. Uma coisa precisa ficar clara: embora migrar seja um movimento natural, o ato de migrar está longe de ser uma decisão fácil – pode ser, inclusive, até a única saída para se evitar uma morte. Procurar colocar-se no lugar dessas pessoas é fundamental para superar estereótipos, jogar fora a venda que encobre os olhos e enxergá-las como elas realmente são: seres humanos como nós, merecedores de respeito e dignidade.

*Rodrigo Borges Delfim é jornalista e editor do site MigraMundo
Disponível em: <http://www.brasildelfato.com.br/node/32329>. Acesso em 18 fev. 2018.

- 3 O texto de Rodrigo Borges Delfim trata de um problema social que afeta o Brasil e o mundo há muito tempo, conforme pudemos observar nos títulos anteriores. Pensando nisso, responda às seguintes perguntas do quadro:



- 4 Analisando as respostas do diagrama, você deve ter observado que, no texto de Rodrigo Borges Delfim, há um posicionamento em relação ao fato ou tema tratado. Com ajuda de um dicionário impresso ou virtual, pesquise significados para as seguintes palavras, desde que se pareçam com a ideia de posicionamento empregada no texto lido:

Posicionar	
Posicionamento	

- 5 Agora, leia algumas definições de tipos textuais e, em seguida, marque o tipo textual que predominou no texto de Rodrigo Borges Delfim:

Narração: sequência textual em que se conta, de maneira escrita, oral ou por meio de diversas línguas, um acontecimento ou de uma série de acontecimentos (reais ou imaginários), mais ou menos sequenciados com personagens, tempo e espaço.
Descrição: sequência textual em que são descritos objetos, coisas, materiais, espaços, pessoas, animais etc.
Argumentação: sequência textual que consiste em construção estratégica de um ponto de vista ou uma tomada de posição, que recorre a experiências individuais ou coletivas, com o objetivo de persuadir/convencer/polemizar um fato social.

- 6 Retire, do texto, um trecho que comprove o que você marcou na opção anterior:

- 7 Por que o título do texto é “Imigração no Brasil: o medo infundado do outro”? Explique.

- 8 Releia o segundo parágrafo e, a seguir, os possíveis significados para a palavra esquizofrenia:

Esquizofrenia

Conjunto de transtornos do funcionamento cerebral que afetam as percepções, o pensamento, as emoções e o comportamento, caracterizados por vários sintomas, dentre eles delírios, alucinações, desorganização do pensamento, dificuldade na fala, redução da motivação e da afetividade e retraimento social, tornando o indivíduo incapaz de distinguir o real do imaginário. É de causa complexa e multifatorial, podendo levar o paciente à deterioração da personalidade.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esquizofrenia/>. Acesso em 18 fev. 2018.

- a) Por que o autor afirma que há uma "esquizofrenia que toma conta de parte da sociedade brasileira quando ouve falar ou pensa em opinar sobre imigração"? Explique com suas palavras.

- b) Ainda no segundo parágrafo, qual é o posicionamento do autor em relação ao tema imigração no Brasil?

- () O autor é favorável à imigração no Brasil, mas acredita que a mídia precisa ajudar no esclarecimento da população, com vistas a deter o processo imigratório que "assola" o país.
- () O autor é favorável à imigração no Brasil, mas defende que a busca por conhecimento é necessária para a população brasileira e, além disso, sugere que a mídia contribua, atuando para que o povo compreenda a condição real do imigrante, principalmente evitando a reprodução de preconceitos.
- () O autor é favorável, desde que a mídia também ajude na divulgação de informações relativas às pessoas com deficiência.
- () O autor é favorável, mas mantém certo medo com a imigração de pessoas com esquizofrenia.



TOME NOTA

Em textos argumentativos, como é o caso do artigo de opinião (escrito para circular na esfera jornalística), "um tema pode ser visto sob diferentes ângulos [...] e tratado do ponto de vista dos impactos na economia, na mudança dos hábitos da população etc. Como os pontos de vista podem ser tantos que fica difícil de administrá-los, o melhor mesmo é definir logo nas primeiras linhas qual vamos assumir no desenvolvimento do texto. Trata-se de uma boa estratégia para começar a argumentação."

ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villapa. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 161-162.

Um posicionamento também pode ser sinônimo de tese, ou seja, é aquilo que se defende em relação ao tema. Como foi dito, o ideal é que apareça logo nas primeiras linhas, sempre acompanhada de uma introdução que cumpra um papel de abrir ou apresentar as discussões iniciais do tema.

9 Em que parágrafo está a introdução do artigo de opinião de Rodrigo Borges Delfim?

	<p>Quem navega pelas redes sociais certamente já viu posts ou sites com frases alarmistas e apocalípticas dizendo que o Brasil "sofre uma invasão estrangeira" ou que "forasteiros vão roubar os empregos e as escolas de nossos filhos". Tudo isso, veja bem, em um país constituído basicamente por imigrantes.</p>
	<p>Esse é apenas um exemplo da esquizofrenia que toma conta de parte da sociedade brasileira quando ouve falar ou pensa em opinar sobre imigração. Ela é criada basicamente por uma mistura de falta de conhecimento com preconceitos, temperada com algumas doses de preguiça em buscar fontes de informação confiáveis. Tudo isso amplificado pela cobertura deficiente que o tema em geral recebe da mídia – superficial e que oscila entre algo que soa como "curioso" em algumas pautas e que reproduz os mesmos estereótipos já presentes na sociedade.</p>

10 Que estratégia Rodrigo Borges Delfim utilizou em sua introdução?

- () **Declaração:** trata-se de uma estratégia em que se afirma/declara algo "forte" sobre o tema.
- () **Definição:** trata-se de uma estratégia em que se define o que é o tema, com base em materiais de referências (dicionários, enciclopédias etc).
- () **Referência histórica:** trata-se de uma estratégia em que são apresentados fatos históricos ou linhas do tempo ligados ao tema.
- () **Citação direta:** trata-se de uma estratégia em que se reproduz literalmente a frase dita ou escrita por alguém, desde que esteja relacionada ao tema.
- () **Citação indireta:** trata-se de uma estratégia em que se reproduz, mas não literalmente, a frase dita ou escrita por alguém, podendo modificá-la ou ajustando parte dela, desde que esteja relacionada ao tema.
- () **Comparação:** trata-se de uma estratégia em que se compara o tema proposto e outros.
- () **Frases nominais:** trata-se de uma estratégia em que se inicia o texto com nomes (substantivos ou adjetivos) ou palavras que remetam ao tema que será discutido.

- 11 Com base no que discutimos até aqui, sobre introdução e posicionamento (tese) do artigo de opinião, preencha o quadro:

Qual é o tema principal do texto?	➔	INTRODUÇÃO
Qual é o posicionamento do autor em relação ao tema?		
<i>Estratégias possíveis: declaração, definição, referência histórica, citação direta, citação indireta, comparação, frases nominais.</i>		

- 12 Posicionar-se, no entanto, só passa a ter validade quando conseguimos sustentar os nossos posicionamentos por meio de argumentos. Argumentar é, portanto, uma tarefa diária que fazemos em nossas vidas. Para isso, recorremos ao argumento como um recurso de sustentação aos nossos posicionamentos, enquanto a argumentação é a estratégia que colocamos em prática para apresentar melhor um argumento. Sabendo disso, retome o quadro do posicionamento, já mencionado anteriormente, e – a partir dele – aponte em quais parágrafos estão os argumentos utilizados por Rodrigo Borges Delfim para sustentar seu posicionamento:

Posicionamento do autor em uma frase/oração:

O que sustenta o posicionamento do autor?

Há uma grande confusão entre o que é ser imigrante e o que é ser refugiado. Nesse sentido, desconsidera-se que muitos brasileiros também vivem nessa condição de imigrante em outro país, sofrendo, às vezes, os mesmos tipos de preconceitos e discriminação a que são submetidos os sujeitos que chegam ao Brasil.

Parágrafo?

- 3
 4
 5

A sociedade brasileira é construída a partir de um forte histórico de imigração, mas contraditoriamente não reconhece isso nos dias atuais e repete discriminação e preconceitos que foram direcionados aos seus antepassados.

Parágrafo?

- 3
 4
 5

A imigração é um direito humano, resguardado pela ideia de que - no mundo - as divisões políticas não poderiam atrapalhar o livre trânsito de pessoas. Além disso, imigrar é diferente de fazer viagens a turismo. Trata-se de uma decisão difícil e, para muitos, de vida ou morte.

Parágrafo?

- 3
 4
 5



TOME NOTA

Os argumentos, como dissemos, são recursos que sustentam posicionamentos em artigos de opinião ou outros textos argumentativos. Esse argumento também pode ser utilizado com base em algumas estratégias que nos ajudam a empregá-lo da melhor forma possível. Sabendo disso, preste atenção às principais estratégias empregadas para deixar o argumento mais eficaz:

	Autoridade: trata-se de uma estratégia em que se utiliza da opinião/fala de uma autoridade no assunto (médico, jornalista, pesquisador, profissional, alguém experiente etc.).
	Comparação: trata-se de uma estratégia em que se utiliza a comparação entre informações ou temas de assuntos parecidos ou diferentes.
	Raciocínio lógico: trata-se de uma estratégia em que se utilizam relações de causa e consequência. Assim, o argumento apresenta estratégias a partir de algo que causou um problema/fato e, a partir dele, quais consequências pode gerar.
	Comprovação: trata-se de uma estratégia em que se utilizam dados, estatísticas, percentuais, fatos divulgados na mídia ou que circulam na esfera jurídica (leis, artigos e afins) para sustentar o posicionamento do autor do texto.

13 Que estratégia argumentativa foi empregada, com maior recorrência, nos argumentos de cada um dos seguintes parágrafos?

a) Parágrafo 3

b) Parágrafo 4

c) Parágrafo 5

- 14 Como o autor finaliza o texto? Observe o parágrafo 6, compare algumas estratégias para conclusão (fechamento) do artigo de opinião e, em seguida, aponte o tipo de conclusão empregada por Rodrigo Delfim Borges:
- () **Conclusão-resumo:** trata-se de uma estratégia em que são retomados os aspectos principais do texto e, a partir disso, reforça-se o posicionamento explicitado nos parágrafos iniciais.
 - () **Conclusão-proposta:** trata-se de uma estratégia em que são apresentadas propostas de “solução” para o problema.
 - () **Conclusão-pergunta:** trata-se de uma estratégia em que se propõe uma pergunta (geralmente retórica) para o problema/tema discutido, suscitando novas discussões, reflexões ou proposições sobre o mesmo tema.
- 15 Você deve ter observado que, no artigo de opinião, a argumentação e os argumentos têm um espaço importante. Além disso, o posicionamento, explicitado no texto, é sempre do articulista (o autor do artigo de opinião). Embora o artigo circule em jornais, sites ou revistas (impressos ou digitais). Analise a minibiografia de Rodrigo, que se localiza ao final do texto:

Rodrigo Borges Delfim é jornalista e editor do site MigraMundo

- a) Qual relação há entre o tema tratado e a atuação profissional de Rodrigo? Explique.

- b) Rodrigo é um sujeito socialmente “autorizado” a escrever e a posicionar-se sobre o assunto? Por quê?

- c) Por que, em sua opinião, a minibiografia de Rodrigo é inserida ao final do artigo? Por que é relevante saber dessa informação pessoal/profissional do autor?

- 16 Há muitas possibilidades de leitura e análise de um artigo de opinião. Agora, faça um *check list* do que você viu, até agora, considerando o artigo lido:

- () Tem título?
- () Tem identificação do autor do artigo (articulista) e uma breve informação pessoal ou profissional dele?
- () Recorre a muitas sequências de texto do tipo narrativo?
- () Há uma breve introdução do tema?
- () O autor posiciona-se logo no início do artigo?
- () Há discussões e argumentações que sustentam o posicionamento?
- () A conclusão faz um resumo do tema, retomando o posicionamento inicial?
- () A conclusão propõe algo novo para o tema/problema discutido?
- () A conclusão abre outras possibilidades de análise e leitura por meio de uma pergunta?
- () O conteúdo abordado apresenta uma progressão, mas sem fugir do tema?
- () A temática discutida é relevante para a sociedade?
- () Há opção(ões) em que você não apontou um check? Qual(is)?

Anexo B - Artigo de opinião *A aurora da fronteira* e compilado das atividades (*Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens* de língua portuguesa do 8.º ano - pp. 132 a 138).

132

LÍNGUA PORTUGUESA

ATIVIDADE 3 – Para ficar fera: variações sobre o mesmo tema



RODA DE CONVERSA

Com ajuda do(a) professor(a), assista ao vídeo “A maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial” e, em seguida, discuta com os(as) colegas:



Link: https://www.youtube.com/watch?v=KfKfmCjzP_M

- O que é a crise humanitária a que o vídeo faz referência?
- Por que ela é comparada à Segunda Guerra Mundial?
- Como os dados e as informações apresentados se relacionam com o posicionamento e os argumentos apresentados por Rodrigo?
- Como essas informações têm sido divulgadas pelas mídias que vocês têm acesso?

- 1 Agora, buscando compreender um pouco sobre as discussões presentes no vídeo, leia o texto a seguir e, com ajuda do(a) professor(a), responda às questões:

Internacional

Opinião

A aurora da fronteira

por Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais — publicado 06/11/2015 05h16

Diante do drama dos imigrantes, lembremos Kant: ninguém tem mais direito do que outro a estar num determinado lugar da Terra

Por Carlos Enrique Ruiz Ferreira*

Falar em crise se tornou senso comum. Melhor seria mudar o discurso para uma reflexão propositiva a partir da categoria “mutações”. Neste sentido, qual a mutação que esperamos por parte dos Estados e dos indivíduos no que tange ao drama migratório?

Refugiados políticos, ambientais ou econômicos, a magnitude numérica e a relevância emocional da questão impõem uma *conditio sine qua non*¹ da agenda internacional. De acordo com os dados das Nações Unidas, contabilizamos 232 milhões de pessoas vivendo aquém de seus países de origem em 2013. Por outro lado, segundo o *The Washington Post*, foram erguidos 20 muros e barreiras entre estados entre 1945 e 2000. Desde o ano 2000, criamos mais 25, com o objetivo de impedir a livre circulação de pessoas, principalmente entre estados soberanos.



Foto: Alamy Collection / Shutterstock

1 Condição indispensável. Condição sem a qual não se faz tratado algum.

A União Europeia, *locus*² do berço do humanismo, promove os direitos humanos no mundo, mas, *pari passu*³, estabelece normativas e práticas políticas das mais agressivas com relação aos imigrantes. Filmes franceses como o *Welcome* e, recentemente, *Samba*, sabatinam a cultura francesa, desvelando uma espécie de esquizofrenia ocidental entre a hospitalidade e a hostilidade com relação ao estrangeiro. Para além da ficção, as manchetes internacionais rendem contas dos mais amargos fatos.

Em meio à contemporânea crise migratória na Europa, os indivíduos, os Estados e a União Europeia se repositionam. Mas afinal, quais são as causas do fenômeno? Múltiplas, de certo. Não obstante, o número de imigrantes que buscam um melhor trabalho, melhor condição de vida, adquire cada vez mais proeminência. Para os refugiados políticos e ambientais, as agências da ONU e os países avançam significativamente, mas para os “refugiados econômicos” a questão adquire características de um tabu.

As Nações Unidas e as grandes potências (os membros permanentes do Conselho de Segurança, por exemplo) aquiesceram em relativizar o princípio da Soberania *vis à vis* os Direitos Humanos na órbita das operações de paz (a partir da Responsabilidade de Proteger). Não obstante, no que tange às questões migratórias, seguem válidas as prerrogativas soberanas clássicas sobre o controle fronteiriço. Não há lugar, neste caso, para os direitos humanos; não há lugar para o que Kant chamou de direito à hospitalidade e direito de visita. Lembremos: para o filósofo de Königsberg, “originariamente ninguém tem mais direito do que outro a estar num determinado lugar da Terra”.

Torna-se imperativo avançar em concepções e debates que subsidiem padrões políticos e éticos. Afinal, trata-se de um desafio de grande envergadura do século XXI. A criação do “visto humanitário” no Brasil e o debate de uma nova Lei de Estrangeiros no país (em discussão no Congresso) denotam a possibilidade de incluir na agenda dos Estados conceitos como “solidariedade” e “hospitalidade”. Ainda, os recentes esforços da prefeitura e do estado de São Paulo com relação aos haitianos sugerem efetivas possibilidades de boas práticas.

Recordando a recente encíclica *Laudatio Si*⁴, por outro lado, nos instiga a pensar sobre os princípios que defendem que nós, os seres humanos, partilhemos de uma “casa comum”. Apesar das diferenças e do respeito às mesmas, fazemos parte de uma mesma coletividade, de uma fraternidade (de frater, que significa “irmão”). É tempo de resgatar lições simples – ao mesmo tempo antigas e urgentes – mas muitas vezes obliteradas, de que participamos de um coletivo chamado Humanidade e habitamos uma mesma morada, o planeta Terra.

²Carlos Enrique Ruiz Ferreira é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, pós-doutorando do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e membro do Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais/GR-RI
Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-gri/a-aurora-da-fronteira-1673.html>. Acesso em 18 fev. 2018.

² Lugar

³ Ao mesmo tempo

⁴ É uma encíclica do Papa Francisco, na qual o papa critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas.

- 2 O asterisco, constante após o nome de Carlos Enrique Ruiz, remete-nos para um hiperlink no final do texto. É possível verificarmos a explicitação de alguns de seus papéis sociais. Qual a função dessa descrição em um texto de opinião?
- Legitimar as ideias defendidas no texto a partir das ações que Ruiz desempenha na sociedade e nos setores aos quais ele está ligado.
 - Desnecessária, pois tal descrição apenas se faz presente para enlevar com o ego de Carlos Enrique.
 - Dar crédito à revista, que, afinal, contrata e mantém pessoas de alto nível em seu grupo de articulistas.
 - Colaborar para que o autor seja divulgado e, assim, receba mais dinheiro para assinar editoriais em nome da revista.
- 3 Qual o posicionamento defendido pelo articulista no texto?
- Acabar com as fronteiras geopolíticas e refazer os mapas.
 - Denunciar a imigração como algo indesejável para a sociedade moderna.
 - Mudar as ações que hoje são praticadas/impostas pelos Estados (países), no tocante à questão da imigração.
 - Propor novos significados para a palavra "mutação".
- 4 São propostas constantes na conclusão:
- A necessidade de produção de debates para a criação de padrões políticos e éticos para o mundo, principalmente quando tratarmos de assuntos ligados à imigração.
 - Ser solidário com os imigrantes, oferecendo-lhes dinheiro.
 - Enrijecimento de práticas que concedem vistos a imigrantes.
 - Debate de uma nova lei de estrangeiros.
 - É preciso resgatar uma lição simples que repense o planeta Terra como um lugar de seres humanos.
- Estão corretas as afirmações:
- I, II e V.
 - I, II, III, IV e V.
 - I, IV e III.
 - I, IV e V.

- 5 No desenvolvimento do texto, é possível identificar alguns processos argumentativos importantes para a defesa de uma tese. Em qual(is) do(s) parágrafo(s), a presença da comprovação por meio de dados e estatística é observada?
- 2º parágrafo apenas.
 - 2º e 3º parágrafos.
 - 4º parágrafo.
 - 6º parágrafo.
- 6 Um dos argumentos utilizados pelo autor para defender seu posicionamento em relação ao tema se dá em função de uma construção que trabalha com contrariedades. Escolha o trecho em que a contrariedade aparece:
- “Em meio à contemporânea crise migratória na Europa, os indivíduos, os Estados e a União Europeia se repositionam.”
 - “A União Europeia, lócus do berço do humanismo, promove os direitos humanos no mundo, mas, *pari passu*, estabelece normativas e práticas políticas das mais agressivas com relação aos imigrantes”.
 - “Não há lugar, neste caso, para os direitos humanos; não há lugar para o que Kant chamou de direito à hospitalidade e direito de visita”.
 - “Mas afinal, quais são as causas do fenômeno? Múltiplas, de certo”.
- 7 Compare os dois artigos lidos até aqui e complete o quadro a seguir:

	Artigo 1	Artigo 2
Autor		
Função social do autor		
Imagem que o autor tem do(a) leitor(a)		
Tema / assunto		
Locais e/ou veículos onde o texto possivelmente circula		

Momento de produção do artigo. Que problemas o Brasil e mundo vivenciavam?		
Posicionamento		
Argumento 1		
Argumento 2		
Argumento 3		
Conclusão		

a) Em sua opinião, qual argumento sustenta melhor o posicionamento do articulista? Por quê?

- b) Que outros argumentos você utilizaria para sustentar o posicionamento de cada um dos articulistas:

Rodrigo Borges Delfim	Carlos Enrique Ruiz Ferreira																
Argumento sugerido:	Argumento sugerido:																
Estratégia argumentativa a ser empregada: <table border="1" data-bbox="443 741 671 1155"> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> </table>									Estratégia argumentativa a ser empregada: <table border="1" data-bbox="959 748 1187 1162"> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> </table>								
																	
																	
																	
																	
																	
																	
																	
																	

- 8) Leia o texto a seguir e, depois, responda às perguntas:

Não à criminalização do outro

Publicado em janeiro 14, 2015 por Rodrigo Borges Delfim

A reflexão abaixo, feita pelo Pe. Alfredo J. Gonçalves e reproduzida pelo MigraMundo, parte dos atentados ocorridos no último dia 7 na França. Mas a mensagem vai além não só dos tristes e sangrentos episódios de Paris, mas também das consequências nocivas que o extremismo provoca nas sociedades.

por Pe. Alfredo J. Gonçalves

Anexo C - Artigo de opinião *Não a criminalização do outro* e compilado das atividades (*Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens* de língua portuguesa do 8.º ano - pp. 138 a 143).

b) Que outros argumentos você utilizaria para sustentar o posicionamento de cada um dos articulistas:

Rodrigo Borges Delfim	Carlos Enrique Ruiz Ferreira
Argumento sugerido:	Argumento sugerido:
Estratégia argumentativa a ser empregada:	Estratégia argumentativa a ser empregada:

8) Leia o texto a seguir e, depois, responda às perguntas:

Não à criminalização do outro

Publicado em janeiro 14, 2015 por Rodrigo Borges Delfim

A reflexão abaixo, feita pelo Pe. Alfredo J. Gonçalves e reproduzida pelo MigraMundo, parte dos atentados ocorridos no último dia 7 na França. Mas a mensagem vai além não só dos tristes e sangrentos episódios de Paris, mas também das consequências nocivas que o extremismo provoca nas sociedades.

por Pe. Alfredo J. Gonçalves

O massacre de Charles Hebdo, em Paris, no dia 7 de janeiro de 2015, em que foram barbaramente assassinadas 12 pessoas – uma vez mais – coloca lado a lado as figuras do terrorista, do muçulmano e do migrante. Ingênua, desinformada ou cúmplice, a mídia e a opinião pública muitas vezes mesclam terrorismo, religião e migração. Daí se passa facilmente à criminalização tanto do islamismo quanto dos deslocamentos humanos de massa. Os fantasmas que há anos rondam a política externa e a segurança interna tornam-se mais vivos e ameaçadores do que nunca. Em praticamente todos os países europeus (e não só), eleva-se o alarme ao nível máximo.

Resulta evidente a necessidade de distinguir, de um lado, a prática de uma religião baseada nos princípios de determinado livro (Bíblia, Torá, Alcorão – ligados respectivamente ao cristianismo, ao judaísmo/hebraísmo e ao islamismo) e, de outro lado, o cego fanatismo aparentemente vinculado aos mesmos princípios religiosos. Bem sabemos como, no decorrer da história das religiões, a cegueira fundamentalista levou tantos inocentes à fogueira e à inquisição, bem como disseminou as “guerras santas”, semeando cadáveres por toda parte.

Todo e qualquer regime totalitário, seja ele de caráter político, ideológico ou religioso, tende à perseguição, à violência e até mesmo à eliminação pura e simples no confronto com os opositores. Que o digam as cruzadas, o patíbulo, a guilhotina, o paredão de fuzilamento, as câmeras de gás do holocausto, sem falar da famigerada prática da tortura. No caso do totalitarismo de ordem religiosa e/ou étnica, porém, o conflito pode ganhar cores mais sombrias, uma vez que entra em cena o jogo da verdade-falsidade e o nome de Deus.

Nos últimos tempos, especialmente a partir dos atentados ao World Trade Center, nos Estados Unidos, em setembro de 2001, os migrantes e as migrações passam a fazer parte do mesmo cenário. Confundidos não poucas vezes com os terroristas, os quais, por sua vez, se escondem atrás de uma roupagem religiosa, migrantes, refugiados, prófugos e deslocados acabam “pagando o pato”. Como se não bastasse, a esse quadro mistura-se ainda o ingrediente do crime organizado, com destaque para o tráfico de drogas, armas e seres humanos. O fato é que, nessa atmosfera de medo e desinformação, o controle e a vigilância nas fronteiras torna-se cada vez mais rígido, de modo particular quando estão em jogo determinados povos e nações.

Repórteres, microfones, câmeras e holofotes disputam o bombardeio de imagens e palavras. Sob o impacto de semelhante avalanche de sensações – mais do que de informações – não é fácil fazer um juízo crítico dos fatos e boatos que desfilam no palco. Palco porque o “espetáculo” parece substituir o jornalismo sério, responsável e objetivo. Efetivamente, quando a informação sofre um processo de “espetacularização”, com frequência desencadeia, nos indivíduos e nas multidões, paixão, rancor, ódio e sobretudo desejo de vingança. O que, entre outros fatores, explica a reação contra mesquitas e/ou pessoas estrangeiras.

Desnecessário enfatizar que o caminho do terrorismo só faz crescer a espiral da violência. E esta cresce igualmente quando se entra no mesmo jogo do "olho por olho, dente por dente". Mas esse inimigo comum de toda humanidade, hoje cada vez mais perigoso e audaz, deve ser desvinculado seja da esperança e do sonho de quem cruza as fronteiras do próprio país em busca de um futuro menos amargo, seja de quem procura, através da religião, um sentido para a vida e um empenho por um convívio pacífico. Tal espiral de violência não pode inibir o intercâmbio de povos, cultas e valores, no coração dos quais germinam as sementes da paz mundial.

Roma, 9 de janeiro de 2015

Disponível em: <https://migramundo.wordpress.com/2015/01/14/opiniao-nao-a-criminalizacao-do-outro/>. Acesso em 18 fev. 2018.

9 No artigo, o padre Gonçalves inicia sua introdução (1º parágrafo) recuperando um fato da sociedade francesa, mas que chamou a atenção do mundo inteiro.

a) Que fato é esse? O que você sabe a respeito?

b) Como o Padre Gonçalves se posiciona em relação ao tema? Explique.

10 No segundo parágrafo, o autor inicia seu processo de argumentação. Ele lança mão de qual estratégia argumentativa?

- () Causa e Consequência.
() Ilustração ou Exemplo.
() Comprovação.
() Comparação.

11 Explique por que a opção acima escolhida está correta:

12 Relacione a coluna A com a B:

A	B
(1) A comparação consiste em uma das estratégias empregadas para se comparar termos, mais ou menos, equivalentes no processo argumentativo.	() "Que o digam as cruzadas, o patíbulo, a guilhotina, o paredão de fuzilamento, as câmeras de gás do holocausto, sem falar da famigerada prática da tortura".
(2) Causa e consequência é uma das estratégias argumentativas que constrói ambivalência entre os termos unidos, às vezes, por um mesmo início ou fim.	() "Nos últimos tempos, especialmente a partir dos atentados ao World Trade Center, nos Estados Unidos, em setembro de 2001, os migrantes e as migrações passam a fazer parte do mesmo cenário."
(3) Exemplo ou ilustração é, com base em um fato, sustentar determinada posição em relação a um assunto polêmico.	() "Todo e qualquer regime totalitário, seja ele de caráter político, ideológico ou religioso, tenda à perseguição, à violência e até mesmo à eliminação pura e simples no confronto com os opositores".

13 Explique, com suas palavras, por que, de acordo com o texto, a mídia que espetaculariza tudo pode ser um problema para a discussão que o mundo faz a respeito da imigração:

"Efetivamente, quando a informação sofre um processo de "espetacularização", com frequência desencadeia, nos indivíduos e nas multidões, paixão, rancor, ódio e sobretudo desejo de vingança".

- 14 Observe o título da notícia e a foto:

08/05/2015 18h34 - Atualizado em 18/08/2015 14h19

Em vídeo, cinegrafista de TV húngara chuta e passa rasteira em imigrantes

Repórter cinematográfica foi demitida, segundo o canal.



Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/video-mostra-reporter-hungara-chutando-e-dando-rasteira-em-refugiados.html>. Acesso em 18 fev. 2018.

- a) Ao observar o título da notícia e a foto, como você se posicionaria diante do seguinte tema:

Mídia, responsabilidade ética e imigração

Escreva e justifique o seu posicionamento com base em tudo o que estudamos até aqui:



RODA DE CONVERSA

Apresente seu posicionamento aos(as) colegas de classe e discutam:

- a) Quais desafios os imigrantes e refugiados enfrentam:
- no mundo?
 - no Brasil?
 - no Estado de São Paulo?
 - na Cidade de São Paulo?
 - em sua escola?

ATIVIDADE 4 – Imigração e refúgio na cidade de São Paulo e na minha escola: precisamos falar sobre isso!

Até agora, você viu que, ao falarmos de imigrantes e de refugiados, os desafios são muitos e não estão distantes de nós, especialmente se considerarmos os jovens que sonham com um mundo melhor, ou seja, com mais igualdade de direitos e oportunidades. Quando tratamos de imigração e de refúgio, os dilemas e os posicionamentos, que lemos até agora, também estão bem próximos de nossa realidade.



RODA DE CONVERSA

Com ajuda do(a) professor(a), assista ao minidocumentário “Migração como direito humano: Rompendo o vínculo com o trabalho escravo”, produzido pela ONG “Escravo, nem pensar!”. Em seguida, discutam:

Link para assistir: https://www.youtube.com/watch?v=_26Wdm3XzCg



Anexo D - Artigo de opinião *A ilusão das redes sociais* e compilado das atividades (*Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens* de língua portuguesa do 9.º ano - pp. 176 a 192).

LÍNGUA PORTUGUESA

UNIDADE 4

O artigo de opinião em rede: (des)informação, redes sociais e o pensamento crítico

OBJETIVOS DA UNIDADE

Ao final deste estudo, você aprenderá a:

- atrelar a problemática das redes sociais como elemento de criticidade.
- caracterizar o gênero artigo de opinião e sua relação com a função de opinião pública inerente aos jornais e outros meios de comunicação.
- debater sobre a inclusão digital, marco civil da internet e o uso de *selfies* em nosso dia a dia.
- proporcionar formas de entendimento, por meio da linguagem, de como as "*fake news*" e a "pós-verdade" contribuem para a construção de opiniões e posicionamentos.
- contrastar os gêneros artigo de divulgação científica e artigo de opinião.
- produzir um artigo de opinião.



Vamos falar sobre as redes sociais e a nossa vivência como internauta. Passearemos por conceitos iniciais da sociologia para analisarmos como está organizada nossa sociedade. Então, retomaremos o gênero artigo de opinião, uma vez que esse texto está inserido diariamente em grandes jornais e revistas, tanto nos veículos impressos quanto nos digitais.

Nesse contexto, tomaremos o texto argumentativo como forma de explorar e expressar a criticidade em relação a termos característicos da pós-modernidade, tais como: a questão das “selfies”, das “fake news” e da “pós-verdade”.

Nossa, adentrar em um universo que se confunde entre “real e virtual” demanda muita leitura, organização do pensamento e produção de texto! Discuta com colegas e professor(a):

- Você conhece algo sobre *fake news*?
- Certamente, você já fez muitas *selfies*. Qual a relação desses autorretratos com a nossa vida virtual?
- Como você se posiciona diante de notícias que circulam na internet?

ATIVIDADE 1 – Sociedade, interação e redes sociais

- 1 Leia, juntamente com o(a) professor(a), o texto a seguir:

A ilusão das redes sociais

por Dulce Critelli

É indiscutível o importante papel que as redes sociais desempenham hoje nos rumos de nossa vida política e privada. São indiscutíveis também os avanços que introduziram nas comunicações, favorecendo o reencontro e a aproximação entre as pessoas e, se forem redes profissionais, facilitando a visibilidade e a circulação de pessoas e produtos no mercado de trabalho.

A velocidade com que elas veiculam notícias, a extensão territorial alcançada e a imensa quantidade de pessoas que atingem simultaneamente não eram presumíveis cerca de uma década atrás, nem mesmo pelos seus criadores. Temos sido testemunhas, e também alvo, do seu poder de convocação e mobilização, assim como da sua eficiência em estabelecer interesses comuns rapidamente, a ponto de atuarem como disparadoras das várias manifestações e movimentos populares em todo o mundo atual.

Dessa forma, não podemos sequer supor que elas tragam somente meras mudanças de costumes, porque seu peso, associado ao desenvolvimento da informática, é semelhante à introdução da imprensa, da máquina a vapor ou da industrialização na dinâmica do nosso mundo. As redes sociais provocam mudanças de fundo no modo como as nossas relações ocorrem, intervindo significativamente no nosso comportamento social e político. Isso merece a nossa atenção, pois acredito que uma característica das redes sociais é, por mais contraditório que pareça, a implantação do isolamento como padrão para as relações humanas.

Ao fazermos parte das redes sociais, acreditamos ter muitos amigos à nossa volta, sermos populares, estarmos ligados a todos os acontecimentos e participar efetivamente de tudo. Isso é uma verdade, mas também uma ilusão, porque essas conexões são superficiais e instáveis. Os contatos se formam e se desfazem com imensa rapidez; os vínculos estabelecidos são voláteis e atrelados a interesses momentâneos. Além disso, as relações cultivadas nas redes sociais se baseiam na virtualidade, portanto, no distanciamento físico entre as pessoas. Isso nos permite, com facilidade, entrar em contato com as pessoas e afastá-las quando bem quisermos. Tal virtualidade garante comunicação sem intimidade.

O que aconteceria conosco se não precisássemos mais da proximidade física de uns com os outros? O que morreria em nós, se essa proximidade deixasse de acontecer? Quando Hannah Arendt, pensadora contemporânea da política, analisou os totalitarismos do século passado, apontou para a possibilidade desses sistemas tornarem os homens supérfluos. Para tanto, entre

outros expedientes, manteriam as pessoas isoladas umas das outras. Separavam-nas de seus familiares, de suas comunidades, inclusive das pessoas com quem coabitavam nos galpões dos campos de concentração, instaurando entre elas a suspeita e o medo de delações. Isolavam classes sociais, promovendo contendas e animosidades entre elas. Isolavam as pessoas do seu próprio eu, exaurindo-as com trabalho e mantendo-as doentes e famintas. O isolamento torna os indivíduos manipuláveis e controláveis, como coisas. Os sistemas totalitários sabem muito bem que, isolados, os homens perdem a capacidade de se expor e de agir.

Na nossa atualidade, o isolamento tem um perfil diferente, porque é mais voltado para a intensificação do individualismo, cujos interesses afastam-se a cada vez mais das questões sociais. As recentes manifestações populares, embora devam sua ocorrência às redes sociais, mantêm o caráter do individualismo e do isolamento, pois os participantes não criam vínculos entre si. Expressam suas opiniões, caminham juntos, mas é só isso.

Arendt tem por pressuposto de suas análises a condição humana da pluralidade, ou seja, o fato de vivermos entre homens e jamais chegarmos a ser nem um ser humano, quando longe da companhia dos outros. Os outros, tanto quanto o ambiente em que vivemos, nos constituem, daí que, se o distanciamento interpessoal for se estabelecendo como nova condição de existência, nossa própria humanidade poderá sofrer o impacto de uma mutação.

Os próprios equipamentos para acesso às redes, que estão conosco o tempo todo e exercem intenso fascínio sobre nós, corroboram com esse isolamento. Talvez as aulas passem a ficar chatas, sobretudo as de Filosofia. Nelas, não se pode pular de um assunto para outro, nem entrar em contato com múltiplas informações ao mesmo tempo, como se faz nas telas do computador, nem ficar livre de esforços do pensamento com análises e reflexões.

O outro parece importar, mas, de fato, não importa. Importam apenas a própria posição e a autoexposição. Daí a constante informação sobre as viagens, os pensamentos, as emoções e, as atividades de alguém. É preciso estar em cena e sempre. Há nisso um evidente desenvolvimento do narcisismo e, conseqüentemente, do reforço do distanciamento entre as pessoas.

Faz parte desse narcisismo o fato de as pessoas terem de tratar a si mesmas como se fossem mercadorias. Em alguns de seus escritos, Zygmunt Bauman tem apontado para a necessidade das pessoas, sobretudo dos jovens, de se ocuparem sobremaneira com sua imagem nas redes sociais. Elas precisam escolher as fotos que melhor as apresentem, que as tornem atraentes e desejáveis.

Meu propósito, aqui, foi apenas o de levantar dados para uma reflexão. Mas quero acentuar que essas tendências das redes sociais – a virtualidade, o distanciamento, a superficialidade, a superfluidade do ser humano, a exposição narcísica, a ilusão de intimidade e popularidade, a “falação” e a “avidéz de novidades”... – constituem o padrão de isolamento das relações pessoais. E quanto mais isolados, mais ficamos à mercê de controles e manipulações. Cada vez mais ameaçados na autoria do nosso destino pessoal e político.

Adaptado de: disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/a-ilusao-das-redes-sociais/>. Acesso em 18 fev. 2018.

- 2 Qual é o posicionamento (tese) da autora, apontado no 1º parágrafo do artigo?

- 3 O 2º parágrafo do artigo de opinião foi destinado para a justificativa da tese, ou seja, visa apontar ao(à) leitor(a) qual é a relevância social daquele posicionamento. De que trata esse 2º parágrafo?



TOME NOTA

Sociedade é o que nomeamos como resultado do processo de transformação do homem, do seu compartilhamento de valores culturais, éticos e morais, visando a uma boa organização coletiva. Nesse aspecto, a construção da identidade de um povo está intrinsecamente associada ao seu desenvolvimento histórico, político e tecnológico, formando, assim, um organismo social. Sob essa ótica, vale ressaltar que, desde o século XIX, o estudo da sociedade foi estruturado como ciência, ou seja, a sociologia. Desse modo, é de suma importância perceber como os sociólogos apresentam respectivos estudos e pesquisas em torno do conceito de sociedade. Vamos “saber mais” sobre essa ciência tão importante para a compreensão das ações do homem. Os pais da sociologia também buscaram entender o que caracteriza uma sociedade. Veja:

Mas... o que é sociedade?



1. Agrupamento de seres que convivem em estado colaborativo;
2. Grupo humano que habita em certo período de tempo e espaço.

ETIMOLOGIA DA PALAVRA: SOCIOLOGIA

Em latim: **SÓCIUS = ASSOCIAÇÃO**

Em grego: **LOGUS = ESTUDOS**

ESTUDO DAS
SOCIEDADES



Auguste Comte

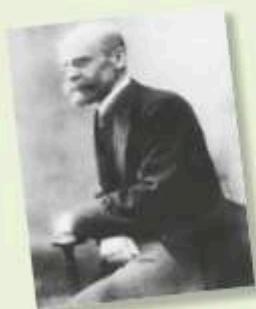
“...trata-se da ordem e da organização do grupo, visando ao progresso científico...”

COMTE, A. *Introduction to positive philosophy*, Hackitt, 1988, p.92

Max Weber

“...É o resultado de várias interações entre indivíduos, apontando um objetivo para cada ação coletiva.”

WEBER, M. *Economia e sociedade*: Fondo de cultura, 1942, p.36



Émile Durkheim

“...Um corpo em funcionamento no qual todos tem sua função e com a realização das ações individuais o todo é concretizado.”

Paulo: Martins, p.97.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São

- 4 Escreva o argumento e sua respectiva argumentação que constam no 5º parágrafo do texto:

- 5 Qual é o paralelo traçado pela autora do texto entre os dias atuais e as ideias da pensadora Hanna Arendt? Você concorda com a posição da articulista?



PARA SABER MAIS



Imagem: Wikipédia Commons / Arquivo: Arquivo

Alemã, de origem judaica, Hannah Arendt foi uma das mais importantes filósofas do século XX. Seu pensamento filosófico sobre a política, o totalitarismo, a responsabilidade, a verdade, continuam a dialogar com o pensamento e questões contemporâneas.

Disponível em: <http://www.hannaharendt.org.br/>. Acesso em 18 fev. 2018.

Zygmunt Bauman cumpre aqui sua missão de sociólogo, esclarecendo como a modernidade imediata é “leve”, “líquida”, “fluida” e infinitamente mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou. A passagem de uma a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. Zygmunt Bauman esclarece como se deu essa transição e nos auxilia a repensar os conceitos e esquemas cognitivos usados para descrever a experiência individual humana e sua história conjunta.

Modernidade líquida complementa e conclui a análise realizada pelo autor em *Globalização: as consequências humanas* e *Em busca da política*. Juntos, esses três volumes formam uma análise brilhante das condições cambiantes da vida social e política.



Disponível em <https://zahar.com.br/livro/modernidade-liquida>. Acesso em 18 fev. 2018.

- 6 Qual reflexão, inserida na conclusão do artigo, que a autora deixa para os(as) leitores(as)? Explique com suas palavras.

- 7 No que diz respeito à era da informação, em que a obra de Bauman se relaciona com as ideias de fluidez e informação nos dias de hoje? Por quê?

ATIVIDADE 2 – Mas o que é mesmo um artigo de opinião?



RODA DE CONVERSA

Converse com os(as) colegas e professor(a):

- Onde circulam os artigos de opinião?
- Por que eles são escritos?
- Para quem eles são escritos?
- Que função social esse texto cumpre? Explique.
- Pensando que o jornal é, de alguma forma, aquele que constrói uma opinião pública, que papéis sociais exercem aqueles que escrevem artigos de opinião?
- O que caracteriza um artigo de opinião?
- Que características principais de um artigo de opinião você apontaria?

- 1 Leiam a seção TOME NOTA!, juntamente com um(a) colega, destaquem as partes mais importantes e, em seguida, discutam, com o(a) professor(a) o que vocês entendem por artigo de opinião.



TOME NOTA

O gênero artigo de opinião, encontrado em revistas e jornais, retrata o posicionamento de um(a) articulista – autor(a) do texto – sobre um assunto de relevância social. Para tanto, ele(a) lança mão de estratégias argumentativas.

- Título do texto, geralmente, polêmico ou provocador.
- Exposição de uma ideia ou ponto de vista sobre determinado assunto de relevância para a sociedade.
- Apresentam-se em três partes: exposição, interpretação e opinião. Possui um parágrafo introdutório, no qual os elementos principais são apresentados. O desenvolvimento, em que são expostos os argumentos em defesa de um ponto de vista a ser defendido e na conclusão ocorre o fechamento das ideias discutidas ao longo do texto.
- Induz uma reflexão para o(a) leitor(a).
- Predominância dos verbos no tempo presente.
- Utilização de linguagem objetiva (3ª pessoa) ou subjetiva (1ª pessoa do plural).
- A linguagem tende para o informal.

2 Retorne ao artigo "A ilusão das redes sociais", de Dulci Critelli e identifique o que se pede:

Que assunto de relevância social é apresentado no artigo?	
Qual a tese ou posicionamento é defendido(a) pela autora?	

A linguagem empregada é mais objetiva ou subjetiva? Por quê?	
Cite um argumento que sustenta a tese defendida pela autora.	

Observe o diagrama a seguir e, depois, leia o texto. Converse com o(a) professor(a) sobre outras características e usos do artigo de opinião:





RODA DE CONVERSA

Discuta com o(a) professor(a) e colegas:

- Você sabe o que é argumento?
- Qual a diferença entre argumento e opinião?
- O que é posicionamento?
- Em que medida, saber argumentar é importante para a vida em sociedade?
- Argumentar e convencer têm o mesmo significado?

Argumentação

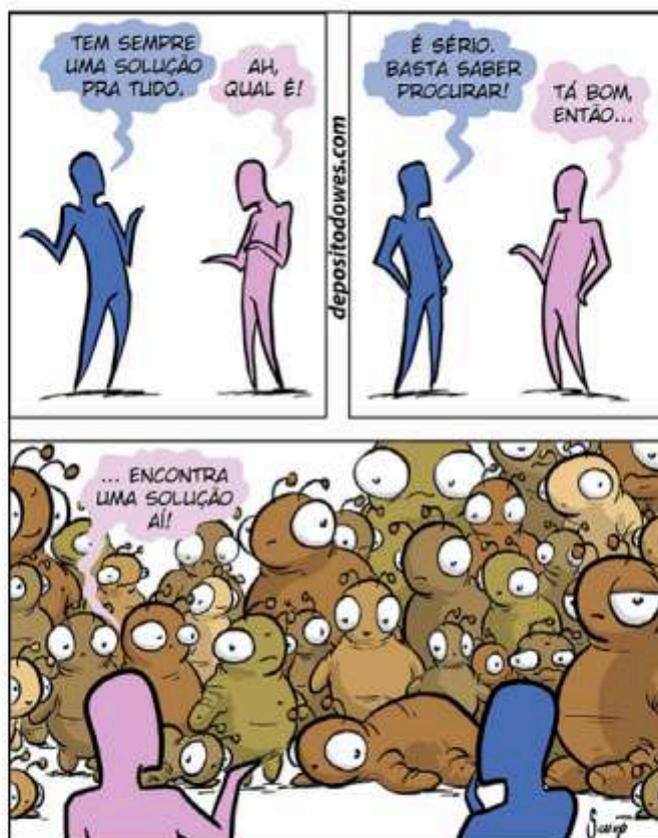
Ativar os conhecimentos prévios da situação-problema.

Refletir sobre as várias possibilidades e sobre os vários pontos de vista possíveis.

Selecionar e organizar, de preferência em um rascunho, os vários argumentos ligados aos pontos de vista.

Escolher os argumentos, entre os vários selecionados, para compor a tese (o posicionamento de seu texto, a espinha dorsal).

- 3 Argumentar é uma atividade diária, que fazemos constantemente em nossas relações com o outro. Por isso, não é uma exclusividade dos artigos de opinião. Leia a tira de Wesley Samp e, em seguida, responda às perguntas:



- a) O que falta para as personagens da tira encontrarem a solução?

- b) A solução para os problemas parece ser a preocupação das personagens. No entanto, a proposta de uma solução para quaisquer desses problemas passa, obrigatoriamente, por uma defesa sólida de um ponto de vista. Escolha um problema que você tem observado em nosso país e, em seguida, apresente um argumento e uma proposta de solução.

Problema		
Argumento		
Proposta de solução		

- 4 Argumentar, no entanto, requer estratégias. Para defender um posicionamento, há vários modos de interagir com o outro. Especialmente, quando tratamos de posicionamentos e, por consequência, de argumentação. Na era da internet, vemos que – nem sempre – a preocupação com os valores éticos tem sido privilegiada nas interações reais e, sobretudo, virtuais. Leia a tira de Wesley Samp, cujo título é “Os levados da breca no 875 – do outro lado”:



Disponível em: <http://depositodowes.com/>. Acesso em 18 fev. 2018.

- a) Você acredita que alguns posicionamentos podem ser sustentados por preconceito, ódio e desrespeito? Por quê?

- b) Como evitar que nossos posicionamentos sejam sustentados por ódio, preconceito e desrespeito? Explique.



TOME NOTA

Argumentar é uma arte, diriam alguns filósofos da antiguidade...

O argumento pode ser comparado à linha que forma um tecido. Nesse sentido, a argumentação, isto é, estratégia empregada à atividade de argumentar que dá forma ao "tecido". Assim sendo, não basta posicionar-se em relação a algo ou a alguém. É preciso defender esse posicionamento por meio de argumentos. No entanto, há várias maneiras de traduzir esse argumento para o(a) nosso(a) interlocutor(a). Observe, a seguir, algumas estratégias possíveis de argumentação:



AUTORIDADE: trata-se de uma estratégia em que se utiliza da opinião/fala de uma autoridade no assunto (médico, jornalista, pesquisador, profissional, alguém experiente etc.).

COMPARAÇÃO: trata-se de uma estratégia em que se utiliza a comparação entre informações ou temas de assuntos parecidos ou diferentes.

RACIOCÍNIO LÓGICO: trata-se de uma estratégia em que se utilizam relações de causa e consequência. Assim, o argumento apresenta estratégias a partir de algo que causou um problema/fato e, a partir dele, quais consequências pode gerar.

COMPROVAÇÃO: trata-se de uma estratégia em que se utilizam dados, estatísticas, percentuais, fatos divulgados na mídia ou que circulam na esfera jurídica (leis, artigos e afins) para sustentar o posicionamento do autor do texto.



LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO DIGITAL

Pesquise, em alguns sites, as seguintes estratégias argumentativas e, depois, faça anotações das explicações que você encontrou:

Exemplificação	
Analogia	
Argumentação de competência linguística	

- 5 Escolha, no texto de Dulci Critelli, um argumento e diga qual estratégia argumentativa foi empregada:

Argumento	Estratégia empregada

Anexo E - Artigo de opinião Redes sociais sempre existiram e compilado das atividades (Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens de língua portuguesa do 9.º ano - pp. 195 a 199).

d) Qual seu posicionamento em relação aos temas “inclusão digital” e “mundo conectado”?

2 Leia, silenciosamente, o artigo a seguir:

Redes Sociais sempre existiram



Jakson F. de Alencar

Atualmente, fala-se muito em redes sociais. Elas se tornaram espécie de vedetes da área da comunicação. É verdade que as redes estão transformando a comunicação social, as formas das pessoas se comunicarem. Antes, tínhamos canais de massa que se dirigiam a audiências enormes. Agora, cada vez mais, essas audiências diminuem. Tínhamos a comunicação de poucos para muitos, hoje, tende a aumentar a comunicação de muitos para muitos, com grupos menores ou comunidades que interagem. Multiplicam-se as possibilidades de comunicação e as pessoas conectadas via Internet são ao mesmo tempo emissoras e receptoras.

Entretanto, não nos esqueçamos de que redes sociais sempre existiram. As sociedades sempre viveram em rede, ou em redes. Ao longo da vida e da história, as pessoas têm feito parte de várias redes: família, trabalho, grupo de amigos, associações de várias espécies, comunidades. Com o advento da Internet aumentaram as facilidades para constituírem-se redes, as possibilidades e a capacidade de as redes ultrapassarem os limites de espaço e tempo.

Dessa forma, as redes sociais não surgiram ou foram inventadas agora. O que surgiram foram as redes sociais mediadas por computadores e outros dispositivos. O avanço tecnológico proporcionou um aumento exponencial do efeito de rede, modelando a sociedade atual. As novas tecnologias da comunicação permitem a formação de redes informais e comunidades de aprendizagem, troca de ideias, entretenimento, cuja afinidade é o encontro num ambiente virtual. Da mesma maneira, as afinidades existentes ou geradas podem proporcionar a formação de redes porque o encontro de interesses semelhantes leva à procura dos meios de comunicação adequados.

Logo, com as possibilidades de comunicação da Internet, as pessoas não querem mais apenas receber conteúdo, mas querem também participar; acrescentar seus comentários ao que é comunicado e postar também suas próprias mensagens, vídeos, fotos. Rejeita-se, cada vez, a posição de receptor passivo. As pessoas tendem a participar e interagir. A comunicação vai se tornando mais horizontal e diminui a verticalidade da comunicação de massa em que alguns poucos meios tinham mais poder de definição sobre os conteúdos.

Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/colunista/jakson-ferreira/redes-sociais-sempre-existiram.html#.WtdCxy7wYdU>. Acesso em 18 fev. 2018.

3 Qual é o posicionamento defendido pelo articulista?

4 Que argumento sustenta esse posicionamento? Transcreva-o abaixo:

5 A forma como o articulista finaliza o texto é mais reflexiva ou propositiva? Por quê?

6 Todos os textos, como bem sabemos, apresentam início, meio e fim. No caso específico do artigo de opinião, é necessário que o(a) articulista evidencie: a introdução, o desenvolvimento (apresentação de argumentos por meio de estratégias argumentativas) e uma conclusão (que pode ser por meio de uma reflexão ou de uma proposição, por exemplo). Identifique, no artigo de Jackson F. de Alencar, cada uma dessas partes a partir da organização que ele fez dos parágrafos:

Introdução – desenvolvimento – conclusão	
Partes	Parágrafos
	Atualmente, fala-se muito em redes sociais. Elas se tornaram espécie de vedetes da área da comunicação. É verdade que as redes estão transformando a comunicação social, as formas das pessoas se comunicarem. Antes, tínhamos canais de massa que se dirigiam a audiências enormes. Agora, cada vez mais, essas audiências diminuem. Tínhamos a comunicação de poucos para muitos, hoje, tende a aumentar a comunicação de muitos para muitos, com grupos menores ou comunidades que interagem. Multiplicam-se as possibilidades de comunicação e as pessoas conectadas via Internet são ao mesmo tempo emissoras e receptoras.
	Entretanto, não nos esqueçamos de que redes sociais sempre existiram. As sociedades sempre viveram em rede, ou em redes. Ao longo da vida e da história, as pessoas têm feito parte de várias redes: família, trabalho, grupo de amigos, associações de várias espécies, comunidades. Com o advento da Internet aumentaram as facilidades para constituírem-se redes, as possibilidades e a capacidade de as redes ultrapassarem os limites de espaço e tempo.
	Dessa forma, as redes sociais não surgiram ou foram inventadas agora. O que surgiram foram as redes sociais mediadas por computadores e outros dispositivos. O avanço tecnológico proporcionou um aumento exponencial do efeito de rede, modelando a sociedade atual. As novas tecnologias da comunicação permitem a formação de redes informais e comunidades de aprendizagem, troca de ideias, entretenimento, cuja afinidade é o encontro num ambiente virtual. Da mesma maneira, as afinidades existentes ou geradas podem proporcionar a formação de redes porque o encontro de interesses semelhantes leva à procura dos meios de comunicação adequados.
	Logo, com as possibilidades de comunicação da Internet, as pessoas não querem mais apenas receber conteúdo, mas querem também participar; acrescentar seus comentários ao que é comunicado e postar também suas próprias mensagens, vídeos, fotos. Rejeita-se, cada vez mais, a posição de receptor passivo. As pessoas tendem a participar e interagir. A comunicação vai se tornando mais horizontal e diminui a verticalidade da comunicação de massa, em que alguns poucos meios tinham mais poder de definição sobre os conteúdos.

- 7 Tendo o texto de Jackson como referência, o que você pensa que deve haver em uma introdução? Assinale com um “X” as opções abaixo e, em seguida, discuta-as com o(a) professor(a):

<input type="checkbox"/>	Apresentar, em linhas gerais, os temas (geral e/ou específico).
<input type="checkbox"/>	Evidenciar o posicionamento ou a tese do(a) articulista.
<input type="checkbox"/>	Propor uma solução para a discussão.
<input type="checkbox"/>	Justificar o posicionamento e/ou a tese do(a) articulista.
<input type="checkbox"/>	Argumentar com vistas à sustentação do posicionamento.

- b) Selecione outros articuladores textuais que substituiriam, sem problemas de coerência, os articuladores textuais empregados nos parágrafos. Se preciso, procure ajuda de um dicionário:

1º parágrafo	2º parágrafo	3º parágrafo	4º parágrafo
() Antes	() Contudo	() Nesse sentido	() Enquanto
() Hodiernamente	() Também	() Todavia	() Portanto
() Hoje	() Então	() Por isso	() Finalmente
() Depois	() Mas	() Embora	() Aliás

ATIVIDADE 4 – Articulando partes de um artigo de opinião

- 1 Observe o modelo abaixo e elabore um parágrafo introdutório de um futuro artigo de opinião, o qual circulará no jornal ou blog da escola, sobre: **Como as redes sociais digitais têm ajudado a construir uma opinião pública?**



- a) Pesquise sobre tema: redes sociais e opinião pública.

Anexo F - Artigo de opinião Quem aguenta tanta opinião (e intolerância) nas redes sociais? e compilado das atividades (Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens de língua portuguesa do 9.º ano - pp. 205 a 207).

ATIVIDADE 5 – Argumentação, redes sociais e a construção de uma opinião pública

- 1 Em duplas, leiam o artigo de opinião a seguir:

Quem aguenta tanta opinião (e intolerância) nas redes sociais?

Por Paulo Silvestre

Na última segunda-feira, estive com um colega para uma animada conversa sobre como a tecnologia digital vem mudando as empresas e a vida das pessoas. Hoje trabalhamos, estudamos, nos divertimos, compramos e até paqueramos de maneira completamente diferente do que fazíamos há uns 15 anos. Mas talvez uma das mudanças mais dramáticas é que hoje todo mundo é capaz de emitir a sua opinião sobre absolutamente qualquer coisa com o potencial de influenciar uma quantidade enorme de pessoas. Daí vem a pergunta: que tipo de opinião as pessoas estão emitindo pela rede e qual o impacto disso?

Tudo isso começou com a liberação da Internet comercial, em 1994. Mas o divisor de águas foi a combinação das redes sociais com os smartphones, o que aconteceu há mais ou menos uma década. Pela primeira vez na história, as pessoas tinham um computador poderoso e permanentemente online onde estivessem e a qualquer hora. Além disso, tinham o canal perfeito para falar o que bem entendessem. E foi aí que a porca torceu o rabo. Isso vem acontecendo com muita força há pouco tempo. As pessoas veem algo que não gostam e deixam de pensar com o cérebro, para pensar com o fígado.

A possibilidade de podermos nos expressar livremente é uma das coisas mais maravilhosas que existe, e os meios digitais elevaram isso a um patamar até então inimaginável. Mas o fato de podermos fazer qualquer coisa não nos dá o direito de abusarmos disso. No caso dessa chance de nos expressarmos, o exagero acontece na forma de discursos de intolerância e de ódio, pois afinal, “a minha opinião vale muito e é ela que tem que valer”. Daí descarregam nas redes sociais o resultado de tanta amargura, não importa se aquilo prejudicará ou simplesmente magoará alguém.

Entram em cena os algoritmos de relevância das redes sociais, que são construídos para colocar em contato pessoas que pensam de maneira semelhante. E então, aquela opinião carregada de sentimentos ruins, que antes ficaria restrita a um pequeno grupo, pode correr o mundo como um rastilho de pólvora e inflamar uma enorme quantidade de pessoas. E o estrago pode ser gigantesco.

Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/blogs/macaco-eletrico/quem-aguenta-tanta-opiniao-e-intolerancia-nas-redes-sociais/>. Acesso em 18 fev. 2018.

2 Retire do artigo de opinião de Paulo Silvestre:

a) Situação-problema motivadora para a escrita do texto:

b) Posicionamento sobre o assunto de relevância social:

c) Os dois argumentos pertinentes para a defesa da tese / do posicionamento:

• **ARGUMENTO 1**

• **ARGUMENTO 2**

d) Reflexão para o(a) leitor(a) explícita na conclusão do artigo:

e) Estratégia argumentativa empregada nos argumentos:

• **ARGUMENTO 1**

• **ARGUMENTO 2**

3 Duas expressões típicas da oralidade que almejam proximidade com o(a) leitor(a) do texto:



RODA DE CONVERSA

Nesta Unidade, estamos debatendo sobre o uso, a ocupação e integração das redes sociais na sociedade atual. Nesse sentido:

- Você acha que as opiniões dos internautas expostas nas redes sociais contribuem para a construção de uma opinião pública?
- Discuta com os(as) colegas de classe e apresente o seu posicionamento em relação ao assunto.